

CORREIO BRAZILIENSE

DE MARÇO, 1814.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera la chegára.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

DECRETO,

Sobre os Magistrados empregados no Exercito.

TENDO consideração a que os serviços feitos pelos magistrados empregados nas repartiçoens Civis dos Exercitos, e pelos Auditores, saõ nas actuaes circumstancias para elles muito peizados e incommodos, e de grande importancia para a causa publica, pelo fornecimento de viveres e transportes, necessario á subsistencia, e marcha das minhas tropas, e pela manutenção da disciplina e boa ordem, que se consegue pela prompta averiguação, e castigo de delictos commettidos ; naõ merecendo menos contemplação que os praticados nos Lugares ordinarios da Magistratura : Hei por bem ordenar, que os magistrados empregados nos Lugares de Inspectores dos Transportes, e nos de Commissarios, e os Auditores do Meu Exercito de Portugal, tenhaõ no fim de cada triennio, os accessos, que lhes competirem nos Lugares a que estiverem a caber até árelação e Casa do Porto, quando nelles concorrerem as circumstancias de aptidaõ, e bom desempenho dos seus deveres no serviço do mesmo Exercito, sem vexame dos povos. A meza do Desembargo do Paço o tenha assim entendido, e

o faça executar com os Despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 26 de Novembro, de 1813.

Com a Rubrica do

PRINCIPE REGENTE, N. S.

PORTARIA,

Que prohibe gazalhados nos Navios de Guerra.

Tendo constado ao Principe Regente N. S. que não obstante a expressa prohibição do Artigo 27, dos de Guerra, estabelecidos para o serviço, e disciplina da Armada Real, se recebem a bordo das Embarcações de Guerra Mercadorias de Particulares a titulo de *agazalhados*, não sendo bastantes a evitar um tão escandaloso abuso a pena imposta aos commandantes das mesmas embarcações, e a quaesquer officiaes nellas embarcados, que uma similhante cousa practicarem, ou consentirem : Manda Sua Alteza Real, em ampliação do sobredito artigo, que sem expressa licença do mesmo Senhor, expedida pela Secretaria de Estado competente, se não possam admittir a bordo das Embarcações de Guerra effeitos alguns, que não sejam destinados ao uso dellas, debaixo da pena irremissivel, além da já estabelecida, do perdimento dos mesmos effeitos, metade para as Despezas do Arsenal de Marinha, e outra parte para o Denunciante. O Conselho do Almirantado, e as mais Authoridades, a quem o conhecimento desta Portaria pertencer, assim o tenham entendido, e fação executar sem dúvida ou embargo algum.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reyno.

Palacio do Governo, em 3 de Fevereiro, de 1814.

Alvará sobre o Commercio da escravatura.

Eu o Principe Regente faço saber, aos que este meu Alvará com força de Lei virem : que tendo tomado na

minha Real consideração os mappas de população deste Estado do Brazil, que mandei subir á minha Real presença, e manifestando-se á vista delles, que o numero dos seus habitantes não he ainda proporcionado á vasta extensão dos meus dominios nesta parte do mundo, e que he por tanto insufficiente para supprir, e effectuar com a promptidão, que tenho recommendado, os importantes trabalhos, que em muitas partes se tem já realisado, taes como de aberturas de communicações interiores, assim por terra, como pelos rios, entre esta capital e as differentes capitánias deste Imperio; o augmento da agricultura; as plantações de canhamos, de especiarias, e de outros generos de grande importancia, e de conhecida utilidade, assim para o consumo interno, como para exportação; o estabelecimento de fabricas, que tenho ordenado; a exploração, e extracção dos preciosos productos dos Reynos mineral, e vegetal, que tenho animado, e protegido; artigos de que abunda este ditoso, e opulento paiz, especialmente favorecido na distribuição das riquezas repartidas pelas outras partes do globo: e que tendo considerado similhantemente que as disposições providentes, que tenho ordenado a bem da população destes meus dominios, não pódem repentinamente produzir os seus saudaveis effectos, por dependerem do successivo tracto do tempo, não sendo por isso possivel facilitar o supprimento dos operarios, que a enfermidade, e a morte diariamente inhabilitão, ou extinguem; se me fez manifesta a urgente necessidade de permittir o arbitrio, até agora practicado, de conduzir, e exportar dos portos de Africa braços, que houvessem de auxiliar, e promover o augmento da agricultura, e da industria, e procurar por uma maior massa de trabalho, maior abundancia de producções. Mas tendo-me sido presente o tratamento duro, e inhumano, que no transitio dos portos Africanos para os do Brazil sofrem os negros, que delles se extrahem; chegando a tal

extremo a barbaridade, e sordida avareza de muitos domestres das embarcações, que os conduzem, que, seduzidos pela fatal ambição de adquirir fretes, e de fazer maiores ganhos, sobre carregam os navios, admittindo nelles muito maior numero de negros, do que podem convenientemente conter; faltando-lhes com alimentos necessarios para a subsistencia delles, não só na quantidade, mas até na qualidade, por lhes fornecerem generos avariados, e corruptos, que podem haver mais em conta; resultando de um tão abominavel trafico, que se não pôde encerrar sem horror, e indignação, manifestarem-se enfermidades, que por falta de curativo, e conveniente tratamento, não tardaõ a fazerem-se epidemicas, e mortaes, como a experiencia infelizmente tem mostrado: não podendo os meus constantes, e naturaes sentimentos de humanidade, e beneficencia tolerar a continuacão de taes actos de barbaridade, commettidos com manifesta transgressão dos direitos divino, e natural, e regias disposições dos senhores Reys, meus augustos progenitores, transcritas nos alvarás de dezoito de Março de mil seis centos e oitenta e quatro, e na carta de Lei do primeiro de Julho de mil setecentos e trinta, que mando observar em todas aquellas partes, que por este meu alvará não forem derogadas, ou substituidas por outras disposições mais conformes ao presente estado das cousas, e ao adiantamento, e perfeição, a que tem chegado os conhecimentos phisicos, e novas descobertas chemicas, maiormente na parte, que respeita ao importante objecto da saude publica: sou servido determinar, e prescrever as seguintes providencias, que inviolavelmente se deverãõ observar, e cumprir.

1. Convindo para a saude, e vidas dos negros, que dos portos de Africa se conduzem para os deste Estado do Brazil, que elles tenhaõ, durante a passagem, lugar sufficiente, em que se possaõ recostar, e gozar daquelle descanso indispensavel para a conservacão delles, não devendo

as dimensões do espaço necessario para aquelle fim, depender do arbitrio, ou capricho dos mestres das embarcações, suppostos os motivos, que ja ficaõ referidos: hei por bem determinar, conformando-me ás proporções que outros estados illuminados estabeleceram, relativamente a este objecto, e que a experiencia constante manifestou corresponder aos fins, que tenho em vista; que os navios, que se empregarem no transporte dos negros, não hajaõ de receber maior numero delles, do que aquelle que corresponder á proporção de cinco negros por cada duas toneladas; e esta proporção só tera lugar até a quantia de duzentas e uma toneladas; porque a respeito das toneladas addicionaes, além das duzentas e uma, que acima fição mencionadas, permitto que somente se admitta um negro por cada tonelada adicional. E para prevenir as fraudes, que se poderiaõ practicar conduzindo maior numero de individuos, do que os que ficaõ regulados pelas estabelecidas disposições, e acautelar similhantemente os extravios dos meus Reaes direitos, e enganos, que commettem alguns mestres de embarcações, que conduzindo negros por sua conta, e por conta de particulares, costumaõ supprir a falta dos seus proprios negros, quando esta acontece por molestia, ou outro qualquer infortunio, appropriando-se dos negros de outros proprietarios, e fazendo iniqua, e dolosamente soffrer a estes a perda, quando só devia recahir sobre o mesmo mestre: determino que cada embarcação haja de ter um livro de carga, distribuido da mesma fórma dos que servem para as fazendas: que na margem esquerda deste livro se carregue o numero dos Africanos, que embarcaram, com a distincção do sexo; declarando-se se são adultos, ou crianças; a quem vem consignados, e indicando-se a marca distinctiva, que o denote; devendo ser na columna, ou margem do lado direito que se faça em frente a descarga do individuo, que fallecer, declarando-se a sua qualidade, marca, e o consignatario, a que era remettido. E repug-

nando altamente aos sentimentos de humanidade, que se permita, que taes marcas se imprimaõ com ferro quente : determino que taõ barbaro invento mais se naõ pratique ; devendo substituir-se por uma manilha ou colleira, em que se grave a marca, que haja de servir de distinctivo ; ficando sujeitos os que o contrario practicarem á pena da ordenaçãõ livro quinto, titulo trinta e seis paragrafo primeiro, in principio. Para a devida legalidade da escripturaçãõ acima indicada : mando que o livro, em que ella se fizer, seja rubricado pelo Juiz da alfandega, ou quem seu lugar fizer, no porto de que sahir a embarcaçãõ ; devendo os mestres, logo que derem entrada nos portos deste Estado do Brazil, apresentar este livro ás inspecções, e auctoridades, que eu para isso houver de estabelecer : e succedendo que, em transgressãõ do que tenho determinado, se introduza maior numero de negros a bordo do que aquelle, que fica estabelecido, incorrerãõ os transgressores nas penas declaradas pela carta de Lei do primeiro de Julho de mil setecentos e trinta, que nesta parte mando que se observe, como nella se contém : e para que possa legalmente constar se se observa esta minha Real determinaçãõ : mando que as embarcações empregadas nesta conduçãõ, e transporte sejaõ visitadas ao tempo da sahida do porto, em que carregãram, e o da chegada áquelle, a que se destinã, pelos respectivos juizes da alfandega, intendencia, ou daquella auctoridade, que eu houver de destinar para aquelle effeito.

2. Importando similhantemente para a conservaçãõ da saude, e para a precauçãõ, e curativo das molestias, a assistencia de um habil cirurgião : ordeno que todas as embarcações destinadas para a conduçãõ dos negros, levem um cirurgião perito ; e faltando este, se lhes naõ permittirá a sahida. E convindo premiar aquelles, que pela sua pericia, desvelo, e humanidade contribuirem para a conservaçãõ da saude, e para o curativo, e restabelecimento

dos negros, que se conduzirem para estes portos do Brazil : sou servido determinar, que succedendo não exceder de dous por cento o numero dos que morrerem na passagem dos portos de Africa para os do Brazil, haja de se premiar o mestre da embarcação com a gratificação de duzentos e quarenta mil reis, e de cento e vinte o cirurgião; e não excedendo o numero dos mortos de tres por cento, se concederá assim ao mestre, como ao cirurgião metade da gratificação, que acima fica indicada, a qual sera paga pelo cofre da saude : e quando succeda que o numero dos mortos seja tal, que faça suspeitar descuido, ou na execução das providencias destinadas para a salubridade dos passageiros, ou no curativo dos enfermos : determino que o ouvidor do crime, a quem mando se a presentem os mappas necrológicos de cada embarcação, haja de proceder a uma rigorosa devassa, a fim de serem punidos severamente, na conformidade das Leys, aquelles que se provar terem deixado de executar as minhas Reaes ordens relativas ao cumprimento das obrigações, que lhes são impostas sobre um tão importante objecto.

3. Para melhor, e mais regular tractamento dos enfermos, e para acautelar a communicacão das molestias, que por falta de convenientes precauções se podem constituir epidemicas, ou tornarem-se mais graves, por se prescindir do preciso tracto, accio, e fornecimento de alimentos proprios : determino que no castello de Prôa, ou em outra qualquer parte do navio, que se julgar mais propria, se estabeleça uma enfermaria, para onde hajam de ser conduzidos os doentes, para nella serem tractados, na fórma que tenho mandado praticar a bordo dos navios de guerra : e não sendo possivel que o cuidado, e tractamento dos enfermos se entreguem a pessoas, que incumbidas de outros serviços, não podem assistir na enfermaria com aquella assiduidade, que convém : determino, ampliando o capitulo decimo da Ley de duzoito de Março de mil seis centos e

oitenta e quatro, que se destinem duas, tres, ou mais pessoas, segundo o numero dos doentes, para que hajaõ de se occupar do tractamento delles, e que para isso sejaõ dispensadas de todo, e qualquer outro serviço.

4. Para acautelar similhantemente a introducção de molestias a bordo: determino que senaõ admitta a embarque pessoa alguma que padecer molestia contagiosa, para cujo effeito se deveraõ fazer os competentes exames pelo delegado do physico Mór do Reyno, quando o haja, e seja da profissaõ, pelo cirurgião, ou medico, que se achar no porto de embarque, e pelo cirurgião do navio.

5. Concorrendo essencialmente para a conservação, e existencia dos individuos, que se exportaõ dos portos de Africa, que os comestiveis, que os mestres das embarcações devem fornecer á guarnição, e passageiros, sejaõ de boa qualidade, e que na distribuição delles se forneça a cada um a sufficiente quantidade: ordeno que os mantimentos, que os mestres se propozarem a embarcar, hajaõ de ser primeiro approvados, e examinados em terra na presença do delegado do physico mór do Reyno, havendo-o, do medico, ou cirurgião, que houver no lugar do porto de embarque, e do cirurgião do navio; e sendo approvados os mantimentos, assim pelo que respeita á qualidade, como á quantidade, se requererá ao governador a competente licença para os embarcar; e por taes exames, visitas, e licenças naõ pagaraõ os mestres emolumentos alguns. É repugnando aos sentimentos de humanidade que se tolere, em quanto a esta parte, o mais leve desvio, e negligencia, e mais ainda que fiquem impunes taes condescendencias na approvação dos comestiveis, que de ordinario procede de principios de venalidade, peitas, e ganhos illicitos, approvando-se os que deveriaõ ser regeitados como nocivos; ordeno mui positivamente aos governadores e capitães generaes, governadores, ou aos que as suas vezes fizerem, naõ concedaõ licença para que se embarquem taes manti-

mentos, constando-lhes que a approvaçãõ não fora feita com a devida sinceridade ; mas antes façãõ proceder a novo exame, participando-me o resultado, a fim de que sejaõ punidos na conformidade das Leys os transgressores dellas : e recommendo aos governadores mui efficaçmente, que hajaõ de comparecer, todas as vezes que as suas occupa- ções lho permittirem, a taes averiguações, visitas, e exames, a fim de que os empregados subalternos hajaõ de ser mais exactos, e pontuaes no cumprimento das obrigações, que lhes saõ impostas, na execuçaõ das quaes tanto interessaõ a humanidade, e o bem do meu Real serviço.

6. Posto que o feijaõ seja o principal alimento, que a bordo das embarcações se fornece aos Africanos, tendo-se reconhecido pela experiencia que estes o repugnaõ, e re- geitaõ passados os primeiros dias da Viagem, convém que se reveze, dando-lhes uma porçaõ de arroz, ao menos uma vez por semana, e misturando o feijaõ com o milho, ali- mento que os negros preferem a qualquer outro, não sen- do o mandoby, que entre elles tem o primeiro lugar, e que por tanto se lhes deve facilitar ; fornecendo-se a compe- tente porçaõ de peixe, e carne seca, que igualmente deverá ser de boa qualidade ; e para preparo da comida se empregaraõ caldeirões de ferro, ficando reprovados os de cobre.

7. Sendo a falta de uma sufficiente porçaõ de agoa a que mais custa a supportar, principalmente a bordo dos navios sobre carregados de passageiros, e em quanto se não afastaõ das adustas costas de Africa ; e tendo-se reconhecido que de uma tal falta resultaõ ordinariamente as molestias, e a morte de um grande numero de negros, victimas da inhumanidade, e avides dos mestres das embarcações ; de- termino que a agoada haja de regular-se na razaõ de duas canadas por cabeça em cada um dia, assim para beber, como para a cozinha ; regulando-se as viagens dos portos de Angola, Benguela e Cabinda para este do Rio de Ja-

neiro a cincoenta dias, daquelles mesmos portos para a Bahia e Pernambuco de trinta e cinco a quarenta dias, e de tres mezes quando o navio venha de Moçambique; e da sobredita porção de agoa se deverá fornecer a cada individuo impreterivelmente uma Canada por dia, para beber; a saber, meia Canada ao jantar, e meia Canada á cêa: e querendo que mais se não pratique a barbaridade, com que se procedia na distribuição da agoa, chegando a humanidade ao ponto de espancar aquelles, que, mais afflictos pela sêde, vinhaõ mui apressadamente saciar-se: determino que, conservando-se a practica estabelecida para a comida dos negros, dividindo-se estes em ranchos, de dez cada um, se forneça similhantemente a cada rancho a porção de agoa, que toca, a razão de meia Canada por cabeça, assim ao jantar como á cêa; fornecendo-se a cada rancho um vaso de Madeira, ou cassengos, que contenha cinco Canadas de Agoa.

8. Dependendo a conservação da Agoa, assim pelo que respeita á sua quantidade, como á sua qualidade, de que as vasilhas, pipas, ou toneis estejam perfeitamente rebatidas, e vedadas, e perfeitamente limpas: determino que se não admittão para agoada cascós, que não tenham aquelles requisitos; devendo excluir-se todos aquelles, que tenham servido para vinho, vinagre, agoardente, ou para qualquer outro uso, que possa contribuir para a corrupção da agoa: e no exame do estado de taes vasilhas: ordeno que se proceda com a mais rigorosa indagação.

9. Tendo a experiencia feito reconhecer que do maior cuidado, e vigilancia no aceio, e limpeza das embarcações, e da frequente renovação do ar depende a manutenção da saude dos navegantes, e ainda mesmo o pessoal interesse dos proprietarios dos navios, por isso que não recebem frete pelo transporte dos negros, que morrem na travessia da Costa de Leste para os Portos deste conti-

nente: determino que navio nenhum destinado para a condução de negros, haja de sahir dos portos dos meus dominios na costa de Africa, sem que se proceda a um severo exame sobre o estado de aceio, em que se achar; negando-se as competentes licenças de Sahida áquelles, que não estiverem em conveniente estado de limpeza; e um similhante exame se deverá praticar nos portos onde o navio ou embarcação vier descarregar; ficando sujeitos ao mesmo exame oscapitães, que transportarem para os portos do Brazil negros, conduzidos de outros portos; pois que não executando as providencias ordenadas neste Alvará, ficarão sujeitos ás penas por elle declaradas quanto aos transgressores.

10. Deverá o capitão, ou Mestre do Navio ter particular cuidado em fazer amiudadamente renovar o ar, por meio de ventiladores, que será obrigado a levar para aquelle effeito; e deverá similhantemente o Mestre ou Capitão do navio ou embarcação fazer conduzir de manhã, e de tarde ao Tombadilho os negros, que trouxer a bordo, a fim de respirarem hum ar livre; facilitando-lhes todos os dias de manhã, que forem de nevoa, uma conveniente porção de agoardente, para beberem; obrigando-os a banharem-se pelo meio dia em agoa salgada.

11. Com o mesmo saudavel intento de prevenir que as molestias se propaguem a bordo, e se tornem contagiosas: Determino que na ultima visita, que se fizer a bordo, antes da sahida do navio, que transportar negros dos meus dominios na Costa de Africa, se examine o estado, em que se achão aquelles negros; e que succedendo achar-se algum, ou alguns enfermos de molestia, que possa communicar-se, ou exigir mais cuidadoso curativo, devão desembarcar, para serem curados em terra: e quando a minha Real Fazenda tenha recebido os direitos de exportação: mando que o Escrivão da Alfandega, ou quem suas vezes fizer, haja de passar ascauteladas necessarias, para que se abo-

nem a quem tocar os direitos, que tiver pago pelo negro, ou negros, que tiverem desembarcado, depois de os haver pago; descontando-se-lhes taes direitos na sahida de igual numero de negros, que embarcarem nas subseqüentes embarcações; bem entendido, que a esta ultima visita e decizão deverãõ assistir o physico mór do districto, onde o houver, na falta delle o cirurgião da terra, o do navio, e o delegado do physico mor do reino: e por estes facultativos se passará uma attestação jurada, em que se declare a enfermidade, e mais signaes distinctivos do negro, que mandáram desembarcar, e o numero dos que proseguem viagem; e chegando ao porto a que forem destinados taes navios, deverá o mestre, ou capitão apresentar aquella attestação ao governador e capitão-general, governador, que alli rezidir, ou a quem suas vezes fizer, para que este haja de a enviar á minha Real rezença pela secretaria de estado dos negocios da marinha, e dominios ultramarinos; e deverá o mestre, ou capitão entregar hum duplicado da mesma attestação ao delegado do physico mór do reino, que se achar no porto do desembarque, ou a quem suas vezes fizer; e entrando o navio no porto desta cidade, e corte do Rio de Janeiro, deverá o mestre, ou capitão entregar a tal attestação na mesma secretaria de estado dos negocios da marinha, e dominios ultramarinos, e um duplicado della ao physico mór do reino, ou a seus delegados.

12. Não sendo menos importante occorrer, e prevenir que não soffra a saude publica, por falta das necessarias cautelas no exame do estado, em que chegãõ os negros ao porto do desembarque: e convindo que este se não permita antes das competentes visitas da saude, e de se reconhecer que não ha molestias a bordo, que sejam contagiosas: ordeno que em todos os portos deste continente, e outros, em que for permittido o desembarque dos individuos exportados da Costa de Africa, haja de estabelecer

se um lazareto, separado da cidade, escolhendo-se um lugar elevado, e sadio, em que deva edificar-se; e naquelle lazareto deverãõ ser recebidos os negros enfermos, para alli serem tractados, e curados, até que os facultativos, a que forem commettidas as visitas do lazareto, e o curativo dos doentes, os julguem em estado de poderem sahir para casa das pessoas, a quem vierem consignados; devendo estas concorrer com os meios necessarios para a subsistencia dos doentes, mediante uma consignaçaõ diaria, que mando seja arbitrada pela minha Real Junta do Commercio: e para que não aconteça que se commettão peitas, fraudes, e prevaricações na execuçaõ de tão necessarias precauções, difficultando-se, ou demorando-se o desembarque por capciosos pretextos com o reprovado intento de extorquir dos interessados gratificações illicitas, para obterem mais prompto despacho: hey por mui recommendado ao Physico mór do reino que haja de proceder com a mais escrupulosa indagação na escolha das pessoas, que se destinarem para semelhantes empregos; vigiando se cumprem com a fidelidade, e desinteresse, que devem, as suas importantes obrigações; e representando-me as extorsões, e venalidades, que se commetterem, a fim de que os delinquentes hajão de ser castigados com todo o rigor das leis. E para que me seja constante a exacção, com que se praticão estas minhas saudaveis, e paternaes providencias, e os effectos, que dellas resultão em beneficio da saude publica; determino que o dicto Physico mór do reino, por si, ou por seu delegado, haja de passar huma attestaçaõ jurada, que declare o numero dos fallecidos, e doentes, que se acharam a bordo no momento da chegada da embarcaçaõ; e que esta seja remetida á minha Real prezença pela secretaria de estado dos negocios da marinha, e dominios ultramarinos.

Pelo que: mando á Mesa do Desembargo do Paço; presidente do meu Real erario; Real Junta do Commercio, agri-

cultura, fabricas, e navegação; regedor da casa da supplicação, ou quem suas vezes fizer; governadores, e capitães generaes; desembargadores; ouvidores; provedores; juizes; justiças; officiaes; e mais pessoas dos meus reinos, e dominios, ás quaes o cumprimento deste meu alvará houver de pertencer, que o cumprão, e guardem, e fação cumprir, e guardar tão inviolavel, e inteiramente, como nelle se contem, sem duvida, ou embargo algum qualquer que esse seja, e não obstantes quaesquer leis, regimentos, alvarás, decretos, disposições, ou estilos em contrario, que todos, e todas hei por derogadas, como se delles fizesse individual, e expressa menção; ficando aliás sempre em seu vigor: e valerá como carta passada pela chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da ordenação em contrario. Dado no palacio da real Fazenda de Santa Cruz aos vinte e quatro de Novembro de mil oitocentos e treze.

PRINCIPE.

Conde das Galveas.

Alvará com força de lei, pelo qual vossa Alteza Real ha por bem regular a arqueação dos navios, empregados na conducção dos negros, que dos portos de Africa se exportão para os do Brazil; dando vossa Alteza Real, por effeito dos seus incomparaveis sentimentos de humanidade, e beneficencia as mais saudaveis, e benignas providencias em beneficio daquelles individuos.

Para Vossa Alteza Real ver.

Francisco Xavier de Noronha Torrezão o fez.

Registado nesta secretaria de estado dos negocios da marinha, e dominios ultramarinos a folhas 13 do livro 1. de leis, cartas, e alvarás. Rio de Janeiro em trinta de Novembro de mil oitocentos e treze.

ANTONIO ALVES DE BRITTO.

HESPAÑHA.

Documentos que acompanhavam o Decreto das Cortes, sobre a recepção de Fernando VII.

Carta de S. M. Fernando VII. á Regencia do Reyno.

A Divina Providencia, que por um dos seus arcanos permittio o meu transito do Palacio de Madrid para o de Valency, me concedeo tambem toda a saude, e forças, que necessitava, e a consolação de me não ter separado por um momento dos mui amados, irmaõ, e tio, D. Carlos, e D. Antonio. Neste Palacio achámos nobre hospitalidade: a nossa existencia tem sido depois taõ suave, quanto cabia nas minhas circunstancias; e empreguei o tempo desde aquella época do modo, o mais analogo ao meu novo estado. As unicas noticias que tenho tido da minha amada Hespanha nas subministraram as gazetas Francezas. Algum conhecimento me tem dado dos seus sacrificios por mim, da bizarrria, e inalteravel constancia dos meus fieis vassallos, da preseverante assistencia da Inglaterra, do admiravel comportamento do seu General em Chefe Lord Wellington, e dos Generaes Hespanhoes, e Alliados, que se tem distinguido. O Ministro Inglez deo nas suas communicaçoes de 23 de Abril, passado uma prova de estar prompto a receber propostas de paz, fundadas no reconhecimento da minha pessoa. Todavia os males do meu Reino continuáram. Estava neste estado de passiva, mas vigilante observação, quando o Imperador dos Francezes e Rei da Italia me fez espontaneamente por mão de seu Embaixador o Conde Laforest proposiçoens de paz, fundadas na restitução de minha Real Pessoa, na integridade e independencia dos meus dominios, sem clausula, que não fosse conforme á honra, decoro, e interesses da Nação Hespanhola. Persuadido de que a Hespanha depois da mais feliz e prolongada guerra não poderia fazer paz mais vantajosa, authorizei ao Duque de S. Carlos para que em meu

Real nome tratasse deste importante assumpto com o Conde de Laforest, plenipotenciario nomeado para o mesmo fim pelo Imperador Napoleão ; felizmente o concluiu ; e he nomeado o mesmo Duque para que o leve á Regencia, a fim de que em prova de confiança, que della faço, assigne as ratificaçoens segundo o costume, e me remetta o tractado sem perda de tempo. Quam satisfatorio me he fazer cessar a effusão de sangue, ver o fim de tantos males : e quanto desejo voltar a viver no meio de uns vassallos que tem dado ao universo um exemplo da mais acrisolada lealdade, e de um character o mais nobre e generoso.

FERNANDO.

Em Valency, a 8 de Dezembro, de 1813.

A Regencia do Reyno.

Carta da Regencia do Reyno a S. M. Fernando VII.

Senhor! A Regencia das Hespanhas, nomeada pelas Côrtes Geraes, e extraordinarias da Nação, tem recebido com o maior respeito a Carta, que V. M. se servio dirigir-lhe pelo Duque de S. Carlos, bem como o tractado de paz, e de mais documentos de que o mesmo Duque veio encarregado. A Regencia não pôde expressar a V. M. devidamente a satisfacção, e júbilo que lhe causou o ver a firma de V. M. ; e ficar por ella inteirada da boa saude, que goza em companhia de seus mui amados Irmaõ, e Tio, os Senhores infantes D. Carlos, e D. Antonio, bem como dos nobres sentimentos de V. M. para com a sua amada Hespanha. A Regencia todavia pôde expressar muito menos quaes são os do leal, e magnanimo povo, que o jurou por seu Rey, nem os sacrificios, que tem feito, faz, e fará até vello collocado no throno de amor, e justiça, que lhe tem preparado, ; e se contenta com manifestar a V. M. que he o amado, e desejado a toda a nação. A Regencia, que em nome de V. M. governa a Hespanha, se vê na precisaõ de communicar a V. M. o Decreto, que

as Côtres Geraes, e extraordinarias expediram no 1º. de Janeiro, de 1811, cuja copia acompanha esta. A Regencia transmittindo a V. M. este Decreto Soberano se excusa de fazer a mais mínima observação á cerca do tractado de paz; mas sim assegura a V. M., que nelle acha a prova mais authentica de que não tem sido infructuosos os sacrificios, que o povo Hespanhol tem feito para resgatar a Real Pessoa de V. M., e se congratula com V. M., de ver já mui proximo o dia, em que logrará a dita inexplicavel de entregar a M. V. a authoridade Real, que conserva em deposito fiel em quanto dura o captiveiro de V. M.

Deos conserve a V. M. muitos annos para bem da monarchia.

Senhor,

A. L. R. P. de V. M.

L. DE BOURBON, Cardeal Scala Arcebispo
de Toledo, Presidente.

José Luyando.

Carta de S. M. á Regencia do Reyno entregue por D. José Palafox e Melci.

Persuadido de que a Regencia se terá penetrado das circumstancias, que me determináram a enviar o Duque de S. Carlos, e de que o dicto Duque voltará segundo os meus ardentes desejos, sem perder instante, com a ratificação do tractado; e continuando a dar ao zelo, e amor da Regencia pela minha Real Pessoa mostras da minha confiança, lhe envio os apontamentos, que sobre a execução do tractado me communicou o Conde Laforest com D. José de Palafox e Melci, Tenente general de meus Reaes exercitos, Commendador de Montanchielos na Ordem de Calatrava, de cuja fidelidade, e prudencia estou cabalmente satisfeito. Ao mesmo tempo lhe fiz entregar uma copia literal do tractado, que confiei ao Duque de S. Carlos; para que no caso de que o expressado Duque por algum

acaso imprevisto não tivesse chegado a essa Côrte, nem podido informar a Regencia da sua commissaõ, faça as suas vezes em tudo o que podesse occorrer relativo ao dito tractado, seus effeitos e consequencias ; como tambem para que se o Duque de S. Carlos, cumprida a sua commissaõ, tivesse voltado, ou houvesse de voltar, fique o referido Palafox nessa Côrte, para que a Regencia tenha nelle um canal seguro por onde possa communicar-me quanto for tendente ao meu Real serviço.

FERNANDO.

Valencey, 23 de Dezembro, de 1813.

A' Regencia de Hespanha.

Resposta da Regencia a esta Carta.

Senhor! A Carta de V. M. datada de Valencey, em 23 de Dezembro do anno proximo passado, que trouxe o Tenente-general D. José de Palafox, offereceo pela segunda vez á Regencia a grata consolação de saber da saude de V. M. Uma communicação, tão interrompida como desejada, he o mais certo preludio de que he chegado o momento tão suspirado pelos Hespanhoes de conseguirem a liberdade da Real Pessoa de V. M. ; liberdade que elles, pondo a esperanza na Divina Providencia, tem sempre olhado como escrita no livro dos Decretos eternos. A Regencia, exaltado o seu espirito com a proxima posse de tamanha dita, já escúta os accentos de V. M. ; já o vê chegar, e já lhe entrega uma authoridade, que lhe estava confiada, e que péza tanto, que só póde descansar sobre os robustos hombros de um monarcha, que restabelecendo as nossas Côrtes do seu mesmo captiveiro, tornou livre um povo escravo, e affugentou do throno das Hespanhas o monstro feroz do despotismo. Louvores mui grandes são devidos, e se retribuem a V. M. por tão nobre façanha. A Regencia não pode deixar de referir-se a tudo quanto disse a V. M. na respeitosa Carta, que lhe dirigio por mão Duque de S. Carlos ; e só accrescentará agora para

noticia de V. M. que um seu Embaixador extraordinario plenipotenciario está nomeado já para um Congresso, em que as Potencias belligerantes e alliadas de V. M. vão dar a' paz á Europa, assegurando-a do modo que convem, para que nunca torne a ser perturbada.

Alli no Congresso se assignará o tractado, que ratificará, não a Regencia, mas V. M. mesmo, neste seu Real Palacio de Madrid, onde terá voltado na mais absoluta liberdade para occupar um throno, em que resplandeceraõ ao mesmo tempo os heroicos sacrificios dos Hespanhoes com as virtudes sublimes de V. M.

Deos conserve V. M. muitos annos para bem da Monarchia.

Senhor,

A. L. R. P. de V. M.

L. DE BOURBON, Cardeal Scala Arcebispo
de Toledo, Presidente.

José Luyando.

*Instrucção dada por S. M., o Senhor D. Fernando VII., a
D. José Palafox e Melci.*

A copia que se vos entrega da instrucção dada ao Duque de S. Carlos, vos manifestará com clareza a sua commissão, para cujo feliz exito deveis contribuir, obrando de acordo com o dito Duque em tudo o que necessite a vossa assistencia, sem vos separardes em coisa alguma do seu dictamen, como o requer a unidade, que deve haver no assumpto de que se trata, e porque o mencionado Duque he quem por mim se acha authorizado. Depois da sua sahida daqui tem havido algumas novidades favoraveis aos preparativos da execução do tractado, que se acham no apontamento seguinte, dado em 18 de Dezembro pelo plenipotenciario, Conde de Laforest.

Tenha-se presente, que logo depois da ratificação pôde a Regencia ordenar uma suspensão geral de hostilidades, e que os Senhores Marechaes, Commandantes em

Chefe dos exercitos do Imperador accederaõ por sua parte a ella. A humanidade exige que se evite de ambas as partes o derramento inutil de sangue.

Faça-se saber que o Imperador, querendo facilitar a prompta execuçaõ do tractado, elegeo o Senhor Marechal Duque de Albufera por seu Commissario nos termos do artigo VII. O Senhor Marechal recebeu os plenos poderes necessarios de S. M. para que logo que se verifique a ratificaçaõ da Regencia, se conclua uma convençaõ militar relativa á evacuaçaõ das Praças, tal qual foi estipulada no tractado, com o Commissario, que poder logo enviar-lhe o Governo Hespanhol.

Entenda-se igualmente, que a torna dos prisioneiros naõ experimentará demora alguma, e que dependerá unicamente do Governo Hespanhol acceleralla ; pois o Senhor Duque de Albufera se acha igualmente encarregado de estipular na convençaõ militar, que os Generaes, e Offioiaes poderaõ restituir-se pela posta ao seu Paiz, e que os Soldados sejaõ entregues na fronteira até Bayona, e Perpinhaõ, á medida que vaõ chegando a ella.

Em consequencia deste apontamento a Regencia terá dado as suas ordens para a suspensaõ das hostilidades, e terá nomeado commissario da sua confiança para realizar pela sua parte o contheudo delle.

(Assignado)

FERNANDO.

Valencey, 23 de Dezembro, de 1813.

A D. José Palafox.

POTENCIAS ALLIADAS CONTRA A FRANÇA.

Declaraçaõ das Potencias Alliadas a respeito do rompimento das Negociaçoens em Chatillon.

As Potencias Alliadas deviam a si mesmas, ao seu povo, e á França, declarar publicamente, logo que as Negociaçoens em Chatillon se rompêram, a razãõ que as induzio a entrar em negociaçoens com o Governo Francez, e igualmente as causas do rompimento destas negociaçoens.

Acontecimentos militares, aque a historia não póde produzir paralelo, destruíram no mez de Outubro passado o mal construido edificio, conhecido pelo nome de Imperio Francez, erigido sobre as ruínas de Estados antecedentemente independentes, e felices ; á custa ao mesmo tempo, do sangue, da fortuna, e da prosperidade de toda uma geração.

Os Soberanos Alliados, guiados pela conquista até o Rheno, assentáram que éra do seu dever proclamar novamente á Europa, os seus principios, os seus desejos, e o seu objecto. Longe de todo o desejo de dominio, ou conquista, animados somente pelo desejo de ver a Europa restituída a uma justa balança dos seus differentes poderes, resvolidos a não depôr as armas em quanto não tivessem obtido o nobre objecto dos seus esforços, fizéram saber a irrevocabilidade das suas resoluções por um acto publico, e não hesitaram declarar-se ao Governo inimigo, de uma maneira conforme á sua inalteravel determinação.

O Governo Francez fez uso das declarações francas das Potencias Alliadas, para expressar inclinação para a paz. Elle certamente tinha necessidade da apparencia desta inclinação, em ordem a justificar, aos olhos do povo os novos esforços que não cessava de requerer. Porém entretanto, tudo convencia os Gabinetes Alliados, que elle meramente se esforçava por tirar partido da apparencia de uma negociação, em ordem a prejudicar a opinião publica ao seu favor ; mas que a paz da Europa estava mui longe dos seus pensamentos.

As Potencias, penetrando as suas vistas secretas, resolvêram caminhar, e conquistar na mesma França, a paz há tanto tempo desejada. Exercitos numerosos atravessáram o Rheno, mal tinham passado as primeiras fronteiras, quando o Ministro Francez dos Negocios Estrangeiros appareceu nos postos avançados. Todos os procedimentos do Governo Francez não tiveram de então por diante outro objecto,

senão desencaminhar as opiniões, cegar o povo Francez, e lançar sobre os Alliados o odio de todas as misérias que acompanham uma invasão.

O curso dos acontecimentos tinha dado aos Alliados uma prova do pleno poder da Europa em liga; os principios que, depois da sua primeira união para o bem commun, tinham animado os Conselhos dos Soberanos Alliados, fôram amplamente desenvolvidos; nada mais os impedia para desenvolverem as condições da reedificação, do edificio commun; estas condições deviam ser taes que não podessem servir de impedimento para a paz, depois de tantas conquistas.

A Inglaterra, a unica potencia em estado de poder fornecer indemnizações para a França, podia fallar abertamente a respeito dos sacrificios, que estava prompta a fazer para uma paz geral. Os Soberanos Alliados tiveram fundamento para esperar, que a experiencia dos precedentes acontecimentos houvesse de ter alguma influencia sobre um conquistador, exposto á observação de uma grande nação, que pela primeira vez foi testemunha na mesma capital das misérias que elle tinha trazido á França.

Esta experiencia podera tello conveniêdo de que a conservação dos thronos está dependente principalmente da moderação, e da probidade. As Potencias Alliadas, contudo, convencidas de que o ensaio que ellas faziam, não devia ser prejudicial ás operações militares; vio que estas operações deviam continuar durante as negociações: a experiencia do passado, e as afflictoras revoluções mostraram-lhes a necessidade deste passo. Os seus Plenipotenciarios foram tractar com os do Governo Francez.

No meio tempo os exercitos victoriosos approximaram-se das portas da capital. O Governo tomou todas as medidas para obstar que cahisse nas mãos de um inimigo.

O Plenipotenciario de França recebeu ordens para propor um armistício, sobre condições, que eram conformes

ás que os Alliados mesmo julgavam necessarias, para a restauração de uma paz geral; offereceo o immediato rendimento das fortalezas nos paizes que a França havia de largar, tudo debaixo da condição de uma suspensão das operaçoens militares.

As Cortes Alliadas convencidas pela experiencia de vinte annos de que em negociaçoens com o Gabinete Francez era necessario ter muito cuidado em distinguir a intenção aparente da verdadeira, propozeram, em lugar disso, assignar immediatamente os preliminares da paz. Esta medida teria tido para a França todas as vantagens de um armisticio, sem expor os Alliados a perigar por uma suspensão de armas. Algumas vantagens parciaes, comtudo, acompanharam as primeiras manobras de um exercito ajunctado debaixo dos muros de Paris, composto da flor da geração presente, a ultima esperanza da nação, e as reliquias de um milhaõ de guerreiros, que, ou mortos no campo da batalha, ou abandonados no caminho de Lisboa até Moscow, tem sido sacrificados por interesses, com que a França nada tinha. Immediatamente as negociaçoens em Chatillon tomaram outra apparencia, o Plenipotenciario Francez ficou sem instrucçoens, e se foi embora em vez de responder ás representaçoens das Cortes Alliadas. Ellas déram ordem aos seus Plenipotenciarios para apresentarem o projecto de um tractado preliminar, comtudo todos os fundamentos que ellas julgavam necessarias para a restauração de uma balança de poder, e o qual poucos dias antes tinha sido apresentado pelo mesmo Governo Francez, em um momento, sem duvida, em que elle julgava a sua existencia em perigo. O projecto continha os alicerces para a restauração da Europa.

A França restituída ás fronteiras, que debaixo do Governo dos seus Reys, lhe tinha assegurado seculos de gloria, e prosperidade, devia ter com o resto da Europa, as bençaõs da liberdade, a independencia nacional, e a

paz. Estava absolutamente dependente do seu Governo acabar com uma só palavra, os soffrimentos da nação, restaurar-lhe, com a paz, as suas colonias, o seu commercio, e a restituição da sua industria. Que mais precisava?

Os Alliados tinham offerecido, com um espirito de pacificação, discutirem os seus desejos, sobre o objecto de conveniencia mutua, que houvesse de estender as fronteiras da França alem do que ellas eram antes das guerras da revolução.

Quatorze dias se passaram sem que o Governo Francez desse resposta alguma.

Os Plenipotenciarios dos Alliados insistiam em que se fixasse um dia para a acceitação ou rejeitação das condições da paz. Deixáram á liberdade do Plenipotenciario Francez o apresentar um contraproyecto, com condição que este contraproyecto concordasse em espirito, e no seu contheudo geral, com as condições propostas pelas Cortes Alliadas. O dia 10 de Março foi fixado pelo mutuo consentimento de ambas as partes.

Tendo este termo chegado, o Plenipotenciario Francez não produzio senão peças, cuja discussão, longe de adiantar o objecto proposto, só poderiam causar negociações infructuosas. Uma demora de poucos dias foi concedida a desejo do Plenipotenciario Francez. No dia 15 de Março, apresentou finalmente um contraproyecto, que não deixou duvida de que os soffrimentos da França não tinham mudado as vistas do seu Governo. O Governo Francez desdizendo-se do que elle mesmo tinha proposto, pedio em novo projecto, que nações, que eram inteiramente estranhas para a França, e que um dominio de muitos seculos não poderia argamaçar com a nação Franceza, houvessem de ficar agora parte della; de sorte que a França havia de reter fronteiras inconsistentes com os principios fundamentaes do equilibrio, e fóra de toda a proporção com as outras potencias grandes da Europa;

de sorte que havia de ficar senhora das mesmas posições, e pontos de aggressão, por meio dos quaes, o seu Governo, para desgraça da Europa, e da França, tinha effectuado a queda de tantos thronos, e tantas revoluções; que Membros da Familia reynante em França haviam de ser collocados sobre thronos estrangeiros; o Governo Francez, em uma palavra, aquelle Governo, que por tantos annos, tem buscado governar, não menos por discordia que por força de armas, havia de ficar sendo o arbitro das relações externas das potencias da Europa.

Continuando as negociações debaixo de taes circumstancias, os Alliados desprezando o que deviam a si mesmos,—ter-se-hiam desde aquelle momento desviado do glorioso alvo que tinham em vista—os seus esforços ter-se-hiam virado contra os seus povos.

Assignar um tractado sobre os principios do projecto Francez, seria por as armas nas mãos do inimigo commum; teriam enganado a expectação das nações, e a confidencia dos seus Alliados.

He em um momento tam decisivo para o bem do mundo, que os Soberanos Alliados renovam o solemne empenho, até que cheguem a alcançar o objecto da sua reuniaõ. A França, pelos seus males, so tem que lançar a culpa ao seu Governo. Só a paz pode curar a ferida, que um espirito de dominio universal, sem exemplo na historia, tem causado. *Esta paz há de ser a paz da Europa,* nenhuma outra pode ser accete. Ja he tempo que os Principes hajam de vigiar sobre o bem do povo, sem influencia estrangeira; que as nações hajam de respeitar a sua mutua independencia, que as instituções sociaes hajam de ser protegidas contra as revoluções diarias, a propriedade respeitada, e o commercio livre.

Toda a Europa tem absolutamente o mesmo desejo, de que a França participe das benções da paz. A França, cujo desmembramento as Potencias Alliadas nem podem,

nem querem permittir. A confidencia nas suas promessas pode achar-se nos principios a favor de que estão contendo.

Porem ¿ donde haõ de os Soberanos inferir, que a França ha de tomar parte nos principios que haõ de fixar a felicidade do mundo, quando elles vem que a mesma ambição, que tem causado tantos males á Europa, he ainda a mesma fonte que anima o Governo; de sorte que, em quanto o sangue Francez he derramado em torrentes, o interesse geral he sempre sacrificado a particulares; donde, em similhantes circumstancias, havia de vir a segurança para o futuro, se um tal systema desolador naõ achasse um freio na vontade geral da nação? Entaõ estará a paz da Europa segura, e nada poderá perturballa para o futuro.

FRANÇA.

Extracto dos Registros do Senado Conservativo.—Sessão de 3 de Abril, debaixo da Presidencia do Senador Conde Barthelemy.

DEPOSIÇÃO DE BONAPARTE.

A Sessão que tinha sido adiada principiou ás quatro horas, quando o Senador Conde Lambrechts leo o plano revisto e adoptado do decreto, que passou na sessão de hontem; e he nos termos seguintes:—

O Senado Conservativo, considerando que em uma monarchia constitucional, o monarcha existe somente em virtude da constituição fundada sobre o pacto social.

Que Napoleaõ Bonaparte, durante um certo periodo de governo firme, e prudente, deo á nação razoens para calcular para o futuro sobre actos de sabedoria, e justiça, porém que ao depois violou o compacto que o unia ao povo Francez, particularmente em levantar impostos e estabelecer taxas sem ser em virtude da ley, contra o expresso theor do juramento, que tinha dado ao subir ao

throno, conforme o Artigo 53 do Acto das Constituiçoens de 28 de Floreal, do anno 12.

Que elle commetteo este ataque sobre os direitos do povo, mesmo em adiar, sem necessidade, o Corpo Legislativo, e fazendo ser supprimida como criminosa, uma relação daquelle Corpo, cujo titulo, e parte na representação social, elle disputava.

Que elle emprehendeo uma serie de guerras em violação do Artigo 50, do Acto da Constituiçãõ, de 22 de Frimaire, do anno 8, que manda, que as declaraçoens de guerra, sejam propostas, debatidas, decretadas, e promulgadas, da mesma maneira que as leys.

Que elle expedio, inconstitucionalmente, varios decretos, infligindo pena de morte; particularmente os dous decretos de 5 de Março proximo passado, tendendo a fazer que fosse considerada como nacional, uma guerra que não teria havido, a não ser a sua illimitada ambiçãõ.

Que violou as leys constitucionaes pelos seus decretos a respeito dos prezos de estado.

Que annullou a responsabilidade dos Ministros, confundio todas as authoridades, e destruiu a independencia dos corpos judiciaes.

Considerando, que a liberdade da imprensa, estabelecida, e consagrada, como um dos direitos da naçãõ, tem estado sempre sujeita aos arbitrarios fins da sua politica; e que ao mesmo tempo tem sempre feito uso da imprensa, para encher a França, e a Europa, de falsas representaçoens, falsas maximas, doutrinas favoraveis ao despotismo, e insultos contra os governos estrangeiros. Que actos, e relaçãoens, ouvidos pelo Senado, tem soffrido alteraçoens na publicaçãõ.

Considerando, que em vez de reynar conforme os termos do seu juramento, com as unicas vistas do interesse, felicidade, e gloria da naçãõ Franceza, Napoleaõ tem completado as desgraças do seu paiz, pela sua recusaçãõ de

tractar sob condiçoens, que os interesses nacionaes requeriam que elle acceitasse; e que naõ compromettiam a honra Franceza.

Pelo abuso que elle fez de todos os meios, que lhe foram confiados, em homens, e em dinheiro.

Pelo abandono dos feridos, sem vestuario, sem auxilio, e sem subsistencia.

Por varias medidas, cujas consequencias fõram a ruina das cidades, a despovoação do paiz, fomes, e doenças contagiosas.

Considerando que por todas estas causas, o Governo Imperial, estabelecido pelo *Senatus Consultum* de 28 de Floreal, do anno 12, cessa de existir; e que o despejo manifestado por todos os Francezes exige uma ordem de cousas, cujos resultados devem ser a restauração da paz geral; e que deve tambem ser a era de uma solemne reconciliação de todos os estados da grande Familia da Europa.

O Senado declara, e decreta o seguinte:—

Napoleaõ Buonaparte tem perdido o throno, e o seu direito hereditario de estabelecer a sua familia está abolido.

A nação Franceza, e o exercito estaõ absolvidos do seu juramento de fidelidade para com Napoleaõ Buonaparte.

O presente decreto será mandado por uma mensagem ao Governo Provisional de França; levado em continente a todos os departamentos, e exercitos, e immediatamente proclamado em todas as partes da capital.

Sessão do dia 3 de Abril.

O Corpo Legislativo ajunctou-se no seu Palacio, na Sala usual das suas Sessãoens, em virtude do convite que recebeu hoje dos Membros do Governo Provisional. Mr. Felix Faulcon sentou-se na Cadeira. Messrs. Bois-Savary, Laborde, e Faure, Secretarios.

O Presidente leu uma sentença do Governo Provisional; com data de 2 deste mez, pela qual annuncia, que o Senado pronunciara a deposição de Napoleão Buonaparte, e da sua familia, e tem declarado, que os Francezes estão desligados para com elle de quaesquer vinculos civis ou militares, e de toda a obediencia. A esta sentença estava annexa uma copia da carta escripta no mesmo dia, á tarde, pelo Presidente do Senado, aos Membros do Governo Provisional, a communicar-lhe aquelle acto.

A Assembleia Legislativa, depois de ter deliberado em sessão secreta, e na forma usual, sobre aquella communicação importante, abriu a galeria ao publico, e adoptou a resolução de que o seguinte he a substancia:—

Considerando o Acto do Senado de 2 deste mez, pelo qual pronunciou a deposição de Napoleão, e de toda a sua familia, declarando todos os Francezes desligados dos vinculos civis e militares para com elle, e de toda a obediencia, considerando a sentença do Governo Provisional, pela qual o Corpo Legislativo he convidado a cooperar naquella importante medida; o Corpo Legislativo considerando que Buonaparte tem violado o compacto constitucional, e adoptando o acto do Senado, reconhece, e declara a deposição de Napoleão Buonaparte, e dos membros da sua familia.

A presente resolução será transmittida por uma mensagem, ao Governo Provisional, e ao Senado.

(Assignados) Felix Fautete, Presidente; Cauvin de Bois Savary, D'Laborde, Faure, Secretarios; Aubart, Barrot, Botta, Boutland, Bruys-Charly, Cazo de la Bove, Challon, Chapuis, Charles (Duhud), Chatenay-Lauty, Cherrier, Chirat, Claussel Coussergues, Clement, Colchen, Dalmassy, Dampmartin, Dauzar, Dalaterre, Duchesne-de-Gillevoisin, Dorbach, Ebaudy de Rochataille, Emerie David, Emmerly, Estourmel de Falaseau, Finot,

Flaurergues, Fournier de St. Lary, De Fourgerais, Gallois, Garnier, Geoffrey, Gerolt, De Girandin, Goulard, Gourlay, De Grote, Griveau, Jacobi, Janod, Jaubert, Lapiéd de la Seine, Lefevre, Lefevre-Gineau, Delesne Harel, Louvet, Metz, Moreau, Morellet, Pomartin, Perese, Petersan, Petit de Beauverger, Petit du Cher, Pietat Diodati, Poggi, Poyfere de Cere, de Prunele, Ragon-Gillet, Haynovard, Rigaud de Isle, Riviere, Rossee, le Baron de Septenvilles, Silvestre, Strurtz, Thyri, Travaglini, van Recum, Vignerou, Villiers, de Walduer Freundsten.

Ordenou-se que esta sentença fosse impressa, e que se entregassem seis exemplares a cada Membro do Corpo Legislativo.

Por outra resolução adoptada na Sessão, devem apresentar-se em corpo a S. M. o Imperador da Russia, e Rey de Prussia, a fim de lhe offerecerem os respeitos do Corpo Legislativo.

Acto de renuncia de Bonaparte.

Havendo as Potencias Alliadas proclamado, que o Imperador Napoleaõ éra o unico obstaculo ao reestabelimento da paz da Europa, o Imperador Napoleaõ, fiel ao seu juramento, declara, que elle renuncia por si e por seus herdeiros, os thronos de França e de Italia; e que não ha sacrificio pessoal, mesmo o da vida, que elle não esteja prompto a fazer, pelos interesses da França.

Dado no Palacio de Fontainebleau, aos — de Abril, de 1814.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

CONSTITUIÇÃO FRANCEZA.

*Extracto dos Registros do Senado Conservativo de 4ª feira,
6 de Abril, 1814.*

O Senado Conservativo deliberando sobre o plano de Constituição, que lhe apresentou o Governo Provisional, em execução do Acto do Senado do 1.º do corrente; decreta o seguinte:—

ART. 1. O Governo Francez he monarchico, e hereditario de varaõ em varaõ, na ordem da primogenitura.

2. O povo Francez chama livremente ao throno de França, Luiz Stanislaõ Xavier de França, irmão do ultimo rey, e depois d'elle os outros membros da casa de Bourbon, na ordem antiga.

3. A antiga nobreza reasume os seus titulos. A nova conserva os seus hereditariamente. A legião d'honra he mantida com as suas prerogativas. El Rey fixará a decoraçãõ.

4. O poder executivo pertence a El Rey.

5. El Rey, o Senado, e o Corpo Legislativo, concorrem em fazer as leys.

Os projectos ou planos das leys pôdem igualmente ser propostos no Senado e no Corpo Legislativo.

Os que disserem respeito ás contribuiçoens somente podem ser propostos no Corpo Legislativo.

El Rey pôde convidar igualmente os dous corpos para se occupárem dos objectos, que elle julgar conveniente.

A sancção do Rey he necessaria para o complemento da ley.

6. Haverá 150 Senadores, pelo menos, e 200 pelo mais.

A' sua dignidade he inamovivel, e hereditaria de varaõ a varaõ, na ordem da primogenitura. Saõ nomeados por El Rey.

Os presentes Senadores, á excepção dos que renunciarem á qualidade de cidadãos Francezcs, saõ conservados, e formaraõ parte deste numero. A presente renda do

Senado e os *Senatoriatos*, lhes pertencem. Os rendimentos serão divididos igualmente entre elles, e passarão a seus successores. Em caso de morte de um Senador sem que tenha descendentes varoens em linha recta ; a sua porção tornará a entrar no thesouro publico. Os Senadores, que forem nomeados para o futuro não poderaõ participar desta renda.

7. Os Principes da Familia Real, e todos os Principes de sangue são por direito, membros do Senado.

As funcçoens de Senador não se podem exercitar por nenhuma pessoa até que não tenha chegado á idade de 21 annos.

8. O Senado decide os casos, em que a discussaõ dos objectos ante elle deve ser publica ou secreta.

9. Cada Departamento mandará para o Corpo Legislativo o mesmo numero de Deputados, que até aqui mandava.

Os Deputados, que tinham assento no Corpo Legislativo, ao periodo em que elle foi ultimamente adiado, continuaraõ nos seus lugares até que possam ser substituidos. Todos conservaraõ os seus soldos.

Para o futuro seraõ escolhidos immediatamente pelos Corpos Electoraes, que ficam conservados, com a excepção das mudanças, que se possam fazer pela ley, na sua organizaçãõ.

A duraçãõ das funcçoens dos Deputados no Corpo Legislativo está fixa em cinco annos.

A nova eleiçãõ terá lugar para a sessãõ de 1816.

10. O Corpo Legislativo se ajunctará, de direito, cada anno no 1.º de Outubro. El Rey póde convocallo extraordinariamente ; elle póde adiallo e póde dissolvêllo ; porrem neste caso devem os Collegios Electoraes formar outro Corpo Legislativo, dentro em dous mezes, ao mais tardar.

11. O Corpo Legislativo tem o direito de discussãõ.

As sessoens são publicas, excepto nos casos em que elle julgar conveniente formar-se em Committe geral.

12. O Senado, Corpo Legislativo, Collegios Electoraes, e Assemblas dos cantoens, ellegem cada um o seu presidente d' entre os seus membros.

13. Nenhum membro do Senado ou Corpo Legislativo pôde ser preso sem a previa authorisazaõ do corpo a que elle pertence.

O processo de um membro do Senado, ou Corpo Legislativo, pertence exclusivamente ao Senado.

14. Os ministros pôdem ser membros ou do Senado ou do Corpo Legislativo.

15. A igualdade de proporçaõ nas taxas he de direito; não se pôde impor ou cobrar tributo algum a menos que nelle tenha livremente consentido o Corpo Legislativo, e o Senado. A imposiçaõ sobre as terras somente se pode estabelecer por um anno. O budget (calculo da receita e despesa) do anno seguinte, e as contas do anno precedente são apresentados annualmente ao Corpo Legislativo, e ao Senado, na abertura da sessaõ do Corpo Legislativo.

16. A ley fixará o modo e computo do recrutamento do exercito.

17. A independencia do poder judicial he garantida. Ninguem pôde ser removido de seus juizes naturaes.

A instituiçaõ dos jurados he preservada, assim como a publicidade do processo nas materias criminaes.

A pena de confiscaçaõ de bens fica abolida.

El Rey tem o direito de perdoar.

18. As cortes e tribunaes ordinarios, que existem ao presente, são conservados : não se augmentará nem diminuirá o seu numero, senaõ em virtude de uma ley. Os juizes são irremoviveis por toda a vida, excepto os juizes de paz, e juizes de commercio. As commissoens e tribunaes extraordinarios ficam supprimidos e não se poderaõ restabelecer.

19. A côrte de cassaçãõ, as côrtes de appellaçaõ, e os

tribunaes de primeira instancia, propõem a El Rey tres candidatos para cada lugar de juiz, vago no seu corpo. El Rey escolhe um dos tres. El Rey nomca os primeiros presidentes, e ministros publicos das côrtes e tribunaes.

20. O militar em serviço, os officiaes e soldados, que vencem meio soldo, as viúvas e officiaes pensionistas, conservam as suas gradaçoens, honras, e pensoens.

21. A pessoa d' El Rey he sagrada e inviolavel. Todos os actos do Governo são assignados por um ministro. Os ministros são responsaveis portudo o que contiverem aquelles actos em violação das leys, liberdade publica e particular, e direitos dos cidadãos.

22. A liberdade do culto e de consciencia he garantida. Os ministros do culto são todos tractados e protegidos igualmente.

23. A liberdade da imprensa he plena, com a excepção da repressão legal dos crimes, que possam resultar do abuso daquella liberdade. As Commissoens Senatoriaes da liberdade da imprensa, e liberdade individual são conservadas.

24. A divida publica he garantida.

As vendas dos domains nacionaes são irrevogavelmente mantidas.

25. Nenhum Francez pôde ser perseguido pelas opinioens ou votos que tiver dado.

26. Qualquer pessoa tem direito de fazer petiçoens a qualquer das authoridades constituídas.

27. Todos os Francezes são igualmente admissiveis a todos os empregos civis e militares.

28. Todas as leys presentemente existentes ficaraó em vigor, até que sêjam legalmente revogadas. O codigo de leys civis serà intitulado *o Codigo civil dos Francezes*.

29. A presente Constituição serà submettida á aceitação do povo Francez, na forma, que será regulada. Luiz Stanislaó Xavier serà proclamado Rey dos Francezes, logo que elle tiver assignado, e jurado, por um acto, declarando—

Eu aceito a Constituição ; juro de a observar, e fazer que se observe.

Este juramento será repettido com solemnidade, quando elle receber o juramento de fidelidade dos Francezes.

(Assignados) Príncipe de Benevento ; Condes de Valence, de Pastoret ; Secretarios ; Príncipe Archithesoureiro ; Conde Abrial, Barbé, Marbois, Emery, Barthelemy, Balderbuck, Bernonville, Cornet, Carbonara, Le Grand, Chasseloup, Cholot, Coland, Davoust, de Gregory, Decroiy, Depere, Dembar-rere, Dhaubersaert, Destatt, Tracy, d'Harville, d'Hedouville, Fábre (de l' Aude), Ferino, Dubois, de Fontaines, Garat, Gregoire, Herwyn, de Nevelle, Jaucourt, Klein, Journu, Aubert, Lambrecht, Lan-guinais, Lejeas, Lebrun de Rochemont, Lemercier, Meerman, de Lespenasse, de Montbadon, Lenoir Faroche, de Mailleville, Redon, Roger Ducos, Pere, Tachor, Porcher, Porcher de Rochebourg, de Ponte Coulant, Saur, Rigal, St. Martin, de Lamotte, Sainte Suzanne ; Sieyes, Schimmelpenninck, Van-de-Van-degelder, Van de Pol, Ventury, Vanbois, Duque de Valmy, Villetard, Vimar, Van Zéylen, Van Nyevelt.

COMMERCIO E ARTES.

Monopolios de Portugal.

O TABACO, a pesca das baleas, a venda do sal no Brazil, fôram tres importantes ramos do commercio Portuguez, que se reduzâram a monopolio, e em consequencia disso arruináram em grande parte a industria da nação. A pesca das baleas e a introducção do sal no Brazil, fôram liberta-

das do vexame do monopolio, mas ésta saudavel medida chegou taõ tarde, que longos annos se passaraõ antes que a naçaõ possa tirar vantagem deste beneficio, em consequencia do partido que as naçoens estrangeiras tiráram do desmazello dos monopolistas, e nenhuma precauçoens que o Governo tomou ao depois para perpetuar este ramo de industria taõ essencial á naçaõ Portugueza.

A situaçaõ local dos Estados Portuguezes, espalhados pelas quatro partes do globo, exige indispensavelmente, que a Naçaõ Portugueza sêja uma potencia maritima. Esta verdade he evidente logo que se considêra, que os differentes e distinctos pontos da monarchia se naõ pôdem ligar entre si, nem politica, nem commercialmente, senaõ por mar. Deste principio se segue, que merecem a primeira **atençaõ** todos aquelles estabelecimentos, que forem tendentes a promover a marinha mercante, a crear marinheiros, e lançar os fundamentos para uma marinha de guerra proporcional ás necessidades da monarchia, e vastidaõ de seus dominios. Felizmente Portugal tem em si todos os meios necessarios para este fim ; e só falta que os que governam saibam ou queiram aproveitar-se delles.

As pescarias, e marinha mercante, saõ as unicas escholas da maroja de guerra ; e portanto todos os monopolios, que embarçam os progressos da navegaçaõ e commercio maritimo, solapam os fundamentos do poder maritimo do Estado, que he indispensavelmente necessario naõ ja para a opulencia e grandeza da naçaõ, mas até para a sua existencia como Estado soberano, e independente; porque nas actuaes circumstancias, em que falta a Portugal aquella marinha de guerra, com que os Portuguezes adquiríram as suas vastas possessoens, naõ se podem estas sustentar sem pedir o auxilio de alguma potencia estrangeira, que seja poderosa no mar ; e esse auxilio externo nunca se obterá, senaõ á custa de sacrificios taõ pezados e taõ caros, que algumas vezes naõ seraõ equivalentes nem mesmo ao auxilio que se recebe.

A pesca da balea rendia ao Thesouro uns 48 contos de reis; e por ésta insignificantissima consideração estava taõ importante ramo da industria Portugueza agrilhado com os ferros do monopolio, e consequentemente privado da protecção e fomento necessario do Governo, d'onde resultou a decadencia das pescas.

O monopolio do sal no Brazil chegou a um ponto de escandalo verdadeiramente intoleravel. Comprava-se o sal máo, embarçava-se a sahida dos navios de commercio particulares, que eram obrigados a conduzillo, e chegou a vender-se em Pernambuco, aonde éra essencial para a manufactura das carnes salgadas, a 10.000 rcis o alqueire.

Para que o Governo não perdesse o rendimento dos 48 contos de reis que recebia dos monopolistas do sal, se impôz na exportação o tributo de 1.600 reis em cada moio, e mais 36 reis, que se lhe addicionou; porém a abertura dos portos do Brazil, e a faculdade de lavrar as salinas daquelle paiz, exigem indispensavelmente, que se torne a considerar ésta materia, adoptando a legislação ás circumstancias presentes. O sal, que Portugal exporta para todas as partes, paga 500 reis de direitos; logo aquelle direito de exportação do Brazil he, alem de impolitico, injusto; porque podendo-se vender no Brazil o sal de suas salinas, das ilhas de Cabo Verde, e da Hespanha, mais barato que o de Portugal, vem a industria nacional a ser mais opprimida que a estrangeira.

Destes regulamentos se segue outro mal à navegação nacional, e he que os navios em vez de tomarem sal para lastro, tomam arêa, que he muito mais incommoda, principalmente depois da introducção do uso das bombas de cobre.

Vejamos uma conta de exportação de sal de Lisboa para a Bahia em Agosto passado, para demonstrarmos o que temos dicto.

500 Moyos postos a bordo, a 7.400	. 3:700.000
Guarda, visita, recolher a bordo, medir, esteiras, tojo para estiva, sem contar taboas para anteparas	160.000
Reducção por serem os pagamentos a metal	15.600
Commissão de 3 por cento	114.660
	<hr/>
	3:936.660

Estes 500 moios produziram, como he regular a 18 alqueires da Bahia por moio, 9.000 alqueires que se vendeo a 350, e produzio 3:150.000

Deduzindo a commissão de 3 por cento 94.500

3:055.500

Perda liquida 881.160

Temos pois demonstrado, que no estado actual dos regulamentos a respeito do sal o negociante, que embarcou em Lisboa sal para a Bahia, perde indispensavelmente em 500 moios não menos de 881.160 reis; no que se não calcula frete porque foi como lastro.

Convimos em que os Ministros de Estado não podem estar ao facto destas particularidades do commercio, para lhe applicarem o remedio; mas então; porque não tem corporações, que lhes advirtam o que ha nestas materias? A desculpa he, que tem uma Juncta de Commercio: porem ou a Juncta não quer fazer o seu dever; ou he composta de Membros que não entendem do seu officio. Seja por tanto a Juncta propriamente reformada; ou dem essa incumbencia a outra corporação; ésta principiou por uma irmandade, e provavelmente está reduzida a beneficio simples em seus membros.

A respeito da situação actual do commercio de Portugal, de que muitas nações estrangeiras fazem escarneo, dizemos o mesmo que a respeito do exercito. Para que a

nação se fizesse militar, e mostrasse o seu valor, não foi preciso mais do que o Marechal Beresford organizar o exercito : bastou isto, e as proezas do Portuguezes fizéram bem depressa calar as vozes com que de continuo éram os Portuguezes insultados em toda a Europa. Dem-se por tanto as devidas providencias para fomentar o commercio do Reyno, e não temos a menor duvida em affirmar, que não apparecerá na Europa um povo mais industrioso e activo. Nós nunca louvaremos os principios politicos de despotismo do Marquez de Pombal ; mas olhe-se para os progressos rapidos das artes, durante o bafo fomentador de seu ministerio, e se ficará convencido de que Portugal tem um germen de industria em nada inferior aos sentimentos de valor, que o seu exercito, bem conduzido, tem amplamente demonstrado nesta guerra.

Voltando ao commercio do algodão, parece-nos que o maior direito de reexportação, que se lhe podia impôr em Lisboa, sem arruinar este commercio, he o de 2 por cento. Mas alem disto he necessario aleviallo de uma infinidade de gastos, e circumstancias onerosas ; que vem debaixo da denominação de despezas miudas ; que consistem principalmente em emolumentos, arbitrariamente regulados pelos mesmos officiaes que os recebem ; e que, quando se não págam sugueitam as partes a demoras, e incomodos, mais pezados ainda, que os mesmos gastos, e que portanto o negociante prefere o pagallos, ainda que sêjam extorquidos segundo o seu modo de pensar.

Tabaco.

A prorogação do monopolio do tabaco em Portugal foi precedida da declaração do Governo em Lisboa, de que esta medida éra adoptada por pura necessidade ; confissão de que os monopolistas se devem naturalmente aproveitar, como com effeito fizéram, exigindo que se lhes recebesse como serviço o continuarem com o monopolio : nisto se vê a

habilidade dos senhores do Governo; e quando assim se abatem aos seus proprios subditos, por se não saberem tirar das difficuldades; pode-se bem conjecturar o que farão quando tiverem a tractar com naçoens estrangeiras, independentes, e poderosas. Porém deixemos o passado e insistamos na materia, a ver-se se remedeia paro o futuro.

He necessario que se dê o tempo de quatro mezes, pelo menos, para ouvir as proposiçoens, ou differentes condiçoens dos arrematantes, que necessariamente tem innovaçoes a fazer, vistas as alteraçoes que o commercio deste genero tem soffrido tanto na Europa como na America. Se as proposiçoens dos arrematantes contivérem condiçoens que tenham em vistas precauçoens de futuro, na contemplaçã das ulteriores mudanças, que se podem ainda esperar no estado politico das cousas, as pessoas afferradas ao costume antigo de certo porão a isso difficuldades; mas supponhamos que em fim se vencem, e se mandam os ajustes ao Rio-de-Janciro para obter a approvaçã Regia; e que n'uma viagem regular chegam la em dous mezes; S. A. R. considéra e expede este importante negocio em um mez; está o navio prompto a subir, que traz a resposta a Lisboa em tres mezes; temos logo, que não estará o Governo de Lisboa prompto a começar as suas operaçoens senão pelos fins de Janciro de 1815; que he o tempo da saffra na Bahia; e portanto se a decizaõ for, que a administração do monopolio sêja por conta da Fazenda Real, ou por novos Contractadores, ja não pode haver tempo para mandar comprar o tabaco, que se ha de vender em Janciro de 1816; e agora perguntamos, se, nesse caso, faz tençã o Governo de tornar a pedir aos Contractadores velhos, que façam o serviço de continuar por mais outro anno?

Os impedimentos, que soffre este genero do tabaco em Lisboa, independentemente das restricçoens do monopolio, afugentam naturalmente os negociantes, que antes o leva-

raõ a Gibraltar, e outros portos ; principalmente se temerem que lhe ponham algum embargo ; no caso que o monopolio passe a administração Regia ; donde se segue que este mesmo precedente máo comportamento do Governo, a respeito do Commercio do tabaco, o privará entãõ do recurso que pudera ter, comprãdo-o aos negociantes particulares.

A liberdade do commercio do tabaco em Hespanha éra motivo bastante, ainda sem aquella ponderosa consideração, para que se facilitassem todos os meios, e se induzisse por todas as formas os negociantes do Brazil, a mandarem o seu tabaco a Lisboa, para que este porto fosse a escala deste genero para os estrangeiros ; mas o systema de regulamentos actuaes deve naturalmente affugentallo, e o levarãõ a Gibraltar, Cadiz, e outros portos, com manifesta deterioração da navegação, industria, e emprego dos nacionacs ; além da perca immediata das permutações, que com este genero se podiam fazer em Hespanha por trigos e outros generos uteis a Portugal.

Estas verdades são taõ evidentes em si mesmas, que custa a attribuir a ignorancia o não as ver adoptar. Este commercio com a Hespanha, empregando as mulas, e as quadrilhas de carretas do Alemtejo, não podiam deixar de dar novos alentos ao commercio interno do Reyno, não só pela exportação do tabaco, porém tambem pela importação dos trigos, azeites, laãs, linhos, e outros artigos, que a Hespanha pode fornecer em troca ; e todas estas vantagens reaes, permanentes, e productoras de outras, são sacrificadas ao interesse momentaneo do rendimento, que o Erario tira da continuação do monopolio.

Para fazer mais clara ésta demonstração, lembramos os grandes interesses que os negociantes Inglezes tem feito em Lisboa, introduzindo dali as suas manufacturas em Hespanha, como he bem sabido ; e que razão pôde haver, senão he o desleixamento, para os Portuguezes não tirãrem o

mesmo partido com as suas mercancias do Brazil, e da India ?

As potencias civilizadas da Europa não se contentam com tirar os estorvos ao commercio interno, fomentam-o abrindo canaes, fazendo estradas, &c. ; aqui não pedimos tanto ; contentamo-nos com que se não ponham entravez de monopolios á entrada do tabaco do Brazil em Portugal, e sua exportação para paizes estrangeiros.

Supponhamos, que se facilita a exportação de 1.000 rolos grandes de tabaco de Lisboa para Hespanha ; os quaes regularemos a 14.000 arrobas ; isto fará 1.750 cargas de bestas muares, á razaõ de 8 arrobas ; e estas bestas na volta de Hespanha traraõ sempre alguma carga ; sêja por exemplo alguma laã, que de Portugal se embarque para Inglaterra. He claro que as bestas e seus conductores, em quanto se sustentam em Portugal, consomem a palha, cevada, &c. o que redundá em beneficio do agricultor ; para atravessar o Tejo empregam os barqueiros ; as laãs para entrar na alfandega pagam direitos ; as mesmas laãs pagam mercadorias recebidas dos Inglezes ; e daqui todas as mais consequencias uteis á industria da nação, e ao rendimento do Erario. Estes são os meios naturaes de promover a riqueza da nação.

Annexo ao contracto do tabaco tem andado as saboarias, de que mui pouco temos fallado, por ser um ramo de secundaria importancia ; e com tudo, pouca observação basta para dar a conhecer, que o monopolio tem directamente arruinado este ramo de industria, em que podiam empregar os azeites de inferior qualidade, inuteis em outros usos ; e quando se observa, que todos os dias se está prendendo e arruinando gente por fazerem as escondidas uma taxada de sabaõ, fica evidente que taõ longe está de faltar a industria na nação, que muito pelo contrario são castigadas as pessoas industrias, que desejam empregar-se neste fabrico.

BUENOS-AYRES.

Decretos do Governo sobre o Commercio.

9 de Dezembro, 1813.

ART. 1. Desde o 1.º de Janeiro de 1814 em diante, se cobrará o direito de 25 por cento em todas as mercadorias estrangeiras, como unico direito de importação, o qual deverá ser rateado, segundo os preços correntes do lugar, ao tempo que se tirarem da alfandega.

2. Os negociantes entregaraõ, para este fim, as suas cargaçoens, declarando os preços correntes, a fim de se formar o calculo dos direitos que devem pagar.

3. No caso em que os preços fixados pelos negociantes não scjam regulados pelo preço corrente do lugar; o Inspector notificará isto; e se for disputado, se nomearaõ dous arbitros, um de cada parte, e um para desempate, os quaes decidiraõ a questação.

4. Os licores estrangeiros, vinagre, roupa feita, botas, e çapatos, e todos os moveis pagaraõ o direito de 35 por cento.

5. As fazendas da India em peça, e chapeos, pagaraõ 50 por cento.

6. A louça e vidros pagaraõ 15 por cento.

7. O azougue, machinas, e instrumentos empregados nas minas, ou pertencentes ás artes, sciencias, e profissoens, livros, e estampas; assim como a madeira, salitre, polvora, pedras de tirar fogo, armas de fogo, e espadas para o uso da cavallaria, seraõ livres de direitos.

Contribuição extraordinaria de Guerra.

10 de Dezembro, 1813.

ART. 1. A erva sorteada, quando entrar no lugar em que deve ser consumida, pagará de uma só vez um pezo forte por arroba.

2. As aguardentes da terra ou de fora pagará seis pezo fortes por barril.

3. Os vinhos da terra ou estrangeiros pagará tres pezo fortes por barril.

4. O tabaco do Paraguay pagará dous pezos fortes por arroba.

5. O tabaco preto do Brazil pagará cinco pezos fortes por arroba.

6. O assucar estrangeiro pagará um pezo forte por arroba.

7. Esta contribuição começará a ser cobrada aos 11 d corrente, na alfandega da capital, e em todas as paragens quando se receberem as ordens necessarias, que se expedirão sem demora para este fim.

8. Na alfandega de Mendonza se cobrará o direito extraordinario de guerra, em todos os assucares importados de Chili.

9. Este imposto só terá vigor durante o espaço de um anno.



Preços Correntes dos principaes productos do Brazil em Londres, 25 de Abril, 1814.

Generos.	Qualidade.	Quantidade	Preço de	a	Diretos.
Assucar	branco	112 lib.	5l. 12s.	6l. 5s.	3l. 14s. 7½d.
.....	trigueiro	Dº.	4l. 10s.	4l. 18s.	
.....	mascavado	Dº.	3l. 4s.	4l. 15s.	
Algodão	Rio	Libra	nenhum	nenhum	16s. 1d. p. 100 lib.
.....	Bahia	Dº.	2s. 9p.	2s. 10p.	
.....	Maranhaõ	Dº.	2s. 5p.	3s.	
.....	Pernambuco	Dº.	2s. 7p.	2s. 9p.	
.....	Minas novas	Dº.	2s.	2s. 5p.	
Dº. America	melhor	Dº.	nenhum	nenhum	16. 11. pr. 100 lba.
Annil	Brazil	Dº.	4s. 3p.	5s. 6p.	
Arroz	Dº.	112 lib.	40s.	45s.	16s. 4p.
Cacao	Pará	112 lib.	100s.	120s.	3s. 4p. por lib.
Caffé	Rio	libra	99s.	105s.	2s. 4p. por libra.
Cebo	Bom	112 lib.	108s.	112s.	2s. 8p. por 112 lib.
Chifres	grandes	123	40s.	50s.	4s. 8p. por 100.
Couros de boy	Rio grande	libra	9p.	10p.	8p. por libra.
.....	Rio da Prata	Dº.	11½p.	13p.	
Dº. de Cavallo	Dº.	Couro	6s. 6p.	13s.	
Ipecacuanha	Boa	libra	15s. 6p.	20s. 6p.	3s. libra.
Quina	Palida	libra	2s.	3s.	3s. 8p. libra.
.....	Ordinaria	Dº.		
.....	Mediana	3s.	5s.	
.....	Fina	7s. 6p.	9s. 6p.	
.....	Vermelha	5s.	11s.	
.....	Amarella	4s. 6p.	5s. 8p.	
.....	Chata	Dº.		
.....	Torcida	5s. 9p.	6s. 6p.	1s. 8p. por libras.
Pao Brazil		tonel	110l.	112l.	4l. a tonelada.
Salsa Parrilha					3s. 6p. libra excise 3l. 3s. 9p. alf. 100 lb.
Tabaco	Rolo	libra	nenhum		

Premios de seguros.

Brazil hida 12 guineos por cento. R. 4.
vinda 10 a 12

Lisboa e Porto hida 6 G^s. R. 2½
vinda 2

Madeira hida 5 a 6 G^s.—Açores 8 G^s. R. 3.
vinda 10 á 12

Rio da Prata hida 12 á 15 guineos; com a tornaviagem
vinda o mesmo 15 a 18 G^s.

LITERATURA E SCIENCIAS.

FRANÇA.

Sobre Bonaparte, Bourbons, e necessidade de nos ajuntarmos ao redor de nossos legitimos Principes, para a felicidade da França, e da Europa. Por Fr. Aug. De Chateau-Briand.

ESTA he a primeira obra, que sahe ao publico depois da catastrophe de Bonaparte. Os Francezes, em todos os periodos da revolução, fôram taõ promptos em prodigalizar elogios aos tyrannos, que os tem governado, em quanto estavam poderosos, como tem sido faceis em os vituperar logo que os vem abatidos. E com tudo, nem por isso se diminue o merecimento desta obra, cujo Author he ja bem conhecido no mundo literario por seus escriptos moraes.

Mr. Chateau-Briand, descrevendo nesta obra os meios porque Bonaparte chegou a destruir todas as instituições republicanas, que se tinham formado em França, e os estratagemas porque se apoderou do Supremo Poder, e foi declarado Imperador, faz a mais energica pintura da sua administração interior; ou, para melhor dizer, do terrivel exercicio de sua tyrannia systematica. O seguinte extracto dará a conhecer ao Leytor o espirito desta obra, que lhe annunciamos.

“ Começou entã a grande Saturnal de Realeza : crimes, oppressãõ, escravidãõ, marchãram a passo igual com a loucura. Toda a liberdade expira; todo o sentimento honrado, todo o pensamento generoso, vem a ser conspiraçãõ contra o Estado. Fallar de virtude faz o individuo objecto de suspeita : louvar uma acçãõ boa he insultar o Principe. As palavras mudam a sua significaçãõ : um povo, que pejeja pelos seus legitimos soberanos, he um

povo rebelde : um traidor, he um vassallo fiel : toda a França se torna em imperio da falsidade ; jornaes, brochuras, discursos, prosa, e verso, tudo desfigura a verdade. Se chove, asseguram-nos que faz sol; apparece em publico o tyranno entre a populaçãõ, que está em silencio, dizem-nos, que para onde quer que elle se movia éra recebido com as acclamaçoens da multidaõ. O Principe he o unico objecto : a moral consiste em que cada um se dedique a seus caprichos ; o dever naõ he outra cousa mais do que louvallo. Sobre tudo, era necessario expressar elogios todas as vezes que elle commettia um erro, ou perpetrava um crime. Os homens de letras éram forçados por ameaças a celebrar o despota. Elles compunham, elles regateávam pela somma do louvor,—felizes, se á custa de alguns lugares communs, sobre a gloria das armas, elles comprávam o direito de dar algum gemido, de denunciar algum crime, ou de trazer á lembrança do povo algumas virtudes proscriptas ! Naõ podia apparecer livro algum, sem que fosse marcado com algum elogio de Bonaparte, como ferrete da escravidãõ : nas novas ediçoens de livros antigos, os censores mandavam omitir tudo que dizia contra conquistadores, tyrannia, e escravidãõ ; assim como o Directorio tinha concebido a idea de mandar riscar dos mesmos authores, tudo quanto dizia respeito a monarchias, e a reys. Os mesmos almanacs e reportorios éram examinados com cuidado, e a conscripçãõ formava um artigo de fé no cathecismo. Nas artes havia a mesma escravidãõ. Bonaparte envenena os seus soldados, inficionados da peste em Jaffa ; faz-se uma pinctura que o representa, por um excesso de coragem e humanidade, tocando estes mesmos doentes infectos da peste. Naõ foi assim que S. Luiz curou os enfermos, que uma religiosa confiança apresentava para serem tocados por suas Reaes mãos. Alem disto, nem uma palavra se devia dizer da opiniaõ publica ; a maxima era que o Soberano a devia

moldar cada dia pela manhaã. A' refinada policia de Bonaparte estava addido um committé, encarregado de dar a direcção aos pensamentos dos homens, e á frente deste committé se achava o diretor da opiniaõ publica. A impostura e o silencio éram os grandes meios empregados para conservar o povo no erro. Se os vossos filhos morriam na batalha ; credes vós que se vos prestava assaz attenção se quer para vos dizer que éra feito delles ? Os acontecimentos mais importantes ao paiz, á Europa, ao mundo todo vos éram occultados. O inimigo está em Meaux ; vós somente o sabeis pelos camponezes fugitivos ; estaes envolvidos em escuridaõ ; os vossos sustos são objecto de derrisaõ ; e os vossos pezares, motivos de es-carneo ; tudo quanto vós sentis he deprezado. Uma vez levantastes a vóz,—um espiaõ vos denuncia, um *gens d'armes* vós leva á prizaõ, uma commissão militar vos processa ; sois fuzilado, e esquecido.”

Naõ bastava ter os pays em escravidão taõbem os filhos se devíam pôr á plena disposiçaõ do tyranno. Tem-se visto virem as mãys das extremidades do Imperio pedir, cubertas de lagrimas, que se lhes tornassem a dar seus filhos, que o Governo lhes tinha arrancado dos braços. Estas crianças tinham sido mettidas nas escholâs, aonde se lhes ensinava, a toque de tambor, a irreligiaõ, a depravaçaõ, o desprezo das virtudes domesticas, e a cega obediencia ao Soberano. A authoridade paternal, respeitada pelos mais terriveis tyrannos da antiguidade, foi tractada por Bonaparte como um abuso e um prejuizo. Elle desejou converter os nossos filhos em uma especie de Mamelucos, sem Deus, sem familia, e sem patria. Parece que este inimigo do genero humano estava inclinado a destruir a França até os alicerces. Elle tem conrompido mais gente, feito mais mal ao genero humano, no breve espaço de dez annos, do que todos os tyrannos de Roma junctamente, desde Nero até o ultimo perseguidor dos

Christaõs. Os principios, que serviam de baze á sua administração, passáram de seu Governo ás differentes classes da sociedade ; porque um Governo perverso introduz o vicio, assim como um Governo sabio fomenta a virtude entre o povo. A irreligião, o gosto por todos os prazeres e despezas alem de suas possibilidades, o desprezo dos laços moraes, o espirito de aventuras, de violencias, e de dominio descia do throno até as familias : algum tempo mais, e a França teria sido uma cova de ladroens.”

“ Os crimes de nossa revolução republicana fõram a obra das paixoes, que sempre deixam alguns recursos; havia entãõ uma desordem, mas naõ a destruição da sociedade. A moral estava damnificada, porém naõ annihilada. A consciencia ainda tinha os seus remorsos ; uma indifferença destructora ainda naõ confundia o innocente com a culpado: assim as calamidades daquelles tempos se teriam promptamente remediado. Porém ; como se poderiam curar as feridas, que abria um Governo, que tinha estabelecido o despotismo como um principio fixo ; que, com a moralidade e religião na boca, incessantemente solapava a religião e a moral por suas instituiçoes, e seu desprezo ; que procurou fundamentar a ordem publica, naõ sobre os deveres moraes, e o direito, mas sobre a força, e os espioens da policia ; que affectou olhar para o estupor da escravidão, como se fosse a paz de uma sociedade bem organizada, fiel aos costumes de seus antepassados, e marchando em silencio no caminho das antigas verdades ? As mais terriveis revoluçoes saõ preferiveis a tal estado das cousas. Se as guerras civis produzem crimes publicos, ellas ao menos fazem apparecer virtudes occultas, talentos, e homens grandes. He debaixo do despotismo que desaparecem os Imperios : destruindo os espiritos ainda mais do que os corpos dos homens, cedo ou tarde produz a dissolução e a conquista.”

“ A administração de Bonaparte he gabada. Se administração consite em Arithmetica,—se, a fim de gover-

nar bem, he absolutamente bastante saber quanto uma provincia produz em trigo, vinho, e azeite ; averiguar até o ultimo homem que se pode alistar,—indubitavelmente Bonaparte foi um grande administrador ; seria impossivel organizar a maldade mais completamente, introduzir mais ordem na calamidade. Porém a administração melhor he aquella que deixa um povo em paz, que fomenta nelle os sentimentos de justiça, e de piedade ; que he poupado do sangue humano, que respeita os direitos do cidadão, a sua propriedade, e familia : neste ponto de vista o governo de Bonaparte éra o peor dos governos.

“ A demais ; quam numerosos são os erros, e enganos mesmo no seu systema ? Uma administração a mais dispendiosa absorvia as rendas do Estado. Exercitos de de officiaes d’alfandega, e cobradores, devoravam os tributos, cujo recebimento éra o objecto de seus empregos. Não havia sequer um só cabeça de repartição, por mais insignificante que fosse, que não tivesse cinco ou seis escreventes. Bonaparte parecia ter declarado guerra ao commercio. Se se levantava em França algum ramo de industria, elle lançava mão disso, e o tomava inteiramente em seu poder. O tabaco, o sal, a laã, os productos coloniaes, tudo éra para elle objecto de um odioso monopolio ; elle se teria feito de una vez o unico mercador do Imperio !”

“ Este inquieto e extravagante homem estava diariamente incomodando um povo, que somente precisava descanso, com decretos contradictorios, e muitas vezes impracticaveis : elle quebrantava pela noite, a ley que tinha feito pela manhaã. Em dez annos devorou 5.000 milhoens de tributos, o que excede as imposiçoens, que se cobráram durante os 70 annos do reynado de Luiz XIV. Os despojos do mundo, 1.500 milhoens de rendimento, não fôram bastantes para elle ; somente se occupava com augmentar o seu thesouro, pelos meios mais iniquos. Todo o prefeito,

todo o Sub-Prefeito, todo o Maire, tinha o direito de augmentar os tributos das cidades, de impôr mais centimes nas villas, aldeas, e lugares, e de exigir de qualquer proprietario de terras uma somma arbitraria, para qualquer pretensa necessidade. Toda a França estava mettida a saque. A enfermidade do corpo, a indigencia e pobreza, a morte, educaçãõ, artes, sciencias, tudo pagava tributo ao Principe. Tinheis um filho, que talvez fosse coxo, estropeado, incapaz do serviço,—uma ley da conscripçãõ vos obrigava a pagar 1.500 francos, para consolaçãõ desta desgraça. Algumas vezes um conscripto doente morria antes de ter sido examinado pelo capitaõ das reclutas; poderia suppor-se que em tal caso o pay seria izento de pagar 1.500 francos por um substituto—de nenhuma forma. Se a declaraçãõ de molestia se tinha feito antes da morte, estando o conscripto vivo ao momento da declaraçãõ, o pay era obrigado a pagar a somma sobre o tumulo de seu filho. Se o pobre homem desejava dar alguma educaçãõ a um de seus filhos, devia pagar 800 francos à Universidade, sem contar as despesas do sustento, &c. que se dávam ao mestre. Se um author moderno citasse um author antigo, tendo as obras deste caído no que se chama “domain publico,” era o Author obrigado a pagar á censura cinco soldos por cada linha de citaçãõ. Se ao mesmo tempo, que se citava, se fazia alguma traducçãõ, entãõ isto constituia uma especie de “domain mixto,” metade do qual pertencia ao trabalho do author vivo, e a outra metade ao author morto. Quando Bonaparte mandou distribuir de cômer aos pobres, no inverno de 1811, suppoz-se que elle empregaria nesta charidade o que tivesse poupado, no seu particular; porê m naquella occasiãõ impoz outros *centimes* de mais, e ganhou quatro milhoens no caldo dos pobres. Em uma palavra vimollo fazer-se gato-pingado, e monopolizar a administraçãõ dos funeraes: era digno do destruidor dos Francezes impôr um tributo sobre os corpos mortos; e como po-

nar bem, he absolutamente bastante saber quanto uma provincia produz em trigo, vinho, e azeite ; averiguar até o ultimo homem que se pode alistar,—indubitavelmente Bonaparte foi um grande administrador ; seria impossivel organizar a maldade mais completamente, introduzir mais ordem na calamidade. Porém a administração melhor he aquella que deixa um povo em paz, que fomenta nelle os sentimentos de justiça, e de piedade ; que he poupado do sangue humano, que respeita os direitos do cidadão, a sua propriedade, e familia : neste ponto de vista o governo de Bonaparte éra o peor dos governos.

“ A demais ; quam numerosos são os erros, e enganos mesmo no seu systema ? Uma administração a mais dispendiosa absorvia as rendas do Estado. Exercitos de de officiaes d’alfandega, e cobradores, devoravam os tributos, cujo recebimento éra o objecto de seus empregos. Não havia sequer um só cabeça de repartição, por mais insignificante que fosse, que não tivesse cinco ou seis escreventes. Bonaparte parecia ter declarado guerra ao commercio. Se se levantava em França algum ramo de industria, elle lançava mão disso, e o tomava inteiramente em seu poder. O tabaco, o sal, a laã, os productos coloniaes, tudo éra para elle objecto de um odioso monopolio ; elle se teria feito de una vez o unico mercador do Imperio !”

“ Este inquieto e extravagante homem estava diariamente incommodando um povo, que somente precisava descanso, com decretos contradictorios, e muitas vezes impracticaveis : elle quebrantava pela noite, a ley que tinha feito pela manhã. Em dez annos devorou 5.000 milhoens de tributos, o que excede as imposiçoens, que se cobráram durante os 70 annos do reynado de Luiz XIV. Os despojos do mundo, 1.500 milhoens de rendimento, não fôram bastantes para elle ; somente se occupava com augmentar o seu thesouro, pelos meios mais iniquos. Todo o prefeito,

todo o Sub-Prefeito, todo o Maire, tinha o direito de augmentar os tributos das cidades, de impôr mais centimes nas villas, aldeas, e lugares, e de exigir de qualquer proprietario de terras uma somma arbitraria, para qualquer pretensa necessidade. Toda a França estava mettida a saque. A enfermidade do corpo, a indigencia e pobreza, a morte, educaçãõ, artes, sciencias, tudo pagava tributo ao Principe. Tinheis um filho, que talvez fosse coxo, estropeado, incapaz do serviço,—uma ley da conscripçãõ vos obrigava a pagar 1.500 francos, para consolaçãõ desta desgraça. Algumas vezes um conscripto doente morria antes de ter sido examinado pelo capitaõ das reclutas; poderia suppor-se que em tal caso o pay seria izento de pagar 1.500 francos por um substituto—de nenhuma forma. Se a declaraçãõ de molestia se tinha feito antes da morte, estando o conscripto vivo ao momento da declaraçãõ, o pay éra obrigado a pagar a somma sobre o tumulo de seu filho. Se o pobre homem desejava dar alguma educaçãõ a um de seus filhos, devia pagar 800 francos à Universidade, sem contar as despesas do sustento, &c. que se dávam ao mestre. Se um author moderno citasse um author antigo, tendo as obras deste caído no que se chama “domain publico,” era o Author obrigado a pagar á censura cinco soldos por cada linha de citaçãõ. Se ao mesmo tempo, que se citava, se fazia alguma traducçãõ, entãõ isto constituia uma especie de “domain mixto,” metade do qual pertencia ao trabalho do author vivo, e a outra metade ao author morto. Quando Bonaparte mandou distribuir de comer aos pobres, no inverno de 1811, suppoz-se que elle empregaria nesta charidade o que tivesse poupado, no seu particular; porém naquella occasiãõ impoz outros *centimes* de mais, e ganhou quatro milhoens no caldo dos pobres. Em uma palavra vimollos fazer-se gato-pingado, e monopolizar a administraçãõ dos funeraes: éra digno do destruidor dos Francezes impôr um tributo sobre os corpos mortos; e como po-

deria alguém appellar para a protecção das leys, quando elle era quem as fazia? O corpo legislativo atreveo-se a fallar uma vez, e foi dissolvido. Um só artigo no novo codigo destruiu a propriedade radicalmente. Um administrador de *domains* podia dizer-vos; a vossa propriedade he *domainial* ou nacional, eu a ponho provisionalmente em sequestro; vós podeis ir demandar em processo os vossos direitos; se a administração não tem direito, a propriedade vos será restituída.” ; E a quem devieis vos appellar neste caso? ; Aos tribunaes ordinarios? Não: taes causas eram reservadas ao exame do conselho de Estado, e processadas ante o Imperador, que era ao mesmo tempo juiz e parte. Se a proprieidade se achava incerta, a liberdade civil ainda estava menos segura. Houve ja mais cousa alguma mais monstruosa do que aquella commissão nomeada para fazer a inspecção das prisoes, e por cuja relação podia um homem estar encarcerado em uma masmorra por toda a vida; sem accusação, sem processo, sem sentença, posto a tormento, fuzilado de noite, suffocado entre duas portas? No meio de tudo isto Bonaparte nomeava cada anno commissoes para a liberdade da imprensa, e para a liberdade pessoal. O mesmo Tiberio ja mais ludibriou tanto a especie humana.

“ Porém a conscripção éra, para assim dizer, o cumulo desta obra do despotismo. A mesma Scandinavia, que um historiador chama a forja da raça humana, não poderia ministrar homens para esta ley homicida. O codigo da conscripção permanecerá um monumento eterno do reynado de Bonaparte; ali se pode achar em collecção, tudo quanto a mais subtil e engenhosa tyrannia pode descobrir para atormentar, e devorar o povo: he verdadeiramente o codigo do inferno. As gerações de França foram postas em fileiras regulares para o cutello, como arvores em um bosque: cada anno 80.000 moços éram cortados; a conscripção dobrava muitas vezes, ou éra reforçada por levas extraor-

dinarias ; muitas vezes devorava d' ante mão as victimas que lhe éram destinadas, hem como o dissipado herdeiro, que pede emprestado as suas rendas futuras. Por fim ja se tiravam sem conta ; ja se não attendia á idade legal, ás qualidades requeridas para morrer no campo de batalha, e a ley, a este respeito mostrava uma maravilhosa facilidade ; descia á infancia, e subia á velhice ; o soldado demittido, o homem que tinha tido um substituto, éra igualmente apprehendido. O filho de um pobre artista, talvez resgatado tres vezes, mesmo a custa do pouco que seu pay possuia, éra obrigado a marchar : molestias, enfermidades, defeitos corporaes ja não servíam de protecção. Columnas moveis atravessavam as nossas provincias como se fosse paiz inimigo, para arrancar do povo os seus ultimos filhos. Na falta de um irmão auzente prendia-se o irmão presente. O pay éra responsavel pelo filho, a mulher pelo marido : extendia-se a responsabilidade aos parentes mais distantes, e até aos vizinhos. Uma aldea ficava obrigada pelo conscripto, que ali tinha nascido. Aquartelávam-se em casa dos aldeoens pequenas guarniçoens, e os donos das casas éram muitas vezes obrigados a vender até a propria cama para as sustentar, até que se achasse o conscripto omiziado nos matos. Até se mixturava o absurdo com a atrocidade : pedíam-se filhos áquelles que éram assaz felizes em não ter posteridade : usava-se de violencia para descobrir quem tivesse o nome de pessoas, que só existiam nas listas dos *gens-d'armes*, ou para obter um conscripto, que tinha servido cinco ou seis annos antes. Mulheres pejadas se punham a tormento, para descobrirem o lugar aonde se achava escondido o seu primogenito : alguns pays fôram obrigados a trazer os cadaveres de seus filhos para, provar que ja os não podíam produzir vivos. Restavam ainda algumas familias, cujos filhos foram resgatados á custa de suas riquezas, e que olhavam para um dia futuro, em que viessem a ser magistrados, administradores, homens de sciencia, pro-

prietarios, taõ uteis á ordem social em um grande paiz; porém o decreto para as guardas de honra varreo a todos em uma matança geral. Tal era o desprezo em que se tinha a vida humana, em França, que até éra costume chamar aos conscriptos *materiaes rudes*, e *alimento da artilheria*. Discutio-se a seguinte grande questaõ entre os provedores de carne humana—averiguar o termo medio que duraria um conscripto; alguns disséram que elle duraria 33 mezes, outros que viviria 36 mezes. Bonaparte gloriava-se de dizer com sigo mesmo, tenho 300.000 homens em reserva. Nos onze annos de seu reynado fêz morrer mais de cinco milhoens de Francezes; o que excede o numero dos que as nossas guerras civis varrêram durante tres seculos, nos reynados de Joaõ, Carlos V., Carlos VI., Carlos VII, Henrique II., Francisco II., Carlos IX., Henrique III., e Henrique IV. Nos 12 ultimos mezes Bonaparte alistou (sem contar a guarda nacional) 1:330.000 homens, o que vem a ser mais 100.000 homens por mez; e com tudo houve quem tivesse a audacia de lhe dizer, que só tinha usado da parte superflua da populaçaõ!

“ Mas, a perda de homens não era o maior mal, que se seguia da conscripçaõ; ella tendia a tornar a submerger-nos e submerger a Europa toda no barbarismo. Pela conscripçaõ os officios, as artes, e as sciencias se destruiam infalivelmente. Um mancebo, que deve morrer na idade de 18 annos, nunca se póde applicar a estado algum. As naçoens vizinhas, obrigadas, em propria defeza, a recorrer aos mesmos meios que nos, abandonavam tambem as vantagens da civilizaçaõ, e todas as naçoens se precipitavam umas sobre as outras; como nos seculos dos Godos e Vandalos, e teriam visto renascer as calamidades daquelles tempos. Despedaçando os laços da sociedade geral, a conscripçaõ annihilava tambem os da vida domestica. Acostumado desde o berço a olhar para si como victimas destinadas á morte, as crianças não obedeciam a seus pays; faziaõ-se

vadios, vagamundos, e estragados, na esperança do dia em que deviam marchar ao roubo e matança do mundo. ¿ Que principio de religião e de moral tomaria raizes em seus corações? Pays e mãys, por outra parte, entre as classes inferiores, não fixavam as suas affeições, não prestavam os seus cuidados aos filhos, que se preparavam a perder, e que não formavam ja parte de sua riqueza e de seu amparo, e só lhes serviram de pezar, e de incommodo. Daqui vinha esta dureza de coração, este esquecimento de todos os sentimentos da natureza, que conduz ao egoismo, á indiferença pelo bom, e pelo máo, ao desapego da patria; que oblitera a consciencia e o remorso, e sacrifica um povo á escravidão, tirando-lhe igualmente o horror do vicio, e o respeito da virtude.

“ Tal é a administração de Bonaparte a respeito do interior da França.”

Novas Publicações em Inglaterra.

Craig's Political Science, 3 vols. 8vo. preço 1l. 11s.
Elementos da Sciencia Politica. Por João Craig, Escudeiro.

Kelsall's Phantasma of a University, 4to. preço 5t. 5s.
Phantasma de uma Universidade, com Prolegomenos. Por Carlos Kelsall, Escudeiro.

Nesta obra se expõem os defeitos do systema das Universidades Inglezas; propoem-se um novo arranramento das Sciencias; e se dão os desenhos de edificios nas ordens de architectura Grega, Gothica, e Saxonica, que devem formar parte de uma nova Universidade.

Lisiansky's Voyage, 4to. preço 3l. 3s. Viagem ao redor do Mundo, nos annos de 1803, 4, 5, e 6; feita por ordem de S. M. Imperial Alexandre I. Imperador de Russia, no navio Neva. Por Urey Lisiansky, Capitão na

marinha de guerra Russiana. Illustrada com oito mappas, desenhados pelo Author, conforme ás suas observaçoens; e varias estampas.

Este volume contém a narrativa da primeira viagem de descobertas, emprehendida por ordem do Governo Russo; comprehende, entre outras materias curiosas, uma conta da Ilha de Sancta Catharina, e costa do Brazil; Ilha de Easter, ilhas de Washington, ou Nova Marqueza, ilhas de Sandwich; ilha de Cadiack, com os estabelecimentos Russianos na costa de Noroeste da America, e a descoberta de uma nova ilha, e rochedos de consideravel importancia á navegaçãõ do mar do Sul. O Leytor achará nesta narrativa muitos factos interessantes relativos aos progressos de civilizaçãõ entre as naçoens, que ate agora éram mui pouco conhecidos. As pessoas intelligentes em Geographia, acharaõ nesta obra muitas observaçoens practicas, e correccoens importantes nos mappas de que geralmente se usa.

Abernethy's Anatomical Lectures, 8vo. preço 4s. 6d. Indagaçãõ sobre a probabilidade, e racionabilidade da theoria da vida de Mr. Hunter; que foi o objecto de duas liçoens anatomicas, explicadas perante o Real Collegio de Cirurgioens em Londres. Por Joaõ Abernethy, Professor de Anatomia e Cirurgia do mesmo Collegio.

Clarke on Female Diseases, Part I. 8vo. preço 1l. 1s. Observaçoens sobre as molestias do sexo feminino, que saõ acompanhadas por secreçoens; illustradas com estampas das molestias, &c.; por Carlos Mansfield Clarke, Membro do Real Collegio de Cirurgioens, Cirurgião do Hospital de partos da Raynha, e Professor de parteiros em Londres.

Goodlad on the Absorbent System, 8vo. preço 7s. 6d. Ensaio practico sobre as molestias dos vasos e glandulas

do systema absorvente ; e contem o resumo das observaçoens que obtivéram o premio de 1812, offerecido pelo Real Collegio de Çirurgioens de Londres ; ao que se ajunctam alguns casos cirurgicos, com anotaçoens practicas. Por Guilherme Goodlad, Cirurgiãõ em Bury, &c.

Historical Sketches, 1813, 8vo. preço 8s. (continuar-se-ha annualmente.) Esboços historicos de politica, e de homens publicos ; para o anno de 1813. Os principaes objectos deste volume são :—A Princeza de Gales ; a questao sobre os Catholicos ; a renovação da carta da Companhia das Indias ; Finanças ; Campanha na Peninsula ; Campanha no Norte e na Alemanha ; America.

O Author desta obra, quem quer elle seja, offerece mais informaçoens, e escreve com maior calma, do que costuma acontecer á generalidade dos authores contemporaneos ; em materias, principalmente, em que he difficil deixar de interessar-se por algum dos partidos.

Burgh's Anecdotes of Music, 3 vols. 12mo. preço 1l. 11s. 6d. Anecdotas de Musica, historicas, e biographicas ; em uma serie de cartas de um cavalheiro a sua filha, por A. Burgh, A. M.

Aiton's Epitome of Hortus Kewensis, 8vo. preço 12s. Epitome da segunda edição do Hortus Kewensis, para uso dos jardineiros ; aque se ajuncta uma selecção dos vegetaes e fructos comestiveis, cultivados no jardim Real de Kew. Por W. F. Aiton, Jardineiro de Sua Majestade.

General Biography, Vol. IX. 4to. preço 2l. 2s. Biographia Geral Vol. IX. ; ou vidas das mais eminentes pessoas de todas as idades, paizes, condiçoens, e profissoens, arranjasdas segundo a ordem alphabetica, critica e historica.

VOL. XII. No. 71.

camente. Composta pelo Dr. Aikin e outros escriptores habéis.

O decimo volume desta obra, que a completa, será publicado em Outubro, e se acham de venda jogos completos ou volumes separados.

Frey's Hebrew Dictionary, Parte I. 8vo. preço 8s. Dictionario Hebraico, Latino, e Inglez, que contém: 1°. Todas as palavras Hebreas e Caldaicas, usadas no Testamento Velho, incluindo os nomes proprios arranjados em um alfabeto, com os derivativos referidos ás suas respectivas raizes, e a significação em Latim e em Inglez, segundo as melhores authoridades. 2°. As principaes palavras nas Linguas Latina, e Ingleza, com as que lhes correspondem em Hebraico. Por Joseph Samuel C. F. Frey.

Condiçoens. 1. Esta obra será impressa com o maior cuidado, e exactidaõ em papel tecido; e alguns exemplares em papel superior. 2. Será publicada em 12 partes, e cada parte conterà oito folhas. 3. O preço para os assignantes sera de 8 shillings por cada parte em papel commum, e 12 shellings em papel superior. O preço para os que não forem assignantes será maior, quando a obra estiver completa. 4. Como o manuscripto se acha ja prompto para a imprensa, se poderá esperar uma parte cada dous ou tres mezes; e he de desejar que se obtenha sufficiente numero de assignantes, para occorrer a parte das despezas, que n'uma obra Hebraica são peculiarmente grandes.

Constant, De l' Esprit de Conquete, 8vo. preço 8s. 6d. Do espirito de conquista e de usurpação, em suas relações com a civilização Europea. Por Benjamin Constant, Membro do Tribunato, Correspondente da Sociedade de Sciencias de Gottingen.

Noticias Literarias.

J. G. Dalyell, Escudeiro, tem na imprensa—Observações sobre alguns phenomenos interessantes da physiologia animal, apresentados em varias especies de Planariæ, e illustradas com estampas illuminadas de varios animaes vivos.

Mr. Duncan publicará brevemente um Ensaio sobre o Genio, ou a philosophia da Litteratura ; contendo uma analyse completa do espirito humano, com characteres dos mais eminentes authores.

O Reverendo W. Gunn está imprimindo uma Indagação sobre a origem e influencia da architectura Gothica ; illustrada com estampas.

Madame Maria Graham, authora de um Jornal de residencia na India, publicará—Cartas sobre a India em uma serie de cartas, com estampas.

O segundo volume dos esboços de Philosophia Natural de Mr. Playfair, esta quasi prompto para se imprimir.

Mr. R. Brown, architecto, e mestre de desenho, está imprimindo—Principios da perspectiva practica ou Projecção Scenographica ; exemplificada em 50 estampas, com as suas descriçoes.

Mr. Wardrop tem na imprensa o segundo volume de Ensaios sobre a anatomia morbida do olho humano, com muitas estampas illuminadas.

Mr. Sawrey está preparando para publicar a Anatomia morbida do cerebro, na mania e hydrophobia, collegida de papeis do defuncto Dr. André Marshall.

Mr. Joaõ Dunlop publicará brevemente em tres volumes de 8vo. a Historia das ficções ; que he uma narraçãõ critica das obras mais celebres de ficções em prosa ; desde os mais antigos tempos dos Gregos até os romances e novellas da idade presente.

O Reverendo H. S. Boyd tem na imprensa uma Selecção dos poemas e oraçoes de Gregorio Nazianzeno.

O Rev. W. Potter propõem-se a publicar—Ensaio illustrativo dos principios, disposições, e maneiras do genero humano, mostrando os horrores da depravação humana, e as belezas da verdadeira religião.

O Dr. Southey está imprimindo, Observações sobre a ptisica pulmonar.

Mr. Busby, architecto, está preparando para publicar uma obra sobre as vantagens de sua practica em formar modelos para os edificios que se intentam erigir, em preferencia aos planos, elevações, e secções.

MISCELLANEA.

EXERCITOS ALLIADOS NO NORTE DA FRANÇA.

Officios dos Agentes Inglezes ao Ministro da Repartição de Guerra em Londres.

Participação do Coronel Lowe ao Muito Honrado Sir C. Stewart, datada do Quartel-general do Exercito Combinado, debaixo do commando do Marechal-de-Campo Blucher, Laon, 16 de Março, de 1814.

SENHOR! Neste exercito não tem occorrido coiza de muita importancia, depois das batalhas do dia 9, e 10, excepto as acções que houve em Rheims. As relações do vosso Ajudante-de-Campo, Capitão Harris, que estava com o General, Conde St. Priest, nas occasiões da tomada, e perda da cidade, fazem desnecessario que eu refira as circumstancias particulares, a este respeito. A perda da cidade produziu algum inconveniente, por suspender a nossa communicação com o exercito grande, de cuja situação presente, e movimentos, ainda estamos sem informação exacta; porem supponho, pela maior parte do exercito inimigo, e o mesmo Bonaparte, estarem nas nossas

vizinhanças, que elle vai continuando a sua avançada para a capital.

O exercito aqui tem, ha uns dias, estado occupando uma linha extendendo-se desde Chauny, a Corbeny, e Craone, com avançadas para o lado de Soissons, com o intento principalmente de ajunctar provisoens, e forragens da re- taguarda, e do flanco direito. Agora esta-se outravez concentrando.

Bonaparte, pelo que dizem os desertores, e outras infor- çoens, está em Rheims, e tem as suas guardas comsigo.

O quartel-general do Marechal Blucher ainda aqui está.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) H. LOWE, Coronel.

Relaçã do Capitão Harris, datada de Laon, 14 de Março, de 1814.

SENHOR! O corpo do Tenente-general Conde St. Priest, ficou na noite do dia 12, em Rheims. Entre as 10, e as 11 da manhã de hontem, recebeu-se noticia de que os postos avançados na estrada de Soissons, tinham sido ataca- dos, e obrigados a retirar-se, e que o inimigo vinha avançando em força naquella direcção.

As tropas marcharam immediatamente da cidade para uma posição sobre o terreno elevado de um e outro lado da calçada que vai para Soissons, cousa de um quarto de milha distante de Rheims, na frente do qual estavam pos- tadas partidas fortes de cavallaria, infantaria, e artilheria. O inimigo vio-se vir avançando em pezadas massas de caval- laria, e numerosa artilheria, as quaes formou em duas linhas, quando chegou a perto de milha e meia da posição dos Alli- ados: as avançadas de ambos os exercitos travaram-se imme- diatamente, e as descargas d'artilheria, e escaramunças na planice, entre as duas posiçoens, foram constantes por varias horas; durante este tempo o inimigo não fez outro movi- mento senão extender a sua linha para ambos os flancos;

parecia que estava esperando pela infantaria que ainda não tinha apparecido. Pela volta das quatro horas, as columnas de cavallaria e artilheria avançaram, abriu-se uma fortissima canhonada, e se fez mui vigoroso ataque contra dous batalhoens Russianos, que estavam postados adiante; a firmeza destas tropas frustrou esta tentativa; o inimigo foi repellido, e soffreo muito do fogo da infantaria, que se retirou para a posiçãõ sem perda.

O inimigo fez avançar uma linha de artilheria coberta pelas suas columnas de cavallaria; uma tremenda canhonada rompeo de ambos os lados. As tropas Alliadas estiveram por muito tempo expostas ao destructivo fogo de uma artilheria mui superior, porem permaneceram firmes no seo terreno. Vio-se que o inimigo movia uma grande columna de cavallaria para a sua direita. Neste momento, o Conde St. Priest, que tinha estado constantemente nas situaçoens expostas, dando um brilhante exemplo ás suas tropas, foi lançado do cavallo por uma balla de canhão, e foi obrigado a ser levado do campo. Similhante perda, em momento tam critico, foi particularmente desgraçada: durante o curto intervallo que mediou até que foi substituido no commando, estava o inimigo fazendo os seus maiores esforços.

A brigada de cavallaria Russiana do General Manuel, que apoiava a infantaria sobre a esquerda, foi atacada por uma grande massa de cavalleria inimiga: nada podia ser mais brilhante do que a resistencia que estas tropas fizeram; porem foram sobrepujadas por uma força quatro vezes maior, e soffreram muitissimo. O inimigo estava ao mesmo tempo carregando sobre o centro, e a direita; e a retirada de todo o exercito pelo meio da cidade de Rheims, foi o resultado inevitavel. Uma retirada similhante, diante de um inimigo tam superior em cavallaria, não podia ser effeituada sem perda; porem esta foi muito menor do que se poderia esperar. As columnas retiraram-se pela estrada de Berri-

au-Bae. A entrada em Rheims foi defendida duas horas por uma pequena partida de infantaria; e o inimigo não ganhou a posse da cidade até as dez horas: elle não obstante, fez ir a sua cavallaria de roda, atravessando para a direita da cidade, e carregou sobre a estrada de Berri-au-Bac: este movimento cortou a retirada de uma pequena columna por aquella estrada, e obrigou-a a retirar-se pela de Neufchatel. Todo o corpo tem-se reunido esta manhã ao exercito do Marechal Blucher, nas visinhanças de Laon. Não me he possível dizer justamente a perda dos Alliados na acção de hontem, porem julgo que não excede dous mil homens. Sette canhoens Prussianos, e um Russiano ficaram no poder do inimigo. Os canhoens que se apanharam em Rheims, no dia 12, foram passados para Chalons, antes da cidade ser reoccupada pelas tropas Francezas. A perda do inimigo em mortos e feridos não pode deixar de ter sido mui consideravel. Diz-se que Bonaparte estivera presente em todo o dia.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) THOS. NOEL HARRIS, Ajudante-de-Campo.

Arcis, 18 de Março, de 1814.

MY LORD! Em consequencia das vantagens obtidas pelo Marechal Blucher juncto a Laon, o Principe Schwartzemberg moveo o seu quartel-general no dia 15 para Point-sur-Seine, e com a vista de tomar a offensiva, mandou o 4º., 5º., e 6º. corpos passar o Seine, e fazer a deligencia por se estabelecerem em Villeneuve, Provins, e Bray, em quanto o 3º. corpo se estabelecia em Sens. Comtudo, antes destes movimentos se porem em completa execucao, chegou a noticia da derrota de uma parte do corpo do General St. Priest no dia 14, e da reoccupação de Rheims pelo inimigo.

O Principe Schwartzemberg determinou suspender o movimento que tinha commegado; passou o seu quartel-

general no dia 16 para este sitio, e ajunctou o seu exercito ao pé delle. O 5º. corpo occupou a villa de Arcis, e a sua guarda avançada, estava postada em Mailly, e Sommesons. O 6º. corpo estava em posição entre St. Ferrail, e Mont le Potier. O 4º. corpo estava em Nogent, e partidas deste occupavam Marriot, e Sordun, sobre a estrada de Provins e Bray. O 3º. corpo estava entre Villeneuve, e Troyes.

As circumstancias da acção do General St. Priest ainda não chegaram : receio que aquelle official fosse mui gravemente ferido : retirou-se na direcção de Berri-au-Bac, e suppoem-se ter formado a sua junção com o General D'Yorck.

Pela direcção desta retirada, ficou Rheims aberta aos Francezes, que immediatamente a occuparam. Dali marcharam sobre Chalons, e Epernay, de que tomaram posse no dia 16, retirando-se a pequena guarnição que as occupava, logo que elles chegaram. O inimigo não fez hontem movimento algum para diante daquellas terras. Mandou, comtudo, hontem, dizer o General Keiseroff, que Bonaparte, a noite passada, estava em Epernay, e que ia avançando sobre Fere Champenoise.

Em contemplação deste movimento, e com determinação de em todo o caso marchar sobre Chalons, para apoiar o movimento do Marechal Blucher, tinha o Principe Schwartzemberg mandado hontem marchar os differentes corpos do seu exercito para uma posição; as guardas e reservas, entre Donnemont, e Dommartin; o 5º. corpo entre Rammerci, e Arcis; o 6º. corpo entre Arcis, e Charoy; o 4º., para formar a esquerda, em Mary; o 3º., para se ajunctar entre Nogent, e Pont-sur-Seine.

O General Bianchi foi atacado no dia 11, juncto a Maçon, por duas divisões do exercito do Marechal Augereau. A acção durou até o escurecer, quando o inimigo se retirou, deixando sobre o campo de batalha consideravel nu-

mero de mortos, e feridos; quinhentos prisioneiros, e dous canhoens ficáram no poder dos Alliados. O General Bianchi, no dia seguinte, fez adiantar a sua guarda avançada até St. George. Pelas relações daquelle exercito, do dia 14; o Principe de Hesse Homburg, tinha-se reunido ao corpo do General Bianchi, em Bage le Chatel; elle tem tenção de passar a maior parte das suas forças para os altos de Saone, e mover sobre o inimigo, então juncto em Villefranche, no dia 17.

O General Bubna esperava pela chegada de um corpo de Austriacos, que vinha avançando pela estrada de Nantua, para tomar a offensiva; havia então de cooperar no ataque de Lyons. Um corpo, debaixo das ordens do Coronel Sembschen, fez um felicissimo ataque, contra os postos occupados pelo inimigo sobre o Simplon. O Capitão Luxem, que foi encarregado deste ataque, aprisionou toda a força inimiga, que lá estava empregada, e estabeleceu-se em Domodosola. Depois de eu ter commeçado a escrever este officio, chegou uma relação do General Keiseroff, dizendo que o inimigo estava actualmente de posse de Fere Champenoise, e que ia avançando em força por aquelle lado.

Tambem consta que o inimigo vai avançando pela estrada de Chalons, e Sommesons. O 5.º corpo, debaixo das ordens do General Wrede, está em consequencia tomando agora uma posição na frente daquelle terra, e sobre a margem direita do Aube.

Tenho a honra de participar a V. S. que a fortaleza de Custrin se rendeo aos Alliados.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) BURGHESH, Tenente-Coronel
do Regimento 63.

O Lord Visconde Castlereagh, em uma carta ao Conde Bathurst, datada de Bar-sur-Aube, em 22 de Março, re-

mette a seguinte copia da relação de uma acção com o exercito Francez, debaixo do commando de Bonaparte, em Arcis-sur-Aube, em 21 do corrente :—

Quartel-general de Pougey, 21 de Março, de 1814.

A posição que se renovou hontem foi para collocar o exercito em uma posição concentrada, defronte de Arcis. O flanco direito estava collocado em Orthillon sobre o Aube; e o esquerdo, entre St. Remy, e Mont-sur-Aisne, sobre o Ribeiro Barbnise, tendo no seu centro a aldeia de Mesnil la Comtesse; o General Keiseroff, estava postado sobre a margem esquerda do Barbnise, em observação do inimigo.

O inimigo ajunctou uma grande força em Arcis, e tinha grandes massas de infantaria e cavallaria na sua frente, e sobre a estrada de Champenoise. Deixou marchar as nossas differentes columnas para formarem a sua junção, sem as molestar, tendo somente tentado uma vez interromper os progressos do Principe Real de Wurtemberg; porem um arrogante, e repentino ataque do General Conde Pahlen, em que se tomaram tres canhoens, fêz recuar tanto o inimigo, que se completou a junção das differentes columnas do exercito, e a posição tomou-se sem difficuldade.

Até á uma e meia da tarde, não houve couza alguma, e ambos os exercitos estavam promptos para a batalha, um defronte do outro; a este tempo percebeo-se que o inimigo ia desfilando pelo outro lado do Aube, tomando as suas columnas a direcção de Vitry. Uma poderosa retaguarda ficou de posse de Arcis, e tinha-se posto em uma posição desta banda do logar. Nesta occasião, o Principe Real de Wurtemberg, com o 3º., 4º., e 6º. corpo do exercito, fez um combinado ataque sobre Arcis; ao mesmo tempo o 5º. corpo do exercito, e a cavallaria fôram mandados mover sobre Reimerié, e a infantaria das guardas e reservas para Lesmont, para passarem para a margem direita do Aube. O ataque sobre Arcis, commegou pela

volta das tres da tarde, e foi resistido pelo inimigo com a maior obstinaçãõ; porém o Principe Real de Wurtemberg, pelas suas boas e habéis disposiçoens, arrojou tudo diante de si, e o inimigo deve ter soffrido uma perda immensa em mortos e feridos, com que o campo da batalha estava coberto quando abandonou Arcis. Fizeram-se as necessarias disposiçoens para seguir o inimigo.

Officio do Tenente-coronel Cooke ao Lord Bathurst.

Rheims, 22 de Março, de 1814.

MY LORD! O exercito do Márechal Blucher foi reforçado no dia 16 do corrente, pelo corpo do Conde St. Priest, que se tinha retirado de Rheims, depois de um combate em que o General foi desgraçadamente ferido, e de um modo perigoso. Em 18 do corrente tornou-se o exercito a por em movimento. Os corpos dos Generaes Kleist, e Yorck, estavam naquelle dia em Berri-au-Bac, o do General Bulow marchou de La Fere para Laon: e os Russianos, ás ordens do General Winzingerode, e do Conde Langeron, marcharam para uma posição em Amifontaine, e Rancour. Como a ponte em Berri-au-Bac estivesse destruida, estabeleceram-se naquella noite duas pontes levadiças, e tendo-se retirado a retaguarda do inimigo, todo o exercito passou o Aisne na manhã de 19, tomando os Prussianos a estrada de Fismes, e os Russianos a estrada real de Rheims. A cavallaria Alliada, debaixo das ordens dos Generaes Czernicheff, e Benkendorff, rodearam a cidade de Rheims logo pela manhã. Perto das seis da tarde, tendo chegado a infantaria, debaixo do commando do General Conde Woronzow, fizeram-se immediatamente disposiçoens para tomar a cidade por assalto. Para este fim fêz-se avançar alguma artilheria, apoiada por dous batalhoens de tropas ligeiras Russianas, até as portas da cidade, as quaes foram despedaçadas, e as tropas entraram sem resistencia. Observou-se a ordem, e disci-

plina mais exacta. A retaguarda do inimigo debaixo do commando do Marechal Mortier, retirou-se na direcção de Epernay, a sua cavallaria deixou a cidade quasi pelo mesmo tempo que os Alliados entraram, Napoleão saio desta terra, com a maior parte do seo exercito em 16 do corrente ; e tambem marchou pela mesma estrada.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) HENRIQUE COOKE, Unido ao Exercito do Norte.

Fere Champenoise, 26 de Março, de 1814.

MY LORD! Apesar do muito que duvido que este officio vos chegue á mão, estou com tudo ancioso por lançar mão da primeira oportunidade de vos informar dos acontecimentos que tem havido, depois das minhas ultimas cartas, e que até o presente, tem sido acompanhados dos mais brilhantes successos. Na manhaã de 23, os differentes corpos deste exercito estavam junctos em posiçoens, donde o todo se dirigio sobre Vitry. A divisão Russiana de cavallaria ligeira das guardas, ás ordens do General Conde Angerowsky, avançou de Metiercelin para Somme-puis, aonde atacou um corpo consideravel de cavallaria, matou e fez prisioneiros grande numero de inimigos, e apanhou 20 peças de canhaõ. Este ataque foi conduzido com tanto talento, e rapidez, que a perda da parte dos Russianos foi inconsideravel. O inimigo immediatamente depois commegou a desfilar de todas as suas posiçoens juncto a Arcis, dirigindo-se sobre Vitry. O Conde Wrede fêz diligencias por interceptar-lhe a marcha, porem não pôde. O Principe Real de Wurtemberg, seguiu-o, e fez-lhe consideravel prejuizo.

Por um Correio Francez, apanhado na occaziaõ do ataque da cavallaria Russiana em Somme-puis, soube-se que os Marechaes Ney, e M'Donald, estavam na nossa frente, desfilando para se irem ajunctar a Bonaparte, que já

estava em St. Dizier. O Commandante de Vitry tinha sido intimado pelo Marechal Ney, e ameaçado com a morte de toda a guarnição, se não se rendesse, elle não obstante recuzou. Vitry ainda estava em nosso poder. Por uma carta de Bonaparte, que foi interceptada, descobrio-se o objecto dos seus movimentos. O Principe Schwartzemberg, em consequencia, fez halto com o seu exercito sobre o Marne, na noite de 23, tendo os Francezes passado de todo para a outra margem do rio.

Bonaparte, tendo-se collocado sobre a nossa linha de communicação com a retaguarda, e tendo-se formado a nossa junção com o exercito do Marechal Blucher, pela chegada do General Winzingerode de Chalons e Vitry, foi determinado que o todo dos dous grandes Exercitos Alliados marchasse sobre Paris. Com este objecto, todo o exercito partio hontem, e tinha avançado em uma columna sobre este logar. Os corpos dos Marechaes Marmont, e Mortier, receberam ordem para se unirem a Bonaparte; na noite de 24 tinham chegado a 2 legoas de Vitry. A guarda avançada do Principe Real de Wirtemberg caio sobre elles, quando commecava a sua marcha para este sitio.

O inimigo percebendo que uma grande força avançava sobre elle, retirou-se; a cavallaria dos corpos 4.º, e 6.º, perseguio-o. A divisaõ de cavallaria ligeira das Guardas Russianas, distinguio-se outra vez; atacou primeiro os courasseiros inimigos, e depois as suas massas de infantaria: em ambos os ataques foram bem succedidos; ficou no campo grande numero de mortos e feridos, tomaram-se 10 peças de canhão, e perto de 1.000 prisioneiros. Os courasseiros Austriacos, e a cavallaria de Wirtemberg, tambem fizeram varios ataques: o inimigo soffreo muito por via dellas, e foi perseguido até Sezanne, com perda de mais de 30 peças de canhão. Os resultados destas acçoens ainda se não sabem bem; remettellos-her a V. S. para a

primeira occasiã. Quando o Principe Schwartzemberg chegava a Fere Champenoise ouviram-se tiros de canhaõ sobre a nossa direita; pouco depois vio-se um corpo de infantaria marchando sobre o quartel-general.

O Imperador Alexandre, e o Rey de Prussia immediatamente mandaram a um trem de artilheria pertencente ao 6º. corpo, e que passava na quella occasiã, que se pozesse em posiçã contra aquelle corpo. A cavallaria que estava na retaguarda deste corpo, descobrio-se pouco depois que pertencia ao exercito do Marechal Blucher, que o vinha perseguindo quazi todo o dia. O Principe Schwartzemberg destacou immediatamente uma consideravel porçã de cavallaria, dos corpos que iam em seguimento dos Marechaes Marmont e Mortier; o Imperador da Russia dirigio a avançada dos canhoens Russianos, o corpo de infantaria Franceza foi rodeado todo; atacado de todos os lados, debaixo da immediata direcçã do Imperador da Russia, do Rey de Prussia, e do Principe Schwartzemberg: depois de uma resistencia, que faz honra ás tropas inimigas, o todo das suas duas massas de infantaria, que montavam a 4.800 homens, com 12 peças de canhaõ, ficou prisioneiro.

Taes foram, My Lord, os triumfantes resultados do dia de hontem. As tropas já esta manhaã estaõ avançando, a cavallaria ha de chegar hoje a La Ferté Gaucher. O General Winzingerode està com 10.000 homens de cavallaria, em observaçã do exercito de Bonaparte, para o lado de St. Dizier; a sua direcçã ainda se não sabe.

Tenho o maior sentimento de ter de annunciar a V. S. que o Coronel Campbell foi hontem mui perigosamente ferido por um Cossaco. O Coronel Campbell, continuando aquella valorosa e distincta carreira que sempre assignalou a sua vida militar, tinha carregado com a primeira cavallaria, penetrou as massas Francezas; os Cossacos que chegaram em succorro desta cavallaria, tomaram-o

por um official Francez e detribaram-o : pelo que parecia esta manhaã, tenho grandes esperanças de que escape. O Coronel Rapatel, que fora Ajudante de Campo do General Moreau, tambem desgracadamente foi morto.

Tenho a honra do ser, &c.

BURGHESH, Tenente-coronel do Regimento 63.

Quartel-general de Fere Champenoise,

26 de Março, de 1814.

MY LORD ! Bonaparte, tendo falhado na sua tentativa de desfilar de Pancy, e Arcis, atravez do Aube, e tendo abandonado a sua idea de atacar o Principe Schwartzenberg na sua posiçã em Menil-la-comtesse, parece ter sido guiado, nas suas seguintes operaçoens, pelo dezejo de previnir a junçãõ dos exercitos do Principe Schwartzenberg, e do Marechal Blucher. Naõ podendo conseguir este objecto, o melhor que podia fazer, era forçar a sua uniaõ, e as suas communicaçoens para a retaguarda o mais que podesse, e fazellas o mais circuitosas que possivel fosse. Sabesse demais a mais por cartas interceptadas, que Buonaparte era de opiniaõ, que o movimento que tinha determinado sobre a direita do Principe Schwartzenberg, poderia induzillo a recuar para o Rheno, de medo de perder as suas communicaçoens, e que assim haveria elle de succorrer aõ suas praças, e estar em melhor situaçãõ para cobrir Paris.

Em geral acontece, que se fazem as manobras com a avançada, ou com a frente de um exercito ; porem Bonaparte, no seu projecto actual, parece ter levado o seu objecto tanto a diante, pela passagem do Aube com todo o seu exercito juncto a Vitry, que se tem deixado completamente descoberto para aquella denodada, e magnifica decizaõ que immediatamente se adoptou.

Bonaparte na tarde de 21, pôs todo o seu exercito em movimento pary Vitry. Aquella noite ficou em Somme-

puis ; no dia seguinte, o corpo avançado do seu exercito chegou a Vitry, e intimou á praça que se rendesse. Esta tinha sido posta em um estado de defeza mui toleravel pelo Coronel ——— e tinha uma guarnição de 3 a 4000 Prussianos. O Marechal Ney fêz toda a diligencia, com ameaças, para que se rendesse, porem o valoroso Coronel Prussiano resolutamente recuzou, e conservou a fortaleza, o que obrigou o Commandante Francez a atravessar o Marne em pontes construidas juncto a Frignicourt. Bonaparte passou ali todo o seu exercito nos dias 23, e 24, e verificou-se immediatamente que tinha tomado a direcção de St. Dizier.

Tres objectos poderia elle ter em vista pelos movimentos em roda da nossa direita ;—forçar-nos a recuar ; se este falhasse, manobrar sobre as nossas communicações, e mesmo proseguir a formar uma junção com o Marechal Augerau ; ou finalmente, movendo-se para as suas fortalezas de Metz, &c. prolongar a guerra, resistindo em uma nova linha, ao mesmo tempo que nos colloca no centro de França, tendo tomado as melhores precauções em seu poder, para a defeza da capital.

Os Alliados, no dia 22, tendo atravessado para a direita do Aube, não perderam tempo em adoptar a destemida resolução de formarem a junção dos dous exercitos, para o lado do poente, collocando-se por este modo entre o exercito Francez e Paris, e marcharem para a capital do Imperio Francez, com uma força unida de 200.000 homens pelo menos.

Em ordem a melhor encobrir este movimento, a marcha do Exercito Alliado foi feita de Pougy, Lesmont, e Arcis, sobre Vitry, e S. M. I. o Imperador da Russia, por meio de duas marchas extraordinarias de 18, e 12 legoas estabeleceu o seu quartel-general com o do Feld Marechal em Vitry, em 24 do corrente.

O General Angerauski, da cavallaria da guarda Russiana, fez no dia 23 uma brilhante tomadia de varias peças de canhaõ, 1,500 prisioneiros, e um grande numero de caixotes ; neste mesmo dia, e no precedente, houve varias aççoens das guardas avançadas, entre os corpos dos Generaes Wrede, e do Principe de Wirtemberg, e o inimigo.

Logo que o Marechal tomou esta decisaõ, fez as suas disposiçoens conformemente, formando um corpo sobre a linba de Bar-sur-Aube, o qual confiou ao cuidado do General Ducca, para proteger o quaftel-general do Imperador de Austria, os seos depositos, &c. e conduzillos se necessario fosse para o exercito do sul, e tambem apressando as suas operaçoens para a capital, para assegurar a sua retaguarda em quanto prosegue o seu objecto em frente.

O exercito combinado marchou em tres columnas para Fere Champenoise no dia 25 ; toda a cavallaria do exercito formava a avançada, e havia de avançar para para Sezanne. Os corpos 6º. e 4º. formavam a avançada da columna do centro : o 5º. estava na direita, e o 3º. e as reservas, e as guardas, na esquerda.

Recebeo-se noticia de que o Marechal Blucher tinha chegado com a maior parte do seu exercito a Chalons ; o General Winzingerode, e o General Czernicheff, com toda a sua cavallaria, entraram em Vitry no dia 23, e foram immediatamente destacados para seguir a marcha de Bonaparte para St. Dizier, ameaçando a sua retaguarda : a infantaria do General Winzingerode ficou em Chalons com o Marechal Blucher, junctamente com os corpos dos Generaes Woronzoff, e Zachou. O General Bulow tinha marchado para atacar Soissons, e os Generaes Yorck, e Kleist, tinham-se movido sobre a linba de Montmirail.

Por estes movimentos geraes perceberà V. S., que mesmo se Bonaparte naõ tivesse atravessado o Aube, e passado entre os nossos dous exercitos, havia provavelmente

achar-se em uma posição semelhante á de Leipzig, e o resultado teria sido sem duvida da mesma natureza.

O exercito havia de acampar-se no dia 25 em Fere Champenoise.

Sabe-se que os corpos dos Marechaes Marmont, e Mortier, que se vinham retirando de Blucher, descendo para Vitry, para se ligarem com as operaçoens de Bonaparte, ignorantes das suas intençoens, as quaes talvez não fossem inteiramente formadas senão quando ja estava muito compromettido; estes corpos do seu exercito ficaram perplexos quando se acharam junctos ao exercito do Principe Schwartzenberg, quando esperavam encontrar o seu proprio. He um facto singular e curioso, que a avançada do Marechal Marmont estava na noite de 24 a mui pequena distancia de Vitry, sem saber que estava no poder dos Alliados.

Na manhã de 25, o 6º. corpo, debaixo do commando do General Rousske, caio sobre a sua avançada, fêlla recuar até Connantray, e a travez de Fere Champenoise; no primeiro logar tomou-se um grande numero de caixoes, carros, e bagagem. No meio tempo a cavallaria Russiana das reservas, ás ordens do Gran Duque Constantino, foi igualmente bem succedida, atacando o inimigo, tomando 18 canhoens, e fazendo muitos prizioneiros. Porem o principal movimento brilhante deste dia, aconteeo depois que as tropas alliados em avançada tinham passado por Champenoise; uma columna inimiga destacada, de 5.000 homens, debaixo do commando do General Ámes, tinha estado em marcha, debaixo da protecção do corpo de Marmont, das vizinhanças de Montmirail, para se unir ao exercito de Napoleão. Este corpo vinha encarregado de um immenso conboi, com 100.000 raçoens de pão, e muniçoens, e era de grande importancia pela força que lhe vinha annexa. Tinha saído de Paris para ir ter com Bonaparte, e a cavallaria do Marechal Blucher foi a primeira que descobrio, e observou este corpo em sua marcha de

Chalons. O meu Ajudante de Campo, Capitão Harris, teve a fortuna, a tempo que viajava com alguns Cossacos, de dar ao Marechal Blucher a primeira noticia da sua posição.

A cavallaria dos Generaes Kost, e Basitchikoff, foi immediatamente destacada atraz della, e arrojaram-a sobre Fere Champenoise a tempo que a cavallaria do exercito grande vinha avançando. Alguns ataques de cavallaria se fizeram sobre este corpo, que se formou em quadrados, e deve se dizer com justiça, que se defendeo com o maior valor, a pezar de serem tropas novas, e guardas nacionaes: quando foram completamente rodeados pela cavallaria de ambos os exercitos, mandaram-se alguns officiaes a dizer lhe que se rendesse; porem elle continuou a marchar fazendo fogo, e não depos as armas; uma bateria de artilharia Russiana rompeo o fogo sobre elle, renovaram-se os ataques da cavallaria, e completou-se a sua destruição; e os Generaes de Divisão, Ames, e Pathod, cinco Brigadeiros, cinco mil prisioneiros, e doze canhoens, com o conboi cairam em nosso poder. As retaguardas de Marmont, e Mortier parece terem-se desviado para o lado de Sezanne, e he difficil dizer se escaparaõ. Estaõ-se fazendo todas as preparaçoens para os alcançar e rodear. Porem o tempo actual he tam cheio de acontecimentos, e todas as noticias daõ origem a tantas conjecturas novas, que so peço a V. S. que me excuse a mui imperfeita maneira porque sou obrigado a participar o que se passa.

O Exercito Grande marcha hoje para Maillerat, o quartel general para Treffau, e a avançada ha de adiantar-se até La Ferte Gaucher.

O Marechal Blucher que estava ali a noite passada ha de avançar contra Montmirail.

Vossa Senhoria, estou bem certo, que ha de sentir muito quando souber que aquelle benemerito official, o Coronel Campbell, foi desgraçadamente ferido por um

Cossaco, no barulhamento da cavallaria, pornaõ ser conhecido : a lança entrou-lhe nas costas, poren, vai com melhoras.

Tambem sinto particularmente ter de annunciar a V. S. a morte do Coronel Rapatel que foi morto de um tiro, indo como parlamentar para uma das columnas. A perda de um official tanto e tam justamente amado neste exercito, pelo seu affecto ao General Moreau, pelas suas excellentes qualidades, e pelo seu zelo pela boa causa, tem motivado um sentimento geral.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.
Ao Visconde de Castlereagh, &c. &c. &c.

Quartel-general de Colomiers, 27 de Março, de 1814.

MY LORD! O naõ terem ainda sido recebidas as relaçoens dos differentes corpos quando eu enviei o meu officio no dia 26, juncto com a pressa do momento em que foi escripto, deve servir-me de desculpa por ter avaliado em muito menos do que na realidade importam os successos do dia 25 do corrente.

Na occaziaõ da retirada dos corpos de Marmont, Mortier, e Arrighi, diante das diversas columnas dos exercitos, cuja junçaõ se tinha effectuado entre Fere Champenoise, e Chalons, caíram em nosse poder acima de 80 peças de canhaõ, além do conboi aque alludi no meu officio de 26, e um grande numero de caixoens. Os canhoens fõram abandonados pelo inimigo em todas as direçoens, na sua rapida retirada : e fõram tomados, naõ so pela cavallaria do Gram Duque Constantino, e pelo General Conde Phalen, mas tambem pelos corpos do General Reisky, e pelo Principe Real de Wirtemberg.

Os Generaes D'Yorck e Kleist, que se tinham movido de Montmirail sobre La-Ferté-Gaucher, onde chegaram no dia 26, augmentaram grandemente a derrota do inimigo. O General D'Yorck esteve travado mui seriamente com o

inimigo, e fez 1.500 prisioneiras nesta ultima terra : e pode-se mui bem calcular que esta parte do exercito de Bonaparte tem sido perseguida, taõ apertadamente que tem perdido um terço da sua força em ponto de numero, e quasi toda a artilheria que lhe pertencia. Nada senaõ continuas marchas forçadas podia fazer que alguma parte dos corpos aque acima alludi, podessem escapar aos seos victoriosos perseguidores ; e quando eu conto a V. S. que o exercito do Marechal Blucher estava em Fismes no dia 24, e estava combatendo em La Ferté Gaucher no dia 26, fazendo uma marcha de 26legoas, ficará evidente que nenhuns excessos phisicos poderaõ exceder os que a presente crises em exemplo obriga a fazer.

O exercito grande estava em posiçaõ em Mailleret no dia 26. A marcha continuou de Fere Champenoise em tres columnas ; os quartels generaes do Imperador da Russia, e do Principe Schwartzenberg estavam em Treffau : a cavallaria do Conde Pahlen tinha avançado para alem de Ferté Gaucher, ajunctando-se aos Generaes D'Yorck, e Kleist : a cavallaria, e as reservas estavam acampadas em La Vergiere sobre a direita da estrada real ; os corpos 4.º e 6.º estavam no centro, o 5.º na esquerda, e o 3.º ficou na retaguarda para cobrir toda a bagagem, artilheria, parques, e trem, e para fazer marchár tudo unido. Os corpos de partidistas dos Generaes Keiseroff, e Ladavin occupavam, e observavam o paiz á roda de Arcis, e Troyes, entre o Marne, e o Seine. Receberam-se noticias dos Generaes Winzingerode e Czernicheff, que continuávam a seguir a retaguarda de Bonaparte com dez mil de cavallo, e quarenta peças de canhaõ ; este ia marchando por Brienne para Bar-sur-Aube, e Troyes, correndo para a capital com a maior precipitaçaõ ; uma plena demonstraçaõ, se alguma he necessaria, que da banda dos seus adversarios, tanto há superioridade de manobras, como de forças.

O Principe Marechal continuou hoje a sua marcha sem interrupção: o quartel-general estabelecco-se em Colomiers: o 6.º corpo chegou a Monson: a cavallaria do Conde Pahlen, e do Principe Real de Wirtemberg, que tinha sido mandada rodear a direita do inimigo, seguiu uma parte dos corpos na nossa frente, os quaes parece terem-se agora separado para Crey; em quanto os Generaes Kleist e D'Yorck seguiam os outros, avançando de La Ferté-Gaucher para Meaux, aonde haõ de segurar a passagem do Marne, para o exercito do Marechal Blucher; o 5.º corpo tomou o seu terreno juncto a Chailly: o 3.º em Maveillon; e a cavallaria da guarda, as guardas, e reservas na frente deste lugar.

O Quartel-general do Marechal Blucher está ésta noite em La Ferté Jouarre, e a manhaã o seu exercito ha de passar o Marne; o que eu presumo que o exercito grande ha de fazer em Lagny, por este modo quasi concentrando todas as suas forças sobre a margem direita do rio, e tomando posição sobre os montes de Mont-Martre. Ainda naõ sei os motivos que tem dirigido os corpos inimigos na nossa frente, se parte delles tem recuado para formarem corpo com a guarda nacional em Paris; ou se com alguns delles haverão de disputar por algum momento a passagem do Marne a manhaã; ou se a outra parte vai marchando por Provins para se unir a Bonaparte, está ainda para se ver, porém por nenhum modo para se temer.

Quaesquer que sejam os resultados das operaçoens que estão em progresso, brilhantes como se veem, os Soberanos, que estão presentes, e o Principe Marechal, que guia os seos exercitos, haõ de fazer a respeitosa, e consoladora reflexão, que pelas suas intrepidas manobras, tem obrado com justiça para com os seos paizes, o seu povo, e a grande causa.

Tenho a honra, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.
Visconde Castlereagh, &c. &c. &c.

Officios de Sir C. W. Stewart, ao Lord Burghersh.

Quartel-general de Bondy, 29 de Março, de 1814.

No dia 28, o Grande Exercito Alliado, e o da Silesia continuaram a avançar para Paris. O 6º. corpo, os granadeiros Austriacos, as guardas, e reservas, e a cavallaria de sua A. I. o Gram Duque Constantino tomáram as suas posiçoens, nas vizinhanças de Coulley, e Manteuil. O 3º. corpo estava hoje em Mouron, o 5º. ficou em Chailly com a guarda avançada, na direcção de La Ferté Gaucher, observando as estradas de Sezanne, e Provins.

O quartel-general do exercito estabeleceo-se em Cuency. O 6º. corpo effeituou a passagem do Marne em Meaux com pouca resistencia. Uma parte do corpo do Marechal Mortier, debaixo do commando immediato do General Francez Vincent, que se tinha retirado atravez daquella terra, destruiu a ponte na sua retirada, e deteve os allia-dos na sua avançada.

Coiza de 10.000 homens das Guardas Nacionaes mixtu-rados com alguns soldados veteranos intentáram fazer uma debil frente contra o exercito da Silesia, entre La Ferté Jouarre, e Meaux ; porem o General Horne atacou-os, e pondo-se valorosamente á frente de alguns esquadroens, penetrou uma massa de infantaria, e elle mesmo fez pri-sioneiro o General Francez.

A passagem do rio tambem foi disputada em Triport aonde o exercito do Marechal Blucher passou ; porém não obstante o fogo do inimigo, a ponte completou-se depressa, e todo este exercito passou hoje o Marne.

Os Francezes quando se retiraram de Meaux fizeram voar um almazem de polvora de uma extençaõ immensa, sem darem a maior informaçã aos habitantes da villa, que cuidaram de ser interrados debaixo das ruinas da terra, com a monstruosa explosãõ : não ficou uma janella que não fosse feita em pedaços, e todas as cazas soffrêram grande damno, e igualmente a magnifica cathedral.

Os corpos de D' Yorck, e Kleist avançaram hoje para Clay ; o corpo do General Langeron estava na sua direita, e o do General Sacken, em reserva o corpo de Woronzoff estava na retaguarda em Meaux. Construíram-se diversas pontes sobre o Marne para o exercito grande desfilarem em varias columnas.

A retaguarda de Bonaparte para abanda de St. Dizier, parece que foi atacada na tarde de 26, e na manhã de 27, por uma força inimiga mui preponderante, especialmente, em infantaria. As circumstancias da acção ainda não chegaram ; porem sabe-se que o General fôra obrigado a retirar-se na direcção de Bar-le-Duc.

Segundo as noticias mais modernas, o mesmo Bonaparte estava em St. Dizier no dia 27 ; e diz-se que a sua guarda avançada está em Vitry. Assim está claro que vem marchando atraz dos Alliados, ou dirigindo-se ao Marne, porém certamente ja he mui tarde.

No dia 29, o exercito da Silesia, tendo um corpo juncto ao Marne, foi dirigido para a sua direita, para avançar sobre a estrada real de Soissons a Paris ; o General Conde Langeron estava sobre a direita, juncto ao lugar de La Villetes ; os Generaes D' Yorck, e Kleist movêram-se da estrada de Meaux para a de Soissons ; para fazer campo para o exercito do Principe Schwartzenberg ; os Generaes Sacken, e Woronzoff estavam na sua retaguarda.

Na tarde do dia 28 houve uma acção mui profiada, em Claye, entre o General D' Yorck, e a retaguarda inimiga : o terreno em que elle estava postado era mui favorável para se defender, e em uma mosquetaria mui viva, o General D' Yorck perdeu alguns centos de homens ; porém o inimigo foi arrojado em todos os pontos.

O 6º. corpo passou em Triport, e chegou á noite a Bondy e aos altos de Pantin. O 4º. corpo atravessou em Meaux, com as guardas, reservas, e cavallaria ; as primeiras fôram immediatamente mandadas a ganhar a estrada

real de Lagny á Capital, e tomar posiçaõ sobre os montes de Chelle. O 3º. corpo éra para Meaux, e ficou sobre a margem esquerda do Marne, tendo a sua cavallaria em Cressy, e Coulomiers.

Ao avançar do 6º. corpo fez-se alguma pequena resistencia em Villaparis ; e foi necessario render os Generaes D' Yorck, e Kleist, e movellos mais para a direita ; arranjou uma cessaçaõ de hostilidades por quatro horas, por mutuo consentimento, cuja demora féz que a marcha para diante naõ fosse tam rapida como até ali.

Pode dizer-se que o exercito esta noite tem a sua direita para o lado de Montmartre, e a sua esquerda juncto ao bosque de Vincennes.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-gen.

Proclamaçaõ do Marechal Principe Schwartzenberg, aos Habitantes de Paris.

HABITANTES DE PARIS! Os Exercitos Alliados estaõ defronte de Paris. O objecto da sua marcha para a capital he fundado sobre a esperança de uma sincera e duravel reconciliaçaõ com a França. As diligencias que se tem feito para por fim a tantas desgraças tem sido inuteis ; porque existe no mesmo poder do Governo que vos opprime um invencivel obstaculo para a paz. Qual he o Francez que naõ esta convencido desta verdade ?

Os Soberanos Alliados procuram, de boa fe, *uma saudavel authridade em França*, que possa cimentar a uniaõ de todas as naçoens, e de todos os Governos com ella : nas presentes circumstancias he á cidade de Paris a quem toca *acelerar a paz do mundo*. Olha-se para o desejo desta cidade com aquelle interesse, que um resultado de similhante importancia deve inspirar. Declare-se pois ella mesma, e desde aquelle momento o exercito diante dos seos muros fica sendo o apoio das suas decisoes. Parisienses,

vos sabeis a situaçaõ do vosso paiz, o comportamento de Bourdeaux, e amigavel occupaçaõ de Lyons, os males trazidos sobre França, e as reaes disposiçoens dos vossos concidadaõs. Vos achareis nestes exemplos a terminaçaõ de uma guerra estrangeira, e discordia civil, nem podeis buscalla em outra parte.

A preservaçaõ e tranquillidade da vossa cidade ha de ser o objecto dos cuidados, e medidas que os Alliados estaõ promptos para tomar, em conjuncçaõ com as Authoridades, e os Notaveis, que possuem maior grao de estimaçaõ publica. As tropas naõ seraõ aquarteladas em vossas cazas. Com estes sentimentos vos falla, a *Europa em armas* diante dos vossos muros. Apressai-vos a responder á confiança que ella poem no vosso amor pela patria, e na vossa discriçaõ.

O Marechal Principe SCHWARTZENBERG,
Commandante em Chefe dos Exercitos Alliados.

Altos de Belleville, acima de Paris, 30 de Março,
de 1814. Sette da Tarde.

MY LORD! Aproveito a occaziaõ que offerece o presente momento para vos transmittir uma relaçaõ dos successos deste dia.

Depois das acçoens de Fere Champenoise, cujas particularidades tive a honra de vos inviar no meu ultimo officio; os exercitos unidos do Principe Schwartzenberg, e do Marechal Blucher, passaram o Marne nos dias 28, e 29 em Triport e Meaux. O inimigo oppoz uma fraca resistencia á passagem do rio; porem na tarde de 28 estava o General D' Yorck seriamente travado juncto a Claye; com tudo por fim arrojou o inimigo das matas á roda daquelle lugar com perda mui consideravel.

Hontem todo o exercito avançou para Paris, á excepçaõ dos corpos do Marechal Wrede, e do General Sacken, que foram deixados em posiçaõ em Meaux. Houve continuas escaramuças com o inimigo, porem retirou-se, abando-

nando Pantin sobre a sua direita, e o campo na frente de Montmartre, na sua esquerda. Sabe-se que os corpos dos Marechaes Marmont, e Mortier, entraram em Paris a noite passada. A guarnição que previamente lâ tinha sido ajunctada, compunha-se de uma parte do corpo do General Gerard, ás ordens do General Compans, e uma força de perto de 8.000 homens de tropas regulares, e 30.000 de guardas nacionaes, debaixo do commando do General Hulin, Governador da cidade.

Com esta força, o inimigo debaixo do commando de Jozé Bonaparte, tomou uma posição esta manhaã, a direita sobre os altos de Belleville, occupando aquella terra, o centro sobre o canal de l' Ourque, e a esquerda para o lado de Neuilly.

Esta posição era forte pela natureza do terreno entrecortado sobre a sua direita. Os altos de Montmartre comandavam a planicie na retaguarda do canal de l' Ourque, e augmentavam a força da posição do inimigo.

A disposição para o ataque desta manhaã foi assim—o Principe Real de Wurtemberg, formando a esquerda havia de marchar sobre Vincennes; o General Rieffsky sobre Belleville; as guardas, e as reservas sobre a grande calçada que vai de Bondy a Paris. O Marechal Blucher havia de marchar sobre as calçadas de Soissons, e atacar Montmartre. Todos os ataques fôram bem succedidos; o General Rieffsky appoderou-se dos montes de Belleville; as tropas do seu commando distinguiram-se particularmente nos differentes ataques que fizeram. A aldea de Pantin foi tomada á ponta da baioneta; os altos acima de Belleville foram tomados com grandissima coragem pelas guardas Prussianas; estes corpos tomaram 43 peças de canhaõ e um grande numero de prisioneiros.

Quasi ao tempo em que estas vantagens tinham sido obtidas, o Marechal Blucher commecou o seu ataque contra Montmartre. O regimento Prussiano de hussares negros

fêz um valorosissimo ataque sobre uma columna inimiga e tomou 20 peças de canhaõ.

Na occasiaõ destas vantagens decizivas, mandou o Marechal Marmont um parlamentario mostrando ter desejos de receber as disposiçoens, que se lhe tinham mandado propôr pelo parlamentario, a que previamente se tinha recusado a admissaõ. Tambem propoz um armisticio de duas horas, para obter o qual, consentio em abandonar todas as posiçoens que occupava fora das barreiras de Paris.

O Principe Schwartzenberg convocio nestes termos. O Conde Nesselrode, da parte do Imperador da Russia, e o Conde Par, da parte do Principe Schwartzenberg, foram enviados á cidade, a pedir que se rendesse.

Agora acaba de chegar a resposta ; a guarniçaõ ha de evacuar Paris á manhaã pelas sette horas da manhaã : posso portanto, dar a V. S. os parabens pela tomada da capital. As tropas alliadas haõ de entrar á manhaã.

Vossa Senhoria haja de desculpar a pressa com que esta carta he escripta ; so tenho tempo para dar a V. S. a relação geral dos grandes acontecimentos que tem occorrido ; em similhante occaziaõ seria difficultoso reprimir um sentimento de exultaçaõ. O Imperador da Russia, e o Rey de Prussia estiveram presentes á todas as acçoens.

O Principe Schwartzenberg, pela decizaõ com que determinou marchar sobre a capital de França, e pelo modo porque tem conduzido a sua avançada, tem obtido a admiraçaõ geral.

Tenho a honra de ser, &c.

BURGMERSH, Tenente-cor. do Regimento 63.

O Visconde de Castlereagh, &c. &c.

Altos de Belleville, 30 de Março, de 1814.

MY LORD! Depois de uma brilhante victoria, póz Deus a capital do Imperio Francez nas mãos dos Soberanos

Alliados, justa retribuição das miserias infligidas sobre Moscow, Vienna, Madrid, Berlin, e Lisboa, pelo Desolador da Europa.

Eu tenho de participar mui imperfeitamente os acontecimentos deste dia glorioso, em um momento como o presente, e portanto peço a indulgencia de V. S.

O exercito inimigo, debaixo do commando de Joze Bonaparte, ajudado pelos Marechaes Mortier e Marmont, occupava com a sua direita os altos de Fontenoy, Romainville, e Belleville; a sua esquerda estava sobre Montmartre, e tinha varios redutos no centro, e em toda a linha uma immensa artilheria, de mais de 150 peças.

Em ordem a atacar esta posição, o exercito da Silesia foi dirigido sobre Montmartre, St. Denis, e aldeas de La Vallette, e Pantin, em quanto o exercito grande atacava a direita do inimigo sobre os altos de Romainville, e Belleville.

O Marechal Blucher fez elle mesmo as disposições para o seu ataque.

O 6.º corpo, ás ordens do General Reifski, marchou de Bondy em tres columnas de ataque, apoiado pelas guardas e reservas, e deixando a estrada real de Meaux, atacou os altos de Romainville, e Belleville. Estes lugares são mui sobranceiros, assim como Montmartre, o paiz que lhes fica de permeio he coberto de aldeas, e casas de campo, e a posse delles commanda Paris, e todo o paiz em roda. A divisaõ do Principe Eugenio de Wurtemberg, do 6.º corpo, comeeçou o ataque, e com grandissimo espirito soffreo por longo tempo um vivissimo fogo de artilheria, sendo apoiado pelas reservas dos granadeiros. S. A. I. depois de alguma perda, tomou os altos de Romainville, retirando-se o inimigo para os de Belleville, por traz delles. O 4.º corpo apoiou este ataque mais para a esquerda, e foi dirigido sobre os altos de Rosny, e Charenton, pelo seu valente commandante, o Principe Real de Wirtemberg.

O 3.º corpo do exercito foi collocado em escaeoens juncto a Neuilly, em reserva, assim como tambem a cavallaria.

O ataque do exercito grande tinha comeeado algum pouco tempo antes do da Silesia, demorado por algum accidente; porém naõ tardou muito que os Generaes D'Yorck, e Kleist, desfilassem juncto a St. Denis, sobre Aubeville, e aqui, e em Pantin fêz-se uma resistencia mui obstinada. S. A. R. o Principe Guilherme de Prussia, com a sua brigada, junctamente com as guardas Prussianas distinguiram-se muito. A cavallaria inimiga tentou atacar, porem foi repellida valorosamente pelos regimentos, de Brandenburg, e hussares negros. Um reduto forte, e uma bateria inimiga no centro, teve afastado o corpo do General D'Yorck por alguma parte do dia, porém tendo o flanco direito sido ganhado pelos altos de Romainville a sua perda em toda a parte do campo da batalha, e finalmente a completa derrota em todos os lados, reduzio-o á necessidade de mandar uma bandeira parlamentaria a pedir cessaçaõ de hostilidades, abandonando elle todo o terreno fóra das portas de Paris, até que se fizessem novos ajustes.

Os altos de Montmartre deviam ser postos em nosso poder, pela generosidade de um inimigo derrotado (Romainville, e Belleville) sendo cedidos no momento em que o Conde Langeron estava para os assaltar, e tinha ja tomado posse do resto da montanha.

A divisaõ do Conde Woronzow tambem tomou a aldea de la Villette, atacando com dous batalhoens de caçadores, e apoderando-se de 12 peças de canhaõ, tambem foi feito parar juncto a barreira de Paris por um parlamentar.

Com tudo, S. M. I., o Rey de Prussia, e o Principe Schwartzenberg, com aquella humanidade que deve excitar o applauso, ao mesmo tempo que move a admiraçaõ de toda a Europa, consentiram em proposiçoens, para evi-

tarem que a capital fosse destruída, e saqueada. O Conde Par, Ajudante-de-Campo do Príncipe Marechal-de-Campo, e o Coronel Orloff, Ajudante-de-Campo de S. M. o Imperador, foram enviados a arranjar a cessação das hostilidades; e o Conde de Nesselrode, Ministro de sua M. I. foi para Paris hoje ás 4 horas, quando a batalha cessou.

O resultado desta victoria ainda se não pode saber: caíram em nosso poder grande numero de peças de artilheria, e de prisioneiros.

A nossa perda foi um tanto consideravel; porém podemos ter a esperança consoladora, de que o valente que cáe, ha de completar a obra da queda do despotismo; e arvorar o estandarte da Europa renovada debaixo de um justo equilibrio, e do dominio dos Soberanos legitimos.

Tomo a liberdade de enviar com este officio, o meu Ajudante-de-Campo, o Capitão Harris, que esteve comigo todo o dia; ha de partir com os Cossacos que lhe deo o Tenente-general Woronzow, e elle participará a V. S. verbalmente as circumstancias que so posso expor imperfeitamente. Quando eu receber a relação do Coronel Lowe, e do Coronel Cooke, não deixarei de fazer outra remessa, para pôr a V. S. de posse de todas as demais informações em meu poder, sobre este interessante e prodigioso dia.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.

Paris, 31 de Março, de 1814.

MY LORD! O Imperador Alexandre, e o Rey de Prussia, marcharam esta manhã para Paris, aonde foram recebidos por todas as classes da povoação com as maiores aclamações.

As janelas das melhores casas estavam cheias de pessoas bem vestidas, arvorando lenços brancos, e batendo as palmas; a populaça, de mistura com muitos de uma classe

superior, estavam nas ruas apinhados, para verem o Imperador, e forcejando por lhe tocarem no cavallo. O grito geral era, “ Viva o Imperador Alexandre!” “ Viva o nosso Libertador!” “ Viva o Rey de Prussia!”

Muitas pessoas appareceram com laços brancos, e houve uma consideravel gritaria de “ Viva Luis XVIII.” “ Vivam os Bourbons!” que crescia de mais em mais.

SS. MM. II. e Reaes, encaminbaram-se para os Campos Elisios, aonde uma grande parte do exercito passou em revista por diante delles, e na forma do costume, na ordem mais exacta. S. M. I. está hospedado na casa de Mr. Talleyrand, Principe de Benevento. He impossivel descrever as scenas deste dia no espaço de um officio; as mais notavel saõ, a guarda nacional, no seo uniforme, e armada, fazendo arredar a gente das carreiras para as tropas Alliadas passarem, em toda a pompa de uma parada militar, ao outro dia de uma acção sanguinolenta: o povo de Paris, cujos sentimentos politicos tem sido em todos os tempos manifestados pelos mais fortes indicios, unanime nos seus gritos pela paz, e mudança de dynastia, gozando do spectaculo da entrada de um exercito invasor na capital de França, como uma bençaõ, e um livramento. Uma corda posta ao pescoço da estatua de Napoleaõ, sobre a columna de la Grande Armée, e o povo querendo derriballa, gritando, “ A’ bas le tyran!”

Fallava-se muito entre a multidaõ, do desejo de restauração de relações amigaveis com a Grain Bretanha.

A occupação de Lyons, e de Bourdeaux, era sabida por todo o povo, assim como a circumstancia das declaraçoens de Luiz XVIII. nesta ultima terra, e que se posera o tope branco; porém naõ se sabia da independencia da Hollanda.

Os acontecimentos que conduziram á occupação de Paris seraõ entendidos pela seguinte recapitulação:—

Depois da batalha de Brienne, no 1º. de Fevereiro, com-

meçou o inimigo a mostrar desinclinação para dar uma batalha geral, contra a força unida dos Alliados, porem usou da maior actividade para atacar todos os destacamentos. Nós fins de Fevereiro, o Marechal Blucher atravessou o Marne, e marchou sobre Epernay, Soissons, e Laon, para se encontrar, e unir com o corpo que vinha do exercito do Norte, e com os que tinham sido rendidos nos bloqueios de fortalezas juncto ao Rheno. As renhidas, e bem pelejadas acçoens que se deram entre Soissons, Laon, e Rheims, tem sido descrevidas nos officios do Coronel Lowe, e de outros officiaes.

Durante estas operaçoens na direita, o Principe Schwartzemberg fez recuar os corpos que permaneciam com elle na esquerda, e destacou para reforçar o exercito entre Dijon, Lyons, e Geneva, recebendo ao mesmo tempo, e distribuindo os Velites de Hungaria, e outros reforços Austriacos; o seu exercito que tinha occupado o paiz entre o Seine, e o Yonne, com postos em Auxerre, Fontainebleau, Melun, e Marmont, e que tinha feito patrulhas para dentro dos suburbios de Orleans (ao pé donde o General Seslarini fez alguns centos de prisioneiros, recuou pará o Aube, aonde a acção de Bar-sur-Aube teve lugar, no dia 13 do corrente.

Depois d'esta batalha, o Principe Marechal reoccupou Troyes, Auxerres, Sens, e Pont-sur-Seine.

Napoleaõ, tendo evitado uma acção geral, que o Marechal Blucher repetidas vezes offereceo juncto a Laon, voltou para a margem esquerda do Marne, e mostrou a intenção de retomar a offensiva contra o exercito grande.

As conferencias em Chatillon terminaram no dia 19 do corrente, e naquelle dia, o exercito Francez marchou sobre Arcis, por traz de cujo sitio o corpo do Marechal Conde Wrede estava postado.

Os Alliados, debaixo do commando do Principe Schwartzemberg, isto he, o 3º., 4º., e 6º. corpos, ás ordens do Prin-

cipe Real de Wurtemberg, e o 5^o., ás ordens do Marechal Wrede, com toda a reserva, concentraram-se sobre o Aube, juncto a Pougny e Arcis, e o ataque geral foi feito pelos Alliados no dia 20, no qual o inimigo foi derrotado em todos os pontos, com grande perda, e Arcis foi retomada. Nesta conjectura, formou Napolcaõ o desesperado, e extraordinario plano de passar entre os exercitos dos Alliados, e de atacar as suas communicaçoens com o Rheno, intentãdo ao mesmo tempo libertar a guarniçaõ de Metz. Para este fim marchou por Chalons sobre Vitry, e St. Dizier, tendo o seu quartel-general no dia 22 em Obcomte, entre estas duas ultimas terras. Vitry estava occupado por uma pequena guarniçaõ Prussiana, que recusou render-se.

A extençaõ e natureza deste projecto foram completamente conhecidos no dia 23; determinou-se immediatamente um movimento sobre Vitry, para assegurar aquella praça, e para fazer por cortar o corpo do Marechal Macdonald, que se dizia estar sobre a margem esquerda do Marne, entre Chalons, e Vitry, para se fazer uma junccãõ com as tropas do commando do General Winzingerode, que tinha marchado sobre Chalons, e para unir ambos os exercitos.

S. M. o Imperador da Russia, e o Rey de Prussia, saíram de Troyes no dia 20, e tiveram os seus quartéis-generaes em Pougny. O Imperador da Austria moveo o seu quartel-general, no dia 19, para Bar-sur-Seine, com todos os Ministros de Gabinete, e veio no dia 21, para Bar sur-Aube. Na tarde de 23, abalou o exercito de Pougny, marchando por Ramarne, e Dompierre, e ajunctou-se ao romper da manhaõ juncto a Somme puis; porém o corpo do Marechal Macdonald tinha atravessado o Marne no dia precedente, antes que podesse ser interceptado.

No dia 24, effectuou-se a junccãõ com o General Winzingerode, em Vitry, e Chalons, e o exercito da Silesia aproximou-se em distancia de poder cooperar com o exercito grande.

No dia 25, o General Winzingerode, com o seu proprio, e diversos outros corpos de cavallaria, sendo deixado para observar o inimigo, toda a força alliada commeçou o seu movimento sobre Paris, a marchas rapidas, e continuas.

Os corpos dos Marechaes Marmont, e Mortier, fôram achados em Vitry, e Sommesons, e fôram arrojados para traz com perda, e perseguidos na direcção de Paris. No dia 25, o Imperador, e Rey, e o Marechal-de-Campo Principe Schwartzemberg, estâvam em Fere Champenoise, e no dia 26, em Treffaux. O Marechal-de-Campo Blucher estava em Etoges no dia 26, e continuou a marchar sobre Meaux, por Montmirail. No decurso daquella semana tomaram-se nada menos de cem canhoens, e nove mil prisioneiros, com varios officiaes generaes. Na batalha juncto a Fere Champenoise, o Coronel Rapatel, que fora Ajudante-de-Campo do General Moreau, foi infelizmente morto, quando exhortava os Francezes para que se rendessem; e o Coronel Neil Campbell, que está neste serviço, e que tem estado com os corpos avançados Russianos, em todas as acçoens, depois da sua chegada de Dantzic, foi perigosamente ferido, tendo-lhe um lanceiro Russiano atravessado o corpo, tomando-o por um inimigo, durante um dos ataques; tenho a satisfacção de poder dizer, que ha todas as esperanças de que melhore.

No dia 27, os quarteis-generaes Imperiaes, e Reaes, estâvam em Coulommiers, e o exercito da Silesia chegava a Meaux.

No dia 28, estavam os quarteis-generaes em Quincy. Prepararam-se pontes em Meaux, e Triport. O exercito da Silesia avançou para Claye, na frente de cuja villa houve uma acção sanguinolenta, em que o inimigo foi repellido.

No dia 29, o Imperador e o Rey, com o Marechal Principe Schwartzemberg, atravessáram o Marne em Meaux; e estando ainda o inimigo de posse das brenhas, juncto a Ville Parisis, e Bondi; foi atacado, e arrojado para lá de Bondi, para o lado de Pantin; o quartel-general foi estabelecido na primeira destas terras.

O Marechal Blucher marchou no mesmo dia em duas columnas, para a direita, em direcção a Montmartre, atravessando por Mory, Draucey, e St. Denis. O inimigo tinha aperfeiçoado as defezas que o terreno offerencia em Montmartre, e na sua frente por meio de redntos e baterias, e tinha uma força consideravel de tropas regulares juncto ás villas de Pantin,

Romainville, e Belleville. O canal navegavel, as matas, e casas, junctamente com algum terreno tam fundo, que era quasi impassavel para cavallos, offereciam meios consideraveis de resistencia. Tendo-se feito no dia 30 disposiçãõ para um ataque geral, o 6º. corpo, apoiado pelos granadeiros, entrou em acçãõ mui cedo, para naõ consentir que o inimigo possuísse Pantin. O resto das tropas do Principe Real de Wirtemberg havia de rodear o inimigo pela direita, e avançar para occupar successivamente todos os montes sobre a esquerda da estrada, até Bolleville inclusive. O dia estava mui adiantado quando as tropas chegáram ás suas diversas posiçoens, e o inimigo fêz uma determinada resistencia, especialmente na aldea de Pantin; o todo das suas forças era commandado pelo Duque de Treviso, a ala direita pelo Duque de Ragusa. Tinha-se no dia 29 enviado uma mensagem a pedir que naõ resistissem, e para lhe mostrar que seria em vaõ, por estar ali presente todo o exercito; porém o mensageiro naõ foi recebido. Na tarde do dia 30, o Conde Nesselrode foi admittido dentro das barreiras de Paris; e ao mesmo tempo, um dos Ajudantes-de-Campo do Imperador foi enviado ao Marechal Marmont, que concordou em que todo o fogo houvesse de cessar em meia hora, se os Soberanos Alliados consentissem que parte nenhuma do exercito passasse as barreiras de Paris naquella noite. Isto permittio-se, e o inimigo retirou-se de Montmartre para dentro da cidade. Os postos avançados acampáram a tiro de pistola da cidade. O Imperador voltou para Bondi com o Marechal-de-Campo; e ás quatro horas da manhã chegáram os Deputados da cidade. Settenta canhoens, tres bandeiras, e quinhentos homens fôram tomados; o numero de inimigos mortos e feridos foi mui grande; porém ésta victoria naõ foi ganhada sem alguma perda da parte dos Alliados.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CATHCART.

Ao Visconde Castlereagh, &c. &c.

Paris, 1 de Abril, de 1814.

MY LORD! Tenho a honra de enviar com esta uma copia da capitulaçãõ da cidade de Paris. Creio que he impossivel transmittir a V. S. uma justa idea ou descripçãõ das scenas, que se apresentáram hontem nesta capital, quando Suas Magestades, o Imperador da Russia, o Rey de Prussia, e o Principe Schwartzenberg, fizéram a sua entrada á testa das tropas allia-das. O enthusiasmo, e exultaçãõ que se manifestou, deve ter excedido quanto o mais ardente e dedicado amigo da antiga dy-nastia de França podia ter pintado na sua imaginaçãõ, e aquelles que são menos pessoalmente interessados, porém igualmente ardentes naquella causa, não podiam hesitar em dizer que a res-tauraçãõ do seu legitimo Soberano, e queda de Bonaparte, e o desejo de paz se tornara o primeiro, e o mais caro dezejo dos Parisienses, que pelos acontecimentos dos ultimos dous dias tem sido emancipados de um systema de terror, e despotismo, impossivel de descrever-se; ao mesmo tempo que éram tidos em ignorancia, pelas artes da falsidade, e do engano, incrivel para um povo illuminado; e incomprehensivel para a parte pen-sante da humanidade.

A cavallaria debaixo das ordens de sua A. I. o Gram Duque Constantino, e as guardas de todas as differentes forças allia-das, formaram-se em columnas pela manhaã cedo, sobre a es-trada de Bondi a Paris. O Imperador da Russia com todo o seo Estado Maior, os seus Generaes, e comitiva presente, mar-chou para Pantin, aonde o Rey de Prussia se lhe ajunctou com um similhante cortejo. Estes Soberanos, rodeados por todos os Principes do exercito, junctamente com o Principe Marechal de Campo, e o Estado Maior Austriaco, atravessáram nas bar-reiras de Paris pela volta das onze horas, indo os Cossacos da guarda formando a avançada da marcha. Ja a multidãõ éra tam grande, que foi difficultoso romper para diante, porem ali antes de os Monarcas chegarem á porta de S. Martinho, para voltarem para os Baluartes, éra-lhes impossivel andarem para diante; toda Paris parecia estar juncta e concentrada em um

só lugar; uma causa dirigia evidentemente todos os seus movimentos, acudiam em tam grandes massas á roda do Imperador, e do Rey, que com toda a sua condescendente e graciosa familiaridade extendendo as mãos para todos os lados, éra em vaõ que pertendiam satisfazer a populaça: viram-se inteiramente atoados no meio dos gritos de “ Viva o Imperador Alexandre, Viva o Rey de Prussia, Vivam os nossos libertadores;” nem só resoava o ar com éstas acclamaçoens, porém cõm sons mais fortes, se possivel he, entoavam, “ Viva o Rey, Viva Louis XVII, Vivam os Bourbons, Abaixo o Tyranno. : O laço branco appareceo mui geralmente; a muitos das guardas nacionaes vi eu que o tinham. Os estrondosos applausos da multidão, éram accompanhados por demonstraçoens semelhantes de todas as cazas ao longo do caminho para os Campos Elisios, e assim os lenços, como as bellas mãos que os mancavam, pareciam em continua requisição. Em resumo, My Lord, para se fazer idea da manifestação de um transportado sentimento como Paris manifestou, he preciso tello visto,—a minha humilde descripção não vollo pode fazer conceber. Os Soberanos fizéram halto nos Campos Elizios onde as tropas desfilaram por diante delles na mais admiravel ordem; e os quartéis generaes fõram estabelecidos em Paris. Tenho a hobra de annexar a declaração do Imperador Alexandre. Bonaparte, sabe-se agora, que moveo o seu exercito de Troyes, por Sens, para o lado de Fontainebleau, aonde, eu supponho, que os restos dos corpos dos Marechaes Marmont, e Mortier, se lhe haõ de reunir. Elle chegou a Fromont antes de hontem, e estaria em Paris a não se achar ésta cidade no poder dos Alliados; quando soube o que tinha passado, retirou-se para Corbeil, e dali tem provavelmente reunido o seu exercito na visinhança de Fontainebleau; o qual não pode montar a mais de quarenta ou cincoenta mil homens. Que elle possa fazer uma desesperada tentativa, julgo eu provavel, se o seu exercito lhe permanecer fiel, o que será questionavel, se o Senado, e nação se declararem. Os exercitos Alliados, (á excepção das guardas, e reservas, que ficam aqui,) marcham a manhaã para Fontainebleau,

e hão de tomar uma posição, ou regular-se pelos movimentos de Bonaparte.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.

Visconde Castlercagh, &c. &c. &c.

CAPITULAÇÃO DE PARIS.

As quatro horas de armistício em que se tinha convindo para o fim de se tractar das condições relativas á occupação da cidade de Paris, e á retirada do exercito Francez nella existente, tendo conduzido a um arrançamento para aquelle effeito, os abaixo assignados, depois de terem sido devidamente authorisados pelos respectivos Commandantes das forças oppostas, tem ajustado, e assignado as seguintes artigos:—

Art. 1. Os corpos dos Marechaes Duques de Treviso, e Ragusa evacuarão a cidade de Paris no dia 31 de Março, ás sette horas da manhã.

2. Levarão com sigo todos os pertences dos seus corpos de exercito.

3. As hostilidades não recommearão senão duas horas depois da evacuação da cidade, que vem a ser, no dia 31 de Março, ás nove horas da manhã.

4. Todos os Arcenaes, estabelecimentos militares, officinas, e almazens seraõ deixados no mesmo estado em que estavam antes desta capitulação ser proposta.

5. A guarda nacional, ou da cidade, he inteiramente separada das tropas de linha. Poderá ser conservada, desarmada, ou debandada, conforme as ulteriores disposições das potencias alliadas.

6. O corpo da gendarmeria municipal, em todos os respeito participará da sorte da guarda nacional.

7. Os feridos e extraviados, que ficarem em Paris, depois das sette horas, ficaraõ prisioneiros de guerra.

8. A cidade de Paris he recommendada á generosidade das Altas Potencias Alliadas.

Feita em Paris, aos 31 de Março, ás duas horas da manhã.

(Assignado) O Coronel ORLOFF, Ajudante de Campo de S. M. o Imperador de todas as Russia.

O Coronel Conde PARR, Ajudante de Campo General do Marechal Principe Schwartzenberg.

O Coronel BAROY FABRIER, unido ao Estado Maior de S. E. o Marechal Duque de Ragusa.

O Coronel DENYS, Primeiro Ajudante de Campo de S. E. o Marechal Duque de Ragusa.

Officios do Lord Burghersh.

Paris, 7 de Abril, de 1814.

MY LORD! Os grandes acontecimentos, que ultimamente tem occorrido nesta capital, haõ de ser mais bem relatados a V. S. pelos Ministros de S. M. junctos nesta terra.

O Corpo do Marechal Marmont, montando a 12.000 homens, passou na noite do dia 4 por entre as linhas occupadas pelas tropas alliadas. Este corpo tomou os seus acantonamentos juncto a Versailles. Os Marechaes Ney, e Macdonald, acompanhados pelo General Caulincourt, chegaram ao mesmo tempo como portadores da proposta de Bonaparte, para se submeter á decisaõ do Senado, e do povo Francez, e abdicar em favor de seu filho.

Como esta proposiçaõ naõ fosse accite, rendeo-se agora aos desejos da naçaõ.

O Senado annunciou hoje a adopçaõ de uma Constituiçaõ para o Governo da França, debaixo do dominio da sua antiga linha de Reys. Na naçaõ parece que naõ ha diversidade de opinioens. Todos tem obedecido á voz do Governo Provisional. Bonaparte existe só, e desprotegido em um paiz, onde ha poucos dias dispunha a seu capricho das vidas dos seus habitantes.

Nesta scena final da mais memoravel Era que a historia

recorda, he impossivel. My Lord, que eu podesse resistir a um sentimento de publico dever, inspirado tambem pela gratidaõ, e affecto, em chamar a vossa atençaõ para a habil e distincta maneira porque o Principe Schwartzenberg tem conduzido as operaçoens desta campanha. Alem dos talentos que tem mostrado no campo da batalha, nos successos que tem sempre acompanhado a sua carreira, ha de o mundo olhar ainda com maior admiraçaõ para o comportamento que tem conservado depois da sua entrada em Paris.

Mais segurança, e mais ordem nunca reynou nesta capital. A paz e a tranquillidade, felizes agouros do futuro estado de regeneraçã da Europa, existe entre as tropas de todas as naçoens apezar dos sentimentos de tam grande hostilidade como ha pouco havia.

Nesta grande e exaltada situaçaõ, e pelas virtudes que adornam o seu character, o Imperador Alexandre he quem podia melhor apreciar os merecimentos do Principe Schwartzenberg. Em signal da sua estima para com elle, e em consideraçaõ dos seus grandes serviços, honrou-o com a grande Ordem de St. André, que lhe apresentou engastada em diamantes.

Tenho a honra de ser, &c.

BURGHESH, Tenente-coronel do Regimento 63.

Ao muito Honrado Visconde de Castlereagh, &c.

Paris, 7 de Abril, de 1814.

MY LORD! Tendo Bonaparte aceitado as condiçoens, que lhe foram propostas, os Marechaes Ney, e Macdonald, e o General Caulincourt, arranjam hoje com o Principe Schwartzenberg a seguinte linha de demarcação, para ser observada entre os exercitos Alliados e os Francezes:—

Desde a embocadura do Sena, haõ de os Alliados occupar a margem direita daquelle rio, de mais os limites meridionaes dos departamentos:—

1. Do Baixo Sena. 2. Do Oise. 3. Do Sena e Oise. 4. Do Sena e Marne. 5. Do Yonne. 6. Do Cote d'Or. 7. Do Saote e Loire. 8. Do Rheno. 9. Isere até o Monte Cenis.

Do lado de Lord Wellington tem-se decidido que a linha de

demarcação seja fixada segundo o terreno que o seu exercito, e o que lhe está opposto estiverem occupando, no momento em que lh' chegarem os correios agora despachados.

Tenho a honra de ser, &c.

BURGHESH.

Visconde Castlereagh, &c. &c. &c.

Extracto de um Officio de Lord Castlereagh ao Conde Bathurst.

Paris, 13 de Abril, de 1814.

Tenho a honra de participar a V. S. que Monsieur fez a sua entrada publica hontem, e foi recebido com o maior affecto por toda a povoação de Paris. Assentou-se que era mais conveniente que a solemnidade fosse puramente Franceza, consequentemente os Soberanos Alliados não assistiram, nem tropas suas entráram no cortejo; porem como a familia dos Bourbons tem estado assistindo há tanto tempo em Inglaterra, julguei eu que não poderia incorrer no desagrado do Principe Regente, nem dar occasião a commento algum injurioso, por ir sair ao encontro a S. A. R. á barreira; e accompanhallo para dentro da cidade. Todos os enviados Inglezes actualmente nesta terra assistiram, e de mistura com os Marchaes do Imperio, estiveram junctos a sua pessoa, em quanto elle atravessava a cidade no meio dos applausos do povo.

FRANÇA.

Gazetas Francezas de Paris.

Relação do que aconteceu em Paris desde o dia 28 de Março, até o dia 3 de Abril, accompanhada por documentos officiaes.

28 de Março.

A Imperatriz e o Rey de Roma saem de Paris por ordem do Imperador Napoleão.

28 de tarde.—Proclamação do Principe Jozé, que diz,
 “ *Eu não hei de abandonar-vos* ”

30. Ordem do Principe Jozé para se defender Paris, e para a Guarda Nacional marchar.

A's dez horas renova a ordem.

A's onze foge.

A's onze e meia manda o seu Ajudante de Campo a repetir—“ *Eu estou com vosco, defendei-vos.*” A Guarda Nacional cheia de coragem pega em armas. Ao meio dia, os Generaes mais experimentados vem que Paris está para ser tomada.

O General Marmont, cheio de honra, e bondade, resolve evitar males inuteis, e fez o armisticio mais honroso que as circumstancias podiam permitir. Durante o armisticio fêz-se uma capitulação.

31 de Março, [pela Manhaá.]

Paris não houve mais o estrondo dos canhoens. Passa-se a manhaá em reflexaõ sobre os perigos do dia precedente; sobre a deserçaõ do Soberano, sobre a fugida de seu irmão; sobre o plano de defeza, fundado sobre a destruição da cidade, sobre a destinada pilhagem das casas.

Em quanto os espiritos do povo estavam assim dispostos os Soberanos Alliados, o Imperador da Russia, acompanhado pelo Principe Schwartzenberg, como representante do Imperador da Austria, e o Rey de Prussia entram na cidade.

Os inimigos tornam-se os Salvadores da cidade. Os tres chefes, antes de entrarem em caza alguma, demoram-se em uma praça para fazerem desfilar as suas tropas diante delles, para fazerem observar a disciplina, e prevenir todas as desordens.

A's nove horas, estes grandes cuidados militares, e civis são preenchidos. Os Chefes dos tres exercitos entram em caza do Principe de Benevento. Soberanos nascidos sobre o Throno, em vez de se recrearem, como Bonaparte, em

Vienna, Berlin, e Moscow, em Palacios Imperiaes, e Reaes, buscam cazas particulares. O Imperador da Russia aquartela-se em caza do Principe de Benevento; o Rey de Prussia, na de Mr. De Beauharnois. O Principe Schwartzenberg, na do General Sebastiani.

Declaração de Sua Majestade o Imperador da Russia.

Os exercitos das Potencias Alliadas tem occupado a capital da França; os Soberanos Alliados recebem favoravelmente os desejos da nação Franceza; e declaram:—

Que se as condiçoens de paz exigiam maiores fianças, quando a questão era de abater a ambição de Bonaparte, podem ser mais favoraveis, quando voltando outra vez a um sabio governo, a mesma França offerece a segurança deste repouso.

Os Soberanos proclámam, em consequencia—

Que não tractará mais com Napoleão Bonaparte, nem com alguém da sua familia.

Que elles respeitam a integridade da antiga França, como ella existia debaixo dos seus legitimos Reys; que farão ainda mais, porque elles professam como principio, que para a felicidade da Europa, a França deve ser grande, e forte.

Que elles haõ de reconhecer, e affiançar a constituição que a França adoptar. Elles portanto convidam o Senado a nomear immediatamente um Governo Provisional; que possa prover ás necessidades da administração, e preparar a constituição que convier ao povo Francez.

As intençoens, que eu tenho acabado de annunciar, são communs a todas as Potencias Alliadas.

(Assignado)

ALEXANDRE.

Paris, 31 de Março. [Tres horas da tarde.]

A paz abre os olhos de todos; ella mostra contra quem a guerra he feita, e contra quem não. No mundo não ha senão um inimigo.

No dia 1 de Abril, ás tres e meia, ajunctaram-se os membros do Senado, em consequencia de uma convocação extraordinaria. Sua Alteza Serenissima o Principe de Benevento, Vice Gram Eleitor, Presidente; então, S. A. S. o Principe Vice Eleitor, Presidente, fallou da maneira seguinte :—

Senadores! A carta que eu tive a honra de enviar a cada um de vós, informando-vos desta Convocação Extraordinaria, vos terá tambem instruido do objecto della. Tracta-se de vos fazer propostas. So esta palavra mostra sufficientemente a liberdade que cada um de vós traz para esta assemblea. Ella vos põem em estado de dar-se um generoso curso aos sentimentos, com que a alma de cada um de vos está cheia, o desejo de salvar a vossa patria, e a resolução de correr a acudir a um povo abandonado.

Senadores! Por mais difficultosas que as circumstancias sejam, não podem ser superiores a um firme e illuminado patriotismo de todos os membros da assemblea. Todos vos tendes sem duvida, sentido a necessidade de uma deliberação, que possa fechar as portas a toda a demora, e que não deixe passar um dia sem restabelecer a acção de Administração, a primeira de todas as necessidades para a formação de um Governo, cuja auctoridade, fundada sobre as necessidades da occasião, não pode deixar da assegurar os animos do povo.

Tendo o Principe Vice Eleitor acabado de fallar, fizeram os differentes Membros varias propostas sendo acabada a questão, decretou o Senado.

1º. Que se estabelecerá um Governo Provisional, encarregado de prover ás necessidades da Administração, e para apresentar ao Senado o plano de uma Constituição, que possa convir ao povo Francez.

2. Que o Governo consistirá de cinco Membros, e entãõ procedendo na sua nomeaçãõ, o Senado elege por Membros do Governo Provisional :—M. Talleyrand, Principe de Benevento ; o Conde de Bournonville, Senador ; o Conde de Jaucour, Senador ; o Duque de Dalberg, Conselheiro de Estado ; Mr. de Montesquieu, Membro Antigo da Assembleia Constituinte.

Estes saõ proclamados taes pelo Principe Vice Gram Eleitor, Presidente.

S. A. S. accrescentou, que como um dos cuidados principaes do Governo Provisional, deve ser o de formar o plano da Constituiçãõ, os Membros do Governo, logo que se occuparem no plano, daraõ parte a todos os Membros do Senado, que ficam convidados para contribuirem com a sua sabedoria para a perfeiçãõ de uma obra tam importante.

Alguns Senadores pedem que este Acto cõtenha uma conta dos motivos que tem determinado o Senado, e feito a sua convocaçãõ indispensavel.

Outros Membros, pelo contrario, pedem que estes motivos hajam de formar parte da falla que ha de ser publicada pelos Membros do Governo Provisional.

O Senado adopta esta ultima proposiçãõ.

Um Membro propõem estabelecer como principio, e encarregar os Membros do Governo Provisional, de comprehender em substancia, na falla ao Povo Francez :—

1. Que o Senado, e o Corpo Legislativo, saõ declarados partes integrantes da intentada Constituiçãõ, sujeitos às modificaçoens que forem julgadas necessarias para assegurar a liberdade dos suffragios, e das opinioens.

2. Que o exercito, tanto como os officiaes retirados, e soldados, conservaraõ as graduaçoens, honras, e pensoens que disfructam.

3. Que a divida publica será inviolavel.

4. Que a venda das possessoens nacionaes, será irrevogavelmente mantida.

5. Que nenhum Francez será responsavel pela opiniaõ publica que possa ter expressado.

6. Que a liberdade de culto, e consciencia será mantida e proclamada, da mesma forma que a liberdade da imprensa, sujeita ás restricçoens legaes dos crimes que podem originar-se do abuso daquella liberdade.

7. Estas diversas proposiçoens, apoiadas por varios Membros, foram postas a votos pelo Principe Vice Gram Eleitor, Presidente, e adoptadas pelo Senado.

Um membro pedio, que para conciliar a adopção destas propostas com a confiança devida aos Membros do Governo Provisional, agora estabelecido, a falla ao povo Francez, que este Governo está para fazer, haja de annunciar que elles estão encarregados de propor uma Constituição tal que não haja de violar de modo algum os principios, que são as bases destas proposiçoens.

O Senado adopta esta emenda.

O Senado fica avizado para as nove horas da tarde de hoje, para ouvir, e adoptar a definitiva redacção do *Processo Verbal*, e para o assignar individualmente.

O Senador, Conde Barthelemy, Ex-Presidente do Senado, he nomeado Presidente, na auzencia do Principe Vice Gram Eleitor, que não pode estar presente a esta sessaõ.

Decretou-se que o extracto do *Processo Verbal*, contendo a nomeação dos Membros do Governo Provisional, seja feito immediatamente debaixo da assignatura do Presidente, e Secretarios.

Os Senadores que por falta de serem informados a tempo, não poderiam assistir a esta sessaõ, haõ de ser convocados para a sessaõ desta tarde.

Sendo estas deliberaçoens acabadas, o Principe Vice Gram Eleitor pôz fim á Sessaõ.

No mesmo dia, 1 de Abril, ás nove da tarde, recommçou-se a sessaõ, Presidente, o Senador Conde Barthelemy.

O Senado ouve o *Processo Verbal* lido hoje, e adopta-o com algumas correcçoens.

Pede-se que este *Processo Verbal* seja impresso, e seis exemplares distribuidos a cada um dos Membros.

Esta proposta foi adoptada.

Os Membros entã procedem a assignatura do *Processo Verbal*, da maneira que se segue :—

Abvial, Barbe de Marbois, Barthelemy, M. le Cardinal de Bayonne, Berderbusch, Bertholet, o General Conde Bournonville, Buonacerci, o General Conde Chasseloupe, Laubat, Cholit, o General Claud, Covnet, Davoust, De Gregory, Marengo, o General Dembarriere, Depere, Distult de Tracy, o General d'Harville, d'Haubersaet, o General de Hedouville, Dubois, Dubay, Emmerly, Tabre (de l'Aude), o General Terino, Fontanes, Garat, Gregoire, Hervin, de Jaucourt, Tournu Aubert, o General Klein, Lejeas, Lambrescht, Lanjuinais, Lannoy, Lebrun de Rochement, Le Mercier, o General Lespinosse, Malleville, Meermann, Monbadon Pastoret, Peré Pontecoulant, Parcher, Rigal, Roger Ducos, St. Martin de la Motte, o General St. Suzanne, Saur, Shemmelpenunick, o Marechal Serurier, o General Soulet, Tascher, o General Conde de Valença, o Marechal Duque de Valmy, Vandiden, Vandipoll, o General Vaubois, Villetart, Vinsar, Volney, o Presidente, e os Secretarios, o Principe de Benevento, o Conde de Valença Pastoret.

Os Membros ausentes por indisposiçaõ mandaram o seu consentimento.

O Senado tornou a aunctar-se, sabado, 2 de Abril, ás nove da tarde.

Carta do Senador, Mr. Barthelemy, a respeito do perdimento do Throno.

Senhores Membros do Governo Provisional! O Senado encarrega-me de vos pedir, que queirais expor á manhaã

ao Povo Francez, que o Senado, por um Decreto passado na sessaõ desta tarde, tem declarado que o Imperador Napoleaõ, e a sua Familia, tem perdido todo o direito ao throno, e consequentemente absolvido o povo Francez, e o exercito, do seu juramento de fidelidade. Este Acto ha de vos ser enviado á manhaã, com os motivos, e razoens delle.

Tenho a honra de vos saudar,
O Presidente do Senado, BARTHELEMY.

Paris, 2 de Abril, nove e meia da tarde.

Nada pode ser mais interessante e mais pathetico, do que o que se passou esta tarde na audiencia que o Imperador da Russia deo ao Senado. Depois de ter recebido a homenagem deste corpo.

Um homem chamado meu alliado (diz o Imperador da Russia) entrou nos meus estados como um aggressor injusto; he contra elle que eu tenho feito a guerra, e não contra a França; eu sou o amigo da naçaõ Franceza; o que redobra este sentimento; he justo, e prudente dar à França instituiçoens fortes, e liberaes, conformes ao presente estado de conhecimentos; os meus Alliados, e eu mesmo vimos somente a proteger a liberdade da vossa decisaõ?

O Imperador pára um momento, e continua com a mais affectante emoçaõ.

Para prova da duravel alliança que eu intento contractar com a vossa naçaõ, eu lhe restituo todos os Francezes prisioneiros que estaõ na Russia; * o Governo Provisional já me tinha pedido isto; eu o concedo ao Senado, em consequencia das resoluçoens que elle hoje tem adoptado?

O Senado retirou-se, penetrado de sentimentos de gratidaõ, e da maior admiraçaõ.

* O numero de prisioneiros monta a perto de 20.000 homens.

DOCUMENTOS RELATIVOS A' ADHERENCIA DO MARECHAL
DUQUE DE RAGUSA.

Carta do Principe Schwartzenberg, Commandante-em-Chefe das Tropas das Potencias Alliadas, a S. Ex.^a o Marechal Duque de Ragusa.

3 de Abril.

Senhor Marechal! Tenho a honra de transmittir a V. Ex.^a, por uma pessoa segura, todos os papeis publicos, e documentos necessarios, para por a V. Ex.^a perfeitamente ao facto de todos os acontecimentos que tem occorrido depois que vós saistes da capital, e igualmente um convite dos Membros do Governo Provisional, para que vos arrangeis debaixo das bandeiras da boa causa da França. Eu vos supplico em nome da vossa patria, e da humanidade, que escuteis as proposiçoens, que poraõ termo á effusaõ do precioso sangue da valorosa gente que commandais.

Resposta do Marechal Duque de Ragusa.

Senhor Marechal! Recebi a carta que V. Ex.^a me fez a honra de me dirigir, e tambem os papeis com ella inclusos. A opiniaõ publica tem sido sempre a regra da minha conducta. Estando o exercito, e a naçaõ, absolvidos do juramento de fidelidade para com o Imperador Napoleaõ, pelo Decreto do Senado, estou disposto para concorrer em uma uniaõ entre o exercito e o povo, que haja de previnir toda a possibilidade de guerra civil, e fazer parar a effusaõ de sangue: consequentemente estou prompto para deixar com as minhas tropas, o exercito do Imperador Napoleaõ, debaixo das seguintes condiçoens de que peço a vossa fiança por escripto.

Copia da Fiança pedida e concedida.

ART. 1. Eu, Carlos, Principe de Schwartzenberg, Marechal, e Commandante-em-Chefe, dos Exercitos Al-

liados, affianço a todas as tropas Francezas, que, em consequencia do Decreto do Senado, de 2 de Abril, deixarem as bandeiras de Napoleaõ Bonaparte, que se podem retirar livremente para a Normandia, com as suas armas, bagagem, e muniçoens, e com as mesmas consideraçõens e honras militares, que as tropas alliadas devem reciprocamente umas ás outras.

2. Que, se, em consequencia deste movimento, os acasos da guerra fizerem que a pessoa de Napoleaõ Bonaparte caia no poder dos Alliados, a sua vida ser-lhe-ia assegurada, e a sua liberdade, em um espaço de terreno e paiz limitado á escolha das Potencias Alliadas, e do Governo Francez.

Resposta do Marechal Principe Schwartzenberg.

Senhor Marechal! Naõ posso exprimir sufficientemente a satisfacção que sinto, sabendo a boa vontade com que acceitais o convite do Governo Provisional, para vos unirdes, conforme o Decreto de 2 deste mez, ás bandeiras da causa da França.

Os distinctos serviços, que vós tendes feito ao vosso paiz, são geralmente reconhecidos; porém vos tendellos coroados, em restaurar á vossa patria as poucas tropas valorosas, que escapáram á ambição de um só homem.

Rogo-vos que acrediteis, que eu apprecio particularmente a delicadeza do artigo que vós pediz, e que eu acceito, relativo á pessoa de Napoleaõ.

Nada podia caracterizar melhor a amavel generosidade, que he natural aos Francezes, e que particularmente distingue o character de V. Ex^a.

Acceitai as seguranças da minha alta consideração,
(Assignado) SCHWARTZENBERG.

No meu quartel-general, 4 de Abril, de 1814.

Consequentemente, as tropas debaixo do commando do Marechal Duque de Ragusa, montando a 12.000 homens,

com armas, bagagem, e muniçoens, deixaram o seu acampamento no dia 5, para marcharem para Versailles; passaram por entre os tropas das Potencias Alliadas, no meio dos testemunhos da mais viva satisfacção, recebendo as honras militares, devidas aos valentes, cujo sangue por tanto tempo derramado em defeza da patria poderia daqui em diante ser vertido só em defesa de uma espirante ambição e tyrannia, e cuja accessão aos estandartes da sua amada patria agoura o proximo complemento da grande obra da pacificação geral, e da felicidade do mundo.

Ordem do dia. Sexto Corpo do Exercito.

SOLDADOS! Há tres mezes que tendes pelejado incessantemente; e por tres mezes, os mais gloriosos successos tem coroado os vossos esforços; nem perigos, nem fadigas, nem privaçoens tem podido diminuir o vosso zelo: nem esfriar o vosso amor da patria. A vossa patria cheia de gratidão vos dá os agradecimentos por meio de mim, e há de recompensar com satisfacção tudo quanto tendes feito por amor della. Porém, soldados, he chegado o momento em que a guerra, que vos prosequis, nem tem vantagem nem objecto; he então, para vós, de repouso; vos sois os soldados da vossa patria, he portanto a opiniaõ publica que deveis seguir, e he quem me tem mandado retirar-vos dos perigos d'agora em diante inuteis; em ordem a preservar aquelle nobre sangue, que vos tomareis a derramar quando a voz da vossa patria, e o interesse publico o requerer dos vossos esforços. Bons acantonamentos, e os meos paternaes cuidados, espero que vos farão esquecer brevemente as mesmas fadigas que tendes soffrido.

“ Feita em Paris, aos 5 de Abril, de 1814.”

(*Assignado*) Marechal Duque de RAGUSA.

(*Copia fiel*) Baraõ MEYRADIER, Chefe do
Estado Maior General.

Taes são as particularidades desta negociação, igualmente honrosa ao General Estrangeiro, que renuncia todas as seducçoens da gloria, e todas as variaçoens da victoria, para manter pacificamente a causa da França, e da humanidade, e ao Marechal de França, que depois de ter salvado Paris por uma capitulação, porque se não podia esperar, apressa-se a dedicar-se inteiramente á sua patria, e cujos nobres sentimentos tem por objecto a honra das suas tropas, e a sorte daquelle a quem servio.

*O General Lucotte, Commandante da Divisaõ de Reserva,
aos Officiaes e Soldados daquelle Divisaõ.*

Corbeil, 5 de Abril, de 1814, 3 da tarde.

Meos Irmaõs em Armas.—O Imperador Napoleaõ mandou que se annunciasse, que sendo elle considerado como o unico obstaculo para a paz da Europa, estava prompto a renunciar o throno, ou a mesma vida pelo bem da França.

O Imperador Napoleaõ pede que o Principe seu filho, e S. M. a Imperatriz, e Regente possam succeder-lhe no poder que a França lhe conferio.

Os Primeiros corpos do Senado tem a responder, e as Potencias Alliadas mostram proteger a livre expressaõ do desejo destes corpos, que agora representam a França, á espera de uma decisaõ, tem-se estabelecido um parlamentar, entre o exercito Francez, que tem seguido Napoleaõ, e o exercito dos Alliados.

Respeitemos religiosamente este parlamentar, e toda a decisaõ que houver de determinar a sorte da França com a do exercito.

A noite passada, corpos inteiros deixaram as suas posiçoens; eu recebi ordens para occupar Corbeil; não se me tem dado ordem em contrario; tenho portanto permanecido fiel a vos, e ao meu posto. Gente de valor nunca deserta, o seu dever he morrer no seos postos. Nos te-

mos servido constantemente a nossa patria, e havemos de servilla debaixo de qualquer governo que a maioridade da nação adoptar. Corpos armados não devem deliberar, mas sim obedecer: as pessoas guiadas pela honra, e pela fidelidade são sempre, e em toda a parte respeitadas.

A divisaõ de reserva não commettera hostilidades contra os Alliados, os Exercitos Alliados tem promettido não commetter nenhuma contra nos, nem contra Corbeil.

Esperai meus irmãos em armas, pelas ordens que um bom Francez, vosso General, vos der, e espero que as sigais.

(Assignado) O General LUCOTTE.

O General de Brigada Fournier, Commandante da Legião de Honra, a S. A. S. o Principe de Benevento.

MONSIEGNEUR! Tenho a honra de vos pedir que queirais accetar os meos serviços, e os do meu Ajudante-de-Campo. Uma leve ferida me obriga a estar de caza uns poucos de dias; no meio tempo, em quanto espero melhorar, rogo-vos que queirais metter-me no numero dos Generaes inteiramente dedicados a S. M. Louis XVIII. e ao Governo Provisional.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito,
&c.

(Assignado) F. FOURNIER, e
SARRAND D'ENGERVA.

Deliberação do Cabido Metropolitano de Paris, na Assembleia Capitular, feita no Palacio Archi-episcopal, debaixo da Presidencia de Sua Eminencia o Cardeal Maury, Administrador desta Metropole, durante a vacancia da See, em Terça-feira, 5 de Abril, de 1814.

Nos, os abaixo assignados, affirmamos, e declaramos que adherimos plena, formal, e unanimemente aos decretos do Senado Conservativo, datados de 2 deste mez, e ao decreto do Corpo Legislativo, datado do 3; ao Acto de adhesão da Corte das Appellaçoens, do dia 3; a declaração

do Conselho Geral do Departamento do Senna; do Conselho Municipal de Paris, do 1.º deste mez, e á do Corpo Municipal do dia 4.

Rogamos aos Abbades Maury, De la Myre e Arnavon, membros do Cabido, que acompanhem a S. E. quando elle apresentar as nossas deliberaçoens ao Governo Provisional.

(Assignado) JOAÕ SIFREIN,
Cardeal MAURY, e outros Membros
do Cabido.

No dia seguinte, quarta-feira Sancta, 6 de Abril, de 1814.

Nos os Curas, e Vigarios da cidade de Paris, adherimos plena, formal, e unanimemente aos decretos, e actos acima mencionados. Rogamos a S. E. que haja de permittir que os Curas de St. Roche, e de St. Sulpicio, e os Vigarios de St. Germain des Prés, e de St. Jacques du Hautpas, tenham a honra de o acompanhar a apresentaçã da presente adhesão o Governo Provisioual.

Seguem-se as Assignaturas.

Certifico que todas as assignaturas acima, saõ reaes, e foram feitas na minha presença pelos Conegos, Curas e Vigarios de Paris.

(Assignado) J. SIFREIN,
Cardeal MAURY, Arcebispo de Paris.
Paris, 6 de Abril de 1814.

Do Monitor Universal de 6 de Abril.—Actos do Governo Provisional.

O primeiro ordena que todos os obstaculos para a volta do Papa para os seus territorios sejam removidos no mesmo instante, e que se lhe façam todas as honras na sua jornada.

O segundo ordena que o irmão do Infante Don Carlos seja postos em liberdade, e enviado para Hespanha.

Corpo Legislativo.—Mais membros adherem ao decreto da deposição.

Ministerio da Guerra.—Officiaes Francezes, e Soldados são convidados a prestarem o seu consentimento.

Tribunal das Contas.—Falla de Barba Marbois ao Tribunal. “ De todos os lados,” diz elle, “ se ouve o nome dos Bourbons, e todos desêjam a sua volta.”

Todos os Membros assignam o Acto de Adhesaõ.

Prefeitura do Senna.—Os Membros assignam a sua adherencia, e dezejam que a antiga familia seja fixada para sempre em França.

Corte Imperial de Paris.—Os Membros convidam o chefe dos Bourbons para que volte immediatamente para o hereditario throno de St. Louis.

Os corpos de gendarmeria, e os Ajudantes da cidade de Paris tem dirigido cartas ao Principe de Benevento, exprimindo a sua adhesaõ ao novo governo.

Do Jornal dos Debates.

Paris, 6 de Abril.

S. M. o Imperador da Russia logo que foi informado da mudança do Governo Francez, produzida pelo Senado, propoz, em nome das Potencias Alliadas, a Napoleaõ Bonaparte, que escolhesse um lugar de retiro para elle, e para a sua familia. O Duque de Vicenza foi-lhe enviado com esta proposta, dictada principalmente pelo desejo que as Potencias Alliadas tem de parar a effusaõ de sangue, e pela convicçaõ de que, se Napoleaõ a adoptasse, a obra da paz geral, e o restabelecimento do interno repouso da França, seria obra de um dia. O Senador Sicyes mandou a sua adherencia.

O publico he informado de que uma immensa quantidade de cartas retidas na caza da Administracãõ dos Correios, ou sejam vindos de Inglaterra o de outros paizes, ou dirigidas para os mesmos, haõ de ser invidadas para os seus destinos.—BOURIENNE.

Paris, 4 de Abril.

Tem hoje chegado a esta capital um grande numero de officiaes e soldados que abandonando o estandarte de Napoleaõ. Todos vinham infeitados com o tope branco.—
Viva o Rey.

Carta do Marechal Duque de Belluno ao Principe de Benevento.

SENHOR.—Eu vim para Paris para curar-me de uma perigosa ferida que recebi na batalha de Craonne: espero somente pela minha cura, para offerecer os meos serviços ao Governo Provisional da França. Elle pode contar com a minha fidelidade e adherencia a tudo o que fizer para a segurança e honra da minha patria.

(Assignado) O Marechal Duque de BELLUNO.

Actos do Governo Provisional.

As relaçoens que acabam de ser estabelecidas entre as Potencias Alliadas, e o Governo Francez são de natureza de permittirem que a França seja considerada immediatamente em estado de paz com ellas. Em consequencia, o Governo Provisional decreta, que todos os conscriptos estaõ em liberdade de voltarem para suas cazas, e que todos aquelles que ainda naõ tem saído dellas, posam deixar-se ficar. A mesma faculdade he applicavel aos batalhoens da nova leva, que cada departamento tem fornecido, assim como a todas as levas em massa.

(Assignado) Principe de BENEVENTO.

Paris, 4 de Abril.

O Marechal Marmont enviou a sua adherencia ao novo Governo. A manhaõ, a estatua de Bonaparte ha de ser arrancada da sua base.

Paris, 14 de Abril.

Monsieur, recebeo hoje ás oito da tarde, o Senado, e o Corpo Legislativo. O Senado foi apresentado a S. A. R. pelo Principe de Benevento, Presidente, o qual fallou assim :—

MONSEIGNEUR ! O Senado apresenta a vossa A. R. a homenagem da sua respeitosa devoção.

Elle tem proposto o restabelecimento da vossa augusta caza no throno da França. Demasiadamente bem instruido pelo presente, e pelo passado, deseja, com a nação, confirmar para sempre a authoridade Real sobre uma justa divisaõ de poderes, e sobre a liberdade publica; unicos penhores da felicidade e interesse de todos.

O Senado persuadido de que os principios da nova constituição estaõ no vosso coração, defere-vos, pelo decreto que tenho a honra de vos apresentar o titulo de Tenente-general do Reyno, até a chegada de vosso augusto Irmaõ. A nossa respeitosa confidencia não pode honrar melhor a antiga lealdade, que vos tem sido transmitida pelos vossos antepassados.

Monseigneur, O Senado nestes momentos de alegria publica, obrigado a permanecer mais socegado na apparencia, em razaõ dos limites dos seus deveres, não he o menos penetrado do sentimento universal. Vossa A. R. o poderá ler nos nossos coraçoes atravez da reserva da nossa linguagem. Cada um de nos, como Francez, está associado áquellas tocantes e profundas emoções, que vos tem acompanhado desde o momento da vossa entrada na capital, dos vossos antepassados, e que nos ainda sentimos mais profundamente debaixo do tecto do Palacio para onde a esperanza e a alegria voltaram finalmente com um descendente de S. Luis, e de Henrique IV.

Quanto a mim, Monseigneur, permitti, que eu me felicite de ser perante V. A. R. o interprete do Senado, que me fez a honra de me escolher para seu organ. O Sena-

do que sabe o meu affecto para com os seus membros, desejou offerecer-me mais um doce e feliz momento. Os mais doces certamente são aquelles, em que se approxima de V. A. R. para lhe renovar o testemunho de seu respeito e amor.”

Extracto do Registro do Senado, de Quinta feira 14 de Abril, de 1814.

O Senado, deliberando sobre a proposição do Governo Provisional.

Depois de ter ouvido a Relação de uma Commissão Especial de sette Membros,

Decreta o seguinte :—

O Senado defere o Governo Provisional da França a S. A. R. Monseigneur Conde de Artois debaixo do titulo de Tenente-general do Reyno, até que Luis Estanislao Xavier de França, chamado para o Throno de França, tenha accitado a Charta Constitucional.

O Senado determina que o Decreto de hoje, a respeito do Governo Provisional de França, seja apresentado esta tarde pelo Senado, em corpo, a S. A. R. Monseigneur Conde de Artois.

O Presidente e Secretarios,

Principe de BENEVENTO.

Conde de VALENÇA,

Conde PASTORET.

Sua Alteza Real respondeo :—

SENHORES! Tenho tomado conhecimento da charta constiitutional, que torna a chamar para o Throno da França o Rey meu augusto irmaõ. Eu não recebi delle poderes para accetar a constituição, porém sei os seus sentimentos, e principios; e não receio ser dasapprovedo o meu procedimento, assegurando-vos em seu nome, que elle ha de admittir as suas bases.

O Rey, tendo declarado que havia de manter a exis-

tente forma de Governo, tem por isso reconhecido que a Monarchia devia ser contrapezada por um Governo Representativo, dividido pelas duas Casas; (estas duas Casas são formadas pelo Senado, e Deputados dos Departamentos) os tribunos haverão o livre consentimento dos Representantes da Nação; a liberdade publica, e individual da imprensa respeitada, com a ordem, e tranquillidade publica; a liberdade de religião affiançada: a propriedade sagrada, e inviolavel; os Ministros responsaveis, e sujeitos a serem acuzados e perseguidos pelos Representantes da nação; que os Juizes serão irremoviveis, e o poder judicial independente, não sendo ninguem sujeito a ser tirado dos seus proprios juizes; que a divida publica será affiançada; as pensoens, graduaçoens, e honras militares preservadas, assim da antiga como da nova nobreza; a legião de honra conservada, e da qual o Rey determinará a insignia; que todos os Francezos serão admissiveis a todos os empregos civis e militares, e que nenhum individuo será inquietado por amor das suas opinioens, ou votos, e que a venda da propriedade nacional será irrevocavel. Taes me parece, Senhores, que são as bazas necessarias, e essenciaes para consagrar todos os direitos, traçar todos os deveres, assegurar todas as coizas existentes, e affiançar a nossa futura condição.”

Depois desta falla accrecentou Monsieur,

Eu vos agradeço em nome do Rey, meu irmaõ, pela parte que tendes tido na restauração do nosso legitimo Soberano, e por terdes por isso assegurado a felicidade da França, pela qual o Rey, e toda a sua familia estão promptas a sacrificar o seu sangue. Entre nos já não pode existir senão um unico sentimento; o passado não lembrará mais. Nós daqui em diante devemos formar um povo de irmaõs. Durante o periodo em que o poder estiver nas minhas mãos, periodo que espero que será mui curto, hei de pôr todos os meus esforços em promover a felicidade publica.

Um dos Membros do Senado, tendo exclamado, “Este he um verdadeiro filho de Henrique IV.!”—“O seu sangue na verdade gira nas minhas veias,” respondeo Monsieur, “desejara ter os seus talentos, porém de certo possuo o seu coração, e o seu amor pelos Francezes.”

Depois do Senado, os Membros do Corpo Legislativo, que estavam em Paris na occasião do feliz acontecimento que nos restaurou o nosso Rey, e os Deputados dos Departamentos vizinhos, que tinham anciosos corrido a capital, foram admittidos a uma audiencia de S. A. R.

O Vice Presidente, Mr. Felix Faulcon, expressou-se nos seguintes termos:—

Monseigneur! Os infortunios, que tem opprimido a França, estão finalmente concluidos. O throno está para ser reoccupado por aquelle bom Henrique, que o povo Francez, com vaidade e com affecto, appropriia a si. Os Membros do Corpo Legislativo gloriam-se com serem hoje para com V. A. R. os interpretes da alegria, e das esperanças da nação.

As profundas feridas da patria, nunca poderiam ser curadas senão pela tutelar concurrencia da vontade de todos.

Naõ mais divisoens, fôram as palavras que vos proferistes, Monseigneur, ao entrardes nesta capital. Era digno de V. A. R. o pronunciar aquellas deleitosas palavras que já tem vibrado por todos os corações.

Monsieur expressou a felicidade, que elle sentia, em se achar no meio dos representantes do povo Francez.

Nos, disse S. A. R. somos todos irmaõs. O Rey está para chegar ao meio de nos. A sua unica felicidade ha de consistir em assegurar a prosperidade da França, e em fazer esquecer todos os males passados. Só pensa no futuro. Eu vos felicito, Senhores do Corpo Legislativo, pela vossa destemida resistencia á tyrannia, em um momento em que havia grande perigo em resistir; por fim estamos agora todos Francezes.

As palavras de S. A. R. fôram seguidas por geraes

acclamaçoens. Os Deputados dos Departamentos, haõ de dizer aos seus concidadaõs a viva impressaõ que experimentaram, quando, pela primeira vez, apresentaram os desejos da França a um filho dos nossos Reys, no Palacio de Luiz XIV.

Paris, 16 de Abril.

Hoje ás oito da manhaã, partio a Guarda Nacional para os diferentes postos, que lhe fõram indicados pelo General Commandante-em-Chefe.

A s dez S. M. o Imperador da Austria entrou em Paris pela barreira do Trone; a sua chegada á capital foi annunciada por descargas de artilheria. O Imperador Alexandre, e o Rey de Prussia, foram sair-lhe ao encontro. S. A. R. Monsieur, escoltado pela Guarda Nacional a cavallo, recebeu os Soberanos juncto ao Boulevard do Templo. Vinham accompanhados pelo Principe Real de Suecia, Principe Schwartzenberg, e seguidos por numerosos e brilhantes Estados-maiores, e grandes destacamentos de infantaria, e cavallaria. A Guarda Nacional formava uma linha de cada lado. O cortejo proseguio ao longo do Boulevard, no meio de um immenso concurso de expectadores, cujas acclamaçoens attestavam aos augustos Alliados, todos os sentimentos que a sua presença inspi-rava. Quando viram Monsieur, resoou o ar com repetidas acclamaçoens de “Viva o Rey!”

As tropas Alliadas ajunctaram-se na Praça de Luiz XV. SS. MM. passaram-lhes revista, e viram-as desfilar.

Depois da parada, S. M. o Imperador de Austria foi para o Palacio Borghese, aonde ha de assistir. Foi para lá conduzido por S. A. R. Monsieur, o qual voltou depois para o Palacio das Thuilleries, accompanhado pela cavallaria da Guarda Nacional. Todas as sahidas do Palacio estãvam atulhadas de espectadores. S. A. R. entrou no meio de unanimes gritos de “Viva o Rey! Viva Monsieur!”

ACTO DO GOVERNO PROVISIONAL.

Decreto de 13 d'Abril, de 1814.

O Governo Provisional ordena que todos os prisioneiros de guerra Prussianos sejam postos em liberdade.

(*Assignados*) Principe de BENEVENTO.
Duque de DALBERG.
FRANCISCO JACOURT.
BOURNONVILLE.
MONTESQUIEU.

O General de Divisaõ Flahout, postado em Fontainebleau, o General Luiz Gerard, Commandante do Departamento do Sarthe, e os seus corpos, o Baraõ de Leny, e outros officiaes e tropas, tem mandado a sua adherencia.

O Senador Cambaceres, Principe Archi-Chancellor, tomou o seu assento no Senado no dia 14. M. M. de Campagny, Segur, Mollier, Molé, e Moutalivet, estaõ de volta para Paris.

Um dos nossos Jornacs annuncia que o Duque de Berri, segundo filho de Monsieur, chegára hontem a Paris. Esta nova he prematura. S. A. esteve há algum tempo na ilha de Jersey, donde determinou partir para Bretanha, ou Bourdeaux, para ir ter com o seu illustrissimo irmaõ, o Duque de Angouleme. Este asseguram-nos que está agora em Angouleme.

Tem sido retomados nas estradas de Orleans, e Blois, 44 milhoens em dinheiro, que tinham sido levados de Paris por ordem de Bonaparte. A coroa, diamantes, e prata, tambem tem sido recobrados.

O Governo Provisional, considerando quam importante he pôr termo ao flagelo da guerra, e reparar quanto delle depender os seus terriveis effeitos, decreta, considerando a presente urgencia:—

ART. I. Todos os prisioneiros de guerra detidos em territorio Francez, seraõ immediatamente restituídos ás suas respectivas potencias.

2. Esta medida será communicada aos Ministros Plenipotenciarios das differentes naçoens, convidando-os a assegurar uma reciprocidade á França.

3. Os Commissarios Provisionaes para a Repartiçãõ da Guerra, concertaraõ com os Commissarios Provisionaes da Marinha, e dos Negocios Estrangeiros, a execuçãõ do decreto em França.

O General Stewart foi com uma missãõ desta Corte, e das Potencias Alliadas, para os quartéis generaes do Marechal Soult, e Lord Wellington. M. de Boson Perigord, o irmão do Principe de Benevento, e um Inglez de distincçãõ, M. Seymour, fõram levar ao Rey, a nova da entrada de Monsieur em Paris. Sua Magestade ha de desembarcar em Boulogne. Vem acompanhado por Mr. Talleyrand, Arcebispo de Rheims, que tem estado sempre com elle. Diz-se que S. M. ha de chegar a Paris no principio da semana que vem.

O Principe Real de Suecia ohegou a Paris, a noite passada. S. A. foi, ás quatro horas, para as Thuilleries, visitar Monsieur, o qual lhe foi pagar a visita à noite no Palacio em que a Princeza Real sempre viveo.

O seguinte he a resposta de Lord Castlereagh a um que gabava a magnimidade do Imperador Alexandre para com a França:—“ Sua Magestade começou primeiro, a ser generoso, porém a Inglaterra naõ lhe ha de ficar atraz.” Tambem disse sobre a situaçãõ politica da Europa. As naçoens da Europa tem provado sufficientemente a sua coragem—devein agora contender sómente a qual ha de ser mais generoso, e moderado.” Disse-se que M. Maret queria ir com Napoleaõ, porém já deo a sua adherencia.

Além do General Bertrand, falla-se dos Generaes Ornano, Desnouettes, e do Coronel Mallet, que haõ de acompanhar Bonaparte para a ilha de Elba. O Maameluco de Napoleaõ naõ quiz ir com elle, apezar de elle o instar muito.

A Archidueza Maria Luiza, que estava em Orleans, saio no dia 12 para Rambouillet, com o seu filho. Na noite precedente recebeu officios que lhe foram levados pelo Principe Lichtenstein, e d' Esterhazy. Sua A. I. ha de ter uma entrevista immediata com seu augusto pai. Napoleaõ Bonaparte ainda está em Fontainebleau ; está lá demorado por uma erupçaõ cutanea, que tem feito necessario o uso dos banhos como um tractamento analogo.

Dez carros de campanha carregados de coizas preciosas, levadas de Paris, chegarã hontem ás Thuilleries debaixo de um destacamento de gendarmaria. Fõram conduzidos para a porta do Theouro da Corõa para serem descarregados.

Os corpos de tropas alliadas, compostos principalmente de Bavaros, e Wirtembergueses, que saíram de Paris, ha uns dias, tomãram a estrada de Champagne, e Lorraine, o que nos faz crer que haõ de repassar o Rheno.

Champagny, Duque de Cadore ; Savary, Duque de Rovigo ; e o Conde Mioli, estaõ em Paris, e tem annuciado a sua adherencia.

Paris, 15 de Abril.

O Governo Provisional tem publicado a seguinte:—

Proclamaçaõ ao Exercito.

SOLDADOS ! Vos ja naõ sois soldados de Napoleaõ, porem ainda sois os soldados da Patria ; o vosso primeiro juramento foi a ella ; este juramento he irrevocavel e sagrado.

A Nova Constituiçaõ assegura as vossas honras, e vossas patentes, e as vossas pensoens. O Senado, e o Governo Provisional tem reconhecido os vossos direitos ; e estaõ certos de que vos naõ haveis de esquecer dos vossos deveres. Desde este momento cessaraõ os vossos soffrimentos, e as

vossas fadigas. A vossa gloria permanece inteira. A paz ha de assegurar-vos a recompensa dos vossos longos trabalhos.

Qual éra a vossa sorte debaixo do Governo que já não existe? Arrastrados das margens do Tejo ás do Danubio—do Nilo ao Dnieper—ora queimados pelo calor dos desertos, ora regelados pelo frio do Norte; levantaveis uma grandeza monstruosa, inutil para a França, e cujo pezo recahio sobre vos, assim como sobre o resto do mundo. Tantos mil valentes tem sido unicamente os instrumentos, e as victimas de uma força sem prudencia, que queria fundar um imperio sem proporção. Quantos tem morrido desconhecidos para augmentar a fama de um homem! Nem elles gozâram mesmo a que lhes era devida. As suas familias, no fim de uma campanha, não podiam obter a certeza do seu glorioso fim, e honrar-se com os seus feitos d'armas.

Tudo está mudado; já não ireis morrer a 500 legoas da vossa patria, por uma causa que não he sua. Principes Francezes de nascimento haõ de poupar o vosso sangue; porque o sangue delles he vosso. O tempo tem perpetuado entre elles, e como uma longa herança de memorias, de interesses, e reciprocos serviços, esta antiga raça tem produzido Reys, que fôram chamados, pays do povo. Esta nos deo Henrique IV. a quem os guerreiros ainda chamam o *Rey Valente*, e aquem os paizanos haõ de chamar sempre o *Bom Rey*.

He aos seus descendentes que a vossa sorte está confiada. Podereis vos ainda conservar algum susto? Elles admiravam em uma terra estrangeira os prodigios do valor Francez, admiravam-os, ao mesmo tempo que lamentavam que a sua volta fosse demorada por tantas façanhas inuteis. Estes Principes estão finalmente no meio de vós. Elles tem sido desgraçados, bem como Henrique IV. e haõ de reynar

como elle. Elles não ignoram que a porção mais distincta da sua grande familia he a que compoem o exercito; haõ pois de vigiar sobre os seus primeiros filhos.

Permaneei pois fieis aos vossos estandartes—Bons acantonamentos vos seraõ destinados. Entre vos há guerreiros moços, que já saõ veteranos em gloria; as suas feridas tem dobrado a sua idade. Estes podem, se assim lhes agradar, voltar para as suas terras, e envelhecer ali com recompensas honrosas; os outros continuaraõ a seguir a profissaõ das armas, com esperanças do adiantamento, e estabilidade que ella pode offerecer.

Soldados de França! Animaivos com sentimentos Francezes, abri os vossos coraçõens a todas as affeiçãoens de familia; conservai o vosso heroismo so para a defeza da vossa patria, e não para invadir paizes estrangeiros; conservai o vosso heroismo, porem não consintais que a ambição vollo torne fatal: não queirais que elle seja por mais tempo uma fonte de desasocego para o resto da Eourpa.

Bonaparte ainda hontem (14) estava em Fontainebleau. Depois de varios ataques nervosos, tinha caido no maior abatimento; foi mandado tomar banhos, e estar na cama.

Parece que se acha doente no corpo, e intendimento; as suas ideas, diz-se, que não saõ claras; quanto ao resto he tractado com o maior cuidado.

Diz-se que o Cardeal Fesch, e a máy de Bonaparte, vaõ pedir asylo ao Soberano Pontifice; que Luis Bonaparte retira-se para a Suissa; e que Jeronimo, e Jozé haõ de ir para a America.

A Princeza Maria Luiza chegou antehontem a Rambouillet com o seu filho. Está para ser Gram Duqueza de Parma, e Piacenza.

O Governo Provisional passou um decreto, ordenando que os prisioneiros de guerra de todas as naçoens sejam restituídos sem demora, aos seus respectivos paizes. Outro decreto ordena uma consideravel redução no exercito, e

descontinuar todas as obras para á defeza das fortalezas excepto as que são necessarias em todos os tempos.

O Marechal Berthier tem mandado a sua adherencia, e a do exercito.

Paris, 16 de Abril.

Monsieur Tenente-general do Reyno nomeou as seguintes pessoas. Membros do Conselho de Estado Provisional:—

- O Principe de Benevento,
- O Duque de Cornegliano, Marechal de França,
- O Duque de Reggio, dito,
- O Duque de Dalberg,
- O Conde de Jaucourt, Senador,
- O General Conde Bournonville, Senador,
- O Abbade de Montesquieu,
- O General Dessolles,

O Barão Vitrolles, Secretario de Estado Provisional, ha de fazer as funcçoens de Secretario do Conselho.

Os Membros que compoem as Secçoens do Conselho de Estado, tiveram hoje uma audiencia de Monsieur.

O Conde Bergen fallou a S. A. R. da maneira seguinte:

MONSEIGNEUR! O Conselho de Estado he feliz em ver a volta de V. A. R. para a Capital, e Palacio dos vossos Antepassados.

A final, os descendentes de S. Luis, e de Henrique IV são nos restaurados. Os nossos coraçoens pertencem ao Rey, e á sua augusta familia; e os nossos pensamentos, o nosso zelo; as nossas homenagens, devem-se a elle.

Os nossos desejos, Monseigneur, são servir o soberano, e a patria; ver curadas as feridas da patria, que se tornou por fim o paiz commum do Monarcha, e dos seus vassallos; e ver o nosso augusto Monarcha feliz na felicidade do seu povo.”

Monsieur dignou-se fazer uma graciosissima replica a esta falla, em entre outras expressoens, declarou que elle

participava dos sentimentos que os Membros das Secções do Conselho de Estado acabaram de expressar-lhe ; e que o Rey e S. A. R. nunca tinham duvidado do seu affecto, e zelo para o serviço do Estado.

Acto do Governo.

Nos, Carlos Felipe, de França, Filho da França, Monsieur, Irmaõ do Rey, Tenente-general do Reyno, faço saber :—

As circumstancias que tem passado, tem feito necessario que nos dessemos, em nome do Rey, nosso augusto irmaõ, commissoens mais ou menos extensas.

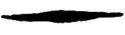
Aquelles que foram encarregados dellas tem-as preenchido honradamente ; todas ellas tendiam ao restabelecimento da Monarchia, da ordem, e da paz.

Este estabelecimento acha-se felizmente effectuado pela uniaõ de todos os coraçoens, de todos os direitos, e de todos os interesses. O Governo tem tomado um curso regular, toda a sorte de funcçoens deve ser daqui em diante feita pelos Magistrados, ou por outros, a cujo departamento pertencem.

As commissoens particulares saõ portanto desnecessarias ; saõ revogadas, e os que dellas foram encarregados, abster-se-haõ de fazer mais uso dellas.

Dada e Selada, em Paris, no Palacio das Thuilleries, aos 16 de Abril, de 1814.

(Assignado) CARLOS FELIPPE,
Por Monsieur, Tenente-general do Reyno.
Baraõ VITROLLES,
Secretario de Estado Provisional.



Verona, 10 de Fevereiro.

O quartel-general está em Valleggio.

O General Austriaco, Conde Bellegarde, ao passar o Adige dirigio uma Proclamação aos Póvos da Italia, na qual, depois de ter mencionado o livramento da Alemanha, e que “o Rey de Napoles tinha resolvido unir-se as Potencias Alliadas, e apoiar a causa da paz geral, com todas as suas forças, assim como por seus grandes talentos militares,” continua do modo seguinte:—

“Já não he duvidosa a sorte da Italia. Passámos o Adige; entramos como amigos da vossa patria. Vimos proteger legitimos direitos, e restabelecer o que a força, e a ambição estragaram. Tornaraõ a ser os Alpes o que algum tempo eraõ, as fronteiras do vosso paiz; e ficaraõ outra vez fechadas as veredas que conduzem á dependencia, e á escravidão.

EXERCITOS ALLIADOS NO SUL DA FRANÇA.

*Proclamação (ou Edicto) de S. Ex.^a o Marechal General
Duque da Victoria,*

Pelo Feld-marechal Marquez de Wellington, General-em-Chefe dos Exercitos Alliados, &c.

No quartel-general, a 23 de Fevereiro, de 1814.

ART. 1. As Communs, que desejarem formar uma Guarda Communal nas suas Communs para servir de policia, e conservar a segurança das propriedades, participaraõ seu desejo ao Commandante-em-Chefe, declarando o numero de pessoas de que a guarda se deve compôr.

2. A guarda Communal deve em todo o caso obrar de baixo das ordens directas do Maire, o qual ficará responsavel pela sua conducta.

3. No caso que os soldados extraviados, os arrieiros, ou outros addictos ao exercito, commettaõ algum damno,

ficão encarregados os Maires de os fazer prender pela Guarda Communal, e de os enviar ou ao quartel-general, ou ao General Commandante da Divisão mais proxima, com os documentos, que possaõ provar o estrago que se fez, para que os malfeitores hajaõ de ser punidos, e paguem o damno que tiverem feito.

(Assignado)

WELLINGTON.

Officio de Lord Wellington ao Conde Bathurst.

Tarbes, 20 de Março, de 1814.

MY LORD! O inimigo ajunctou as suas forças no dia 13, juncto a Couchez, como participei a V. S. no meu officio daquela data, o que me induzio a concentrar o exercito na vizinhança de Ayre. Os varios destacamentos que eu tinha expedido, e as reservas de cavallaria, e artilheria, que vinham vindo de Hespanha, naõ chegaram até o dia 17. No meio tempo, o inimigo naõ achando a sua situação em Couchez muito segura, retirou-se no dia 15 para Lemberge, conservando os seus postos avançados para o lado de Couchez. O exercito marchou no dia 18, e o Tenente-general Sir Rowland Hill arrojou os postos avançados inimigos sobre Lemberge. O inimigo retirou-se de noite sobre Vice Bigorre; e no dia seguinte, dia 19, teve uma numerosa retaguarda nas vinhas, na frente da villa.

O Tenente-general Sir Thomaz Picton, com a terceira divisãõ, e com a brigada do Major-general Bock, fêz um bellissimo movimento sobre esta retaguarda, e arrojou-os atravez das vinhas, e da villa; e o exercito ajunctou-se em Bigorre, e Rabestens. O inimigo retirou-se de noite sobre Tarbes. Nós achamollo esta manhaã com os postos avançados da sua esquerda na villa, e com a sua direita sobre os montes, juncto ao moinho de vento de Oleac; o centro, e a esquerda estavam retirados; a esquerda estava

sobre os altos juncto a Augos. Nos marchamos de Vic Bigorri, e Rabesten, em duas columnas; e fiz que o Tenente-general Sir Henrique Clinton rodeasse, e atacasse a direita, com a 6.^a. divisaõ, atravez da aldea de Dous, em quanto o Tenente-general Sir Rowland Hill atacava a villa pela estrada real de Bigorre.

O movimento do Tenente-general Sir Henrique Clinton, foi executado mui habilmente, e foi completamente bem succedido: a divisaõ ligeira, debaixo do commando do Major-general C. Baron Alten, igualmente arrojou o inimigo dos montes acima de Orleix; e tendo o Tenente-general Sir Rowland Hill marchado atravez da villa, e disposto as suas columnas para o ataque, retirou-se o inimigo em todas as direcçoens. A perda do inimigo foi consideravel no ataque feito pela divisaõ ligeira: a nossa não tem sido consideravel em nenhuma destas operaçoens.

As nossas tropas estão acampadas está noite sobre o Larvet e Larros; estando o Tenente-general Sir Henrique Clinton, com a 6.^a. divisaõ, e o Tenente-general Sir Stapleton Cotton, com as brigadas de cavallaria do Major-general Ponsonby, e do Lord Eduardo Somerset, bem avançados sobre a sua direita.

Ainda que a opposiçaõ do inimigo não foi para experimentar as tropas, tenho tido toda a razaõ para estar satisfeito com o seu comportamento em todas estas acçoens, particularmente com a 3.^a. divisaõ hontem no ataque das vinhas, e da villa de Vic Bigorre, e com a da 6.^a. divisaõ e divisaõ ligeira hoje.

Em todos os encontros parciaes da cavallaria, os nossos tem mostrado a sua superioridade, e dous esquadroens do 14 de dragoens, debaixo das ordens do Capitaõ Miller, no dia 14, e um esquadraõ do 15, no dia 16, comportaram-se com muntissimo valor, e fizeram um grande numero de prisioeiros.

O regimento Portuguez de dragoens, N.º 4, debaixo do commando do Coronel Campbell, comportou-se com igua distincção, em um ataque no dia 13.

Ainda não tenho recebido noticias de Catalunha.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

Extractos de Officios de Lord Wellington ao Conde Bathurst.

Samatan, 25 de Março, de 1814.

O inimigo depois da acção juncto a Tarbes, no dia 20, continuou a sua retirada durante a noite, e nos dias seguintes, e chegou hontem a Toulouse. As suas tropas tem marchado com tal celeridade, que as nossas nunca tem podido alcançallas, a excepção da guarda avançada de cavallaria, unida ao corpo do Tenente-general Sir Rowland Hill, debaixo do commando do Major-general Fane, que atacou a retaguarda inimiga em St. Gaudencio. Remetto inclusa a relação do Major-general Fane, ao Tenente-general Sir Rowland Hill, sobre esta acção, que faz grande honra ao regimento 13 de dragoens ligeiros.

Borde, 9 P. M. 22 de Março.

SENHOR! Tendo avançado conforme as ordens, alcancei a retaguarda inimiga á distancia de perto de uma legoa de St. Gaudencio. Estava apoiada por quatro ou cinco esquadroens de dragoens formados sobre o alto na frente da cidade. Arrojei-lhe as avançadas com dous esquadroens do 13 de dragoens ligeiros, apoiados por parte do 3.º de dragoens das guardas, e como a reserva do inimigo se demorou demasiadamente, na frente de St. Gaudencio, o 13.º de dragoens pode trevar-se com elle. Este atacou o inimigo com o maior valor, e arrojou-o atravez da cidade. Tendo-se o inimigo tornado a formar para lá da cidade, foi outra vez atacado, e perseguido mais de duas

milhas. Matou-se uma quantidade de inimigos, e aprisionaram-se 100 homens, e quasi o mesmo numero de cavallos. Trinta dos prisioneiros estaõ malferidos. O Capitão M'Alister, que conduzio a avançada, distinguiu-se muito, e nada pôde exceder a valentia, e bom comportamento de todo o regimento.

Tive toda a razão para ficar mui satisfeito com o comportamento do Major de Brigada Dunbar, que foi dos que no ataque estiveram mais á frente.

A minha perda foi mais pequena; creio que não anda por mais de 4 ou 5 feridos.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) H. FANE, Major-general.

Tenente-general Sir Rowland Hill, &c. &c. &c.

Seysse, 1 de Abril, de 1814.

O inimigo retirou-se para dentro de Toulouse ao aproximar das nossas tropas no dia 28 do corrente. Tinha fortificado o suburbio sobre a esquerda do Garonne, como cabeça de ponte, a qual occupava com força consideravel; e o resto do exercito está na cidade, ou immediatamente por de traz della. A muita chuva, que tem caido em toda a semana passada, e principio desta, e o derretimento da neve nas montanhas tem feito crescer o rio a ponto tal, e a corrente tem sido tão rapida, que tem frustrado todos os nossos esforços para lançar a nossa ponte pela parte debaixo da cidade.

Segundo as minhas ultimas noticias de Bourdeaux, do dia 26, as naos de S. M. ainda não tinham entrado no rio.

Goiza nenhuma de importancia tem acontecido em Catalunha ultimamente.

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

BRAZIL.

O Leytor achará neste N.º. a p. 478. um importante Alvará, sobre o Commercio da escravatura, em que se descrevem algumas das practicas deshumanas introduzidas pelos que se emprégam neste trafico, e se daõ providencias para as acantellar.

O Jornal Pseudo Scientifico do mez passado, pretendendo louvar a S. A. R. o Principe Regente de Portugal, por ter prestado a sua attenção a ésta materia, diz que S. A. R. he nisto *incomparavel*; e depois accrescenta, que pede a justiça que se diga, que ja seus Augustos Predecessores fizéram outro tanto; demaneira que, ao mesmo tempo, que he *incomparavel*, pede a justiça, que se *compare* aos outros. He verdadeiramente ridiculo o esforço da adulaçãõ, em suas contradicçoens; enjoam os elogios dados por ésta forma; porque não pôde deixar de ser estranhavel, mesmo pela pessoa louvada, ser chamado *incomparavel* e no mesmo folego *comparavel* aos outros. S. A. R. merece muito louvor, nisto que obrou, e a simples contemplaçãõ de que elle se occupa da sorte desta infeliz porçãõ do genero humano, basta para convencer o mundo dos sentimentos de humanidade que fazem a mais bella parte de seu character. He justo que e dê louvor a quem o merece; e he importante que se louvem os Soberanos por tudo quanto fazem de bom; este louvor além de os animar a obrar bem, he a unica recompensa, a unica retribuiçãõ que se lhes pode offerecer; porém os louvores dados por similhante modo contradictorio, são um verdadeiro vituperio.

Mas deixemos esta reptil servidaõ de homens assalariados porquem tem tanto discernimento em os escolher, como elles se embaraçam com a consideraçãõ do modo por que formam os seus elogios; mandam-nos que incensem, e elles daõ com o thuribulo pelos narizes á pessoa que incensam. Vamos á materia.

A legislaçãõ do Alvará, de que tractamos, he só tendente a modificar a crueldade de tractamento dos escravos, na sua exportaçãõ da Africa para o Brazil, nada determina, quanto á existencia do trafico da escravatura; mas talvez séja isto preparativo para outras medidas de maior consequencia; e não he pequena vantagem o estabelecer-se aqui, em taõ authentico registro, como he uma ley, as practicas deshumanas, que se usam neste commercio dos escravos.

Nós não reprovamos a cautela do Governo do Brazil, em não decidir por ora cousa alguma, quanto á existencia do Commercio da escravatura: he este um ponto summamente delicado, e de grande

difficuldade. Estas considerações nos obrigáram sempre, desde que conduzimos este nosso Jornal, a não tocarmos na questão da escravatura; e por isso achamos que foi um acto de summa imprudencia, que o Jornal Pseudo Scientifico publicasse uma traducção em Portuguez da Constituição da Republica dos Negros em S. Domingos. Esta traducção na lingua vulgar, em um Periodico, que se destina a ser lido no Brazil; feita em um Jornal, que abertamente se acha debaixo da protecção do Embaixador Portuguez em Londres, aonde aquelle Jornal se imprime; he um absurdo de tal magnitude, que só se pôde conciliar com as cabeças, que tal obra dirigem.

A escravatura he um mal para o individuo, que a soffre; e para o Estado aonde ella se admite; porém este mal não foi introduzido pelo Governo actual, e a tentativa de o cortar pelas raizes immediatamente, produziria sem duvida outros males talvez de maiores consequencias. He, logo, mui recommendavel a prudencia do Governo, em não atacar directamente o trafico da escravatura. Por tanto mandar para o Brazil uma traducção Portugueza de Constituição de uma Republica de negros; e isto em um Jornal authorizado pela protecção do Embaixador Portuguez em Londres, he um facto, que parecerá incrível, a quem não conhece o character das pessoas que nelle tivéram parte; e que os homens pensantes no Brazil se não contentaraõ talvez de lhe chamar imprudencia, assim como nós fazemos.

As leys de todas as nações civilizadas olháram sempre para a existencia da escravatura, como um grande mal. O Codigo das leys Romanas, e as Ordenações de Portugal, são exemplos mui claros do que avançamos; decidindo sempre a favor das manumissoens em todos os casos duvidozos; e fazendo excepções mui notaveis, quando se tracta da liberdade do escravo, como nos casos de condições impossiveis nos legados, &c., &c., Mas, ainda que o mal seja universalmente reconhecido, a sua generalidade fállo de difficultoso remedio.

No entanto aboliu-se a escravidão em Portugal; nos Estados Unidos da America, e a dos Indios no Brazil; decretou-se em Inglaterra a sua gradual extincção. O Governo do Brazil trabalha, pelo presente Alvará, em moderar a crueldade do trafico; e não obstante os mesmos argumentos, que se produzem agora, no Brazil, a favor da continuação, e necessidade da escravatura, são os que se allegáram em todos os tempos, nas outras nações, que ou tem extirpado, ou consideravelmente diminuido a escravatura, sem que tenham soffrido os incommodos, que os fautores da escravidão tem sempre prognosticado.

Esperemos portanto, que os melhoramentos do nosso **Seculo**, produzirão uma gradual, e prudente reforma neste ramo, que, marcando os progressos de nossa civilizaçãõ, servirá de grande honra e gloria aos Legisladores, que se occupárem nesta materia.

Estas esperanças nos parecem tanto mais bem fundadas, quanto S. A. R. declára neste Alvará, que a razãõ de continuar a permittir a introducçãõ de escravos no Brazil, he a falta de populaçãõ : ésta pode fomentar-se por outros meios, e quando elles se queiram pôr em practica, cessará gradualmente a razãõ da legislaçãõ actual.

Mudança de Ministerio no Brazil.

A morte do Conde das Galveas, deixou vago o lugar de **Ministro**, e Secretario de Estado na Repartiçãõ dos Negocios da Marinha ; e para este emprego foi chamado Antonio d'Araujo.

Os rumores, que se espalháram contra este sugeito ; a malignidade com que se mandou por nas gazetas Inglezas, que tinha sido decapitado por traidor ; as intrigas, e os a leives, que se urdíram em Londres contra elle, tudo fica completamente destruido com ésta nomeaçãõ.

Antonio d'Araujo, he sem duvida o homem mais capaz de que S. A. R. podia lançar mãõ nas circumstancias actuaes ; e vista a cabala, que se tinha armado contra elle, he evidente, que não deve a sua nomeaçãõ aos peditorios de nenhuma Potencia estrangeira, e que portanto poderá administrar os negocios de Portugal, segundo o seu patriotismo, e suas luzes lhe dictarem, sem que tenha as mãõ ligadas pela gratidaõ á influencia estrangeira, que o houvesse promovido áquelle emprego. Haverá muito quem se morda, por este successo ; porém S. A. R. he o Soberano do seu paiz, e pode chamar para os seus conselhos a quem lhe parecer ; a escolha he boa ; e Portugal tem meios de manter a sua independencia, nestas ou em outras quaesquer materias ; com tanto que as pessoas á frente do Governo saibam aproveitar-se dos recursos que possuem.

Concluiu-se finalmente a Convençãõ das Potencias Belligerantes em Paris, sem que ali houvesse um Plenipotenciario Portuguez : isto he o que nós previmos há muito tempo ; e repetidas vezes nos queixamos de que houvesse em Londres dous Embaixadores, e nenhum juncto aos Monarchas Belligerantes, que fosse capaz de fallar com intelligencia, e authoridade sobre os Negocios de Portugal. Esperamos, que a Corte do Brazil abra os olhos com este acontecimento ; e conheça por isto o modo porque os seus interesses saõ

tractados na Europa. Que Antonio d'Araujo seja capaz de remediar estes males como ministro independente, fica evidente, pelo papel que publicamos em outro N.º de nosso periodico em sua justificaçãõ; contra as calumnias, que se espalhãram a seu respeito, e que foram tambem inseridas no Correio Braziliense, pelo artificio com que os taes rumores se fizeram geraes, e universalmente acreditados. A calumnia deve sempre succumbir cedo ou tarde.

EXERCITOS ALLIADOS DO NORTE.

Os Nossos Leytores acharãõ neste N.º a continuação dos officios, em que se referem as operaçoens dos Alliados, no Norte da França, até a sua gloriosa entrada em Paris.

Os mesmos erros commettidos por Bonaparte juncto a Leipsic, a mesma sagacidade dos generacs Alliados naquella occasião, caracterizãram agora as manobras por que foi tomada a capital da França. Não recapitularemos as circumstancias das operaçoens, que findaram ésta guerra com tão brilhante successo, porque o Leytor achará que vale a pena de ler as integras dos officios, aonde todos os successos se referem com clareza, e precisaõ. Daqui em diante so haverá que referir a retirada destes exercitos a seus respectivos paizes.

EXERCITOS ALLIADOS NO SUL DA FRANÇA.

Além dos officios de Lord Wellington, que publicamos neste N.º, temos outros, que refererem uma açãõ juncto a Bayonna, e outra juncto a Toulouse, em que Lord Wellington ficou victorioso, e tomou posse da cidade, posto que perdeu mais de 4.000 homens. Dous dias depois recebeo Lord Wellington as noticias da mudança do Governo em Paris, que se tivesse chegado mais cedo teria prevenido aquella inutil effusaõ de sangue. Estes ultimos serãõ publicados no nosso N.º seguinte.

PAZ.

Aos 23 de Abril, se assignou em Paris uma Convençaõ, entre os Plenipotenciarios das Potencias Alliadas, pela qual se declara formalmente a cessaçãõ de Hostilidades.

As principaes bazes da Convençaõ sãõ a restituicaõ immediata de todos os prisioneiros; e por consequencia, por cada estrangeiro, que os Francezes restituirem, receberãõ pelo menos sinco ou seis.

A suspençaõ dos bloqueios por mar e terra de todas as praças Francezas;

A evacuaçãõ da França pelos exercitos Alliados; deixando todos os territorios, que os Francezes possuiam em 1792; sem que os Francezes sejam obrigados a nada mais do que a evacuaçãõ de Hamburgo, e algumas outras poucas praças, que achando-se sem recursos, se teriam obrigado a render-se em mui pouco tempo.

Aqui se vê portanto o mais liberal comportamento da parte dos Alliados: dão a paz á França, restituindo-lhe o seu Rey; sem exigir della sacrificio algum. Paz, liberdade, commercio, tudo gratis; porque se correo um veo sobre todas as perdas que os Francezes tem causado ás outras naçoens. Esta Convençãõ he sem duvida dictada pelos sentimentos da maior liberalidade da parte dos Alliados; resta ver se os Francezes reconhecidos deixam de continuar em seus planos ambiciosos. Quanto a ésta parte estamos bem longe de nos acharmos tranquillos.

NORWEGA.

A renuncia, que a Dinamarca fez á Suecia do paiz da Norwega, não agradou aquelles povos, que se determinaram a manter-se independentes da Suecia, Para isto nomeáram Regente ao Principe Christiano Frederico; o qual viajando por algumas cidades as achou todas resolvidas a defenderem-se. Arriáram-se as bandeiras de Dinamarca, arvorou-se em toda a parte a bandeira de Norwega, e o Principe publicou a seguinte proclamaçãõ :—

“ Eu Christiano Frederico, Regente de Norwega, &c. declaro, que eu, assim como todo o povo de Norwega, reconheço como especial favor d’El Rey Frederico VI. que poucos dias antes de ter absolvido esta naçãõ do juramento de fidelidade, lhe deo a paz com a Gram Bretanha. Teria sido o meu primeiro objecto obter esta bençãõ; e eu trabalharei sempre pela conservar, para o bem do bom povo da Norwega, não somente com a Gram Bretanha, mas tambem com todas as outras Potencias. Por tanto se declara solemnemente.

1º. O Reyno de Norwega está em paz com todas as Potencias, excepto aquella Potencia, que violar a sua independencia, ou atacar as suas fronteiras.

2º. Os portos da Norwega estão abertos para os navios de guerra e mercantes de todas as naçoens.

3º, 4º, e 5º. Artigos annullam todos os regulamentos precedentes, a respeito das prezas e cartas de marca, e declara que todas as prezas, feitas depois do dia 14 de Janeiro, seraõ restituídas. nenhuns corsarios de qualquer naçãõ que sejam seraõ admittidos em Norwega.

6º. Serão entregues todos os prisioneiros de guerra, e se pagarão todas as dividas particulares dos prisioneiros de guerra de Norwega.

7º. Os navios de todas as naçoens, que trouxerem trigo, ou outros mantimentos para a Norwega, poderaõ importar ate duas terças partes do frete em quaesquer mercadorias que lhes parecer; e em todo o caso, pagando os direitos, teraõ permissaõ de exportar todas as producçoens da Norwega, excepto mantimentos; mas no caso acima poderaõ exportar peixe, no computo de duas terças partes de frete.

Proclamação aos Soldados.

A Nação Norwega põem em vós as suas esperanças, valentes guerreiros, de uma feliz conclusaõ da contenda em que voluntariamente nos empenhamos a bem da patria. A primeira condiçaõ do rendimento de Norwega, foi a entrega de todas as fortalezas, e armazens de guerra aos Succos. Entaõ se requereria de vós que largasseis as armas; mas isto não ha de ser assim. A Norwega existe pelo vosso valor. Os velhos, as mulheres, as crianças viviraõ seguros entre as montanhas da Norwega, defendidos pelos valorosos filhos da Norwega, guiados pelo vosso Regente, e venerado Commandante. Victoria e liberdade—ou a morte—será a nossa divisa. A minha sorte he inseparavel da vossa. A minha confiança está posta na vossa unanidade."

O Clero recebeu uma circular quasi nos mesmos termos da proclamação, e se lhes ordena, que façam preces pelo bom successo das armas Norwegas.

Nós mantemos, que os Norwegas estaõna peculiar situaçaõ de se defenderem com justiça á força d'armas, contra toda a nação que os queira invadir; porque El Rey de Dinamarca, tendo-os absolvido do juramento de fidelidade, já os não pode governar nem mandar que obedçam a esta ou aquella pessoa: igualmente os Norwegas não são obrigados a obedecer ao Governo Sueco; porque nunca lhe prestaram homenagem, ou prometteram obediencia. Quanto a cessaõ que a Dinamarca fez á Suecia, da Norwega, deve lembrar-se que este paiz he um Reyno separado da Dinamarca, posto que com o mesmo Soberano, e nós duvidamos muito que elle tenha o direito de ceder todo um reyno a favor de um estrangeiro; posto que isto se admitta na cessaõ parcial de alguma porçaõ do territorio. Os Alliados declaráram aos Francezes, que os não obrigariam a aceitar um rey, que a escolha devia ser sua. Serão os direitos da Norwega, entaõ, menos respeitados do que os dos Francezes? Pelo menos não sabemos que os Norwegas tenham tractado as outras Potencias, como os Francezes tem feito.

FRANÇA.

Damos neste numero os documentos que referem o fim da guerra com Bonaparte; a sua deposição; e o restabelecimento da Familia dos Bourbons ao throno da França.

Pouco tempo tivemos de continuar na distincção, que fizemos, de França por Bonaparte, e França pelos Bourbons; porque pôde dizer-se que ja não ha senão França pelos Bourbons. Assim faremos aqui algumas observaçoens sobre as causas da deposição de Bonaparte; circumstancias do restabelecimento dos Bourbons; systema da nova Charta Constitucional da França, e provaveis consequencias deste acontecimento.

Bonaparte foi chamado para o Governo da França em 1799; porque as intrigas do Directorio; e a falta de patriotismo das pessoas, que dirigiam os negocios publicos, tinham produzido grande confusão em todos ramos da Adinistração; e consequentemente um manifesto descontentamento em toda a Nação. Bonaparte assumindo as redeas do Governo restabelecco os negocios, reorganizou o exercito, lijongeou a vangloria dos Francezes com algumas victorias, e fez-se popular; mas desde logo formou o plano de acabar de todo com a Republica, e quando se achou com o seu poder firme tirou a mascara usurpou o poder Soberano; e começou a por em practica todos os estratagemas, e valer-se de todos os meios oppressivos, porque um usurpador, ou um tyranno se vê sempre obrigado a manter-se no throno. Guerras injustas para dar emprego ás tropas; impostos onerosos; prisoens arbitrarías; execuçoens secretas; allianças perniciosas á França, e vantajosas ao despota; monopolio das sciencias; restricçoens do pensar, fallar, e escrever sobre os negocios publicos fôram consequencias necessarias do seu systema; e daqui começou logo a decahir a sua popularidade, e solapar-se o seu poder como sempre acontece em taes casos. Chegáram por fim as cousas ao estado em que todos os homens, versados na historia e na politica, esperavam somente por algum destes acontecimentos, que daõ lugar a arrebentar a mina; acontecimentos, que o vulgar imagina serem as causas immediatas das revoluçoens dos Imperios, mas que não são senão a occasião de se desenvolverem os sentimentos da uma nação, que não tem meios oportunos de se declarar.

A invasão de Russia em 1812, annihilou o exercito Francez; mas Bonaparte, valendo-se dos grandes recursos, que podia tirar não só da França mas de todas as naçoens, que tinha subjugado, apresentou em campo novo exercito no anno de 1813. A derrota de seus exer-

citos na Península ; o terem-se malogrado os seus planos em Portugal e Hespanha ; arruinou por tal modo a sua reputação, que os descontentes, aquem o seu despotismo e tyrannia tinha irritado, em toda a parte não tinham em vista senão o momento em que pudessem declarar-se, e assaltar o tyranno ; a batalha de Leipsic offereceo ésta occasião, e desde aquelle momento, até que os Alliados chegaram ao pé de Paris, uma continuada desersão enfraqueceo o poder do despota, até o reduzir ao maior desamparo.

Então ja não soffria duvida que o reynado de Bonaparte ja a acabar, mas dividiram-se as opinioens, tanto entre os Francezes, como entre as Potencias Alliadas ; e se formáram em Paris não menos de quatro partidos: o primeiro queria continuar a dynastia de Bonaparte em seu filho, dando a Regencia á Archiduqueza de Austria, durante a minoridade ; o segundo desejava chamar ao throno Eugenio Beauharnois ; o terceiro lembrava-se de um Governo Constitucional e das formas Republicanas ; o quarto éra a favor dos Bourbons. Este prevaleceo.

Q tempo desenvolverá e fará publicas as intrigas politicas, os estratagemas, e o jogo de partidos, que fizéram dar a preponderancia ao restabelimento dos Bourbons ; mas sabe-se que a uniaõ dos Republicanos com os Bourbonistas, foi o que fez succumbir os outros partidos, e para conciliar estes se imaginou a Constituição, que foi promulgada em Paris, como decreto do Senado, e que copiamos neste N.º. a p. 507.

Acostumados, como nós estamos, a ver novas Constituiçoens em França, a ver que os Francezes tem applaudido com enthusiasmo todas as differentes formas de Governo, que os Revolucionarios lhes tem apresentado, olhamos para este documento, como méra farça do dia, como novidade intentada meramente para fazer moda ; e apenas julgamos necessario dar uma idea de seu systema, persuadidos de que ésta, assim como as precedentes Constituiçoens Francezas, terá somente uma existencia ephemera. As bazes da nova Constituição são a Realeza, moderada por duas Corporaçoes ; uma hereditaria, chamada o Senado ; outra electiva denominada o Corpo Legislativo. Os principios de organizaçãõ destes tres poderes imitam a forma de governo da Inglaterra, estabelecendo, que o Monarcha tenha o poder executivo, e que as leys e os impostos sêjam obra somente da reuniaõ ou Concurrencia dos tres poderes-Rey, Senado, e Corpo Legislativo.

Vejamos agora as consequencias provaveis destes arranjaentos. A linguagem universalmente adoptada he, que chegou ja o fim da revoluçãõ ; que o restabelimento dos Bourbons pôz termo á tor-

rente revolucionaria ; e que a Europa vai a descançar em paz. Nos desejaríamos, que isto assim fosse ; mas por mais singular, que parecamos, como não escrevemos para adular ninguém, nem para seguirmos os clamores populares, daremos nisto a nossa opiniaõ com a franqueza, que costumamos.

A confusaõ de ideas, de principios, e de medidas, que se observam nesta mudança de Governo na França ; he, ao nosso modo de pensar, razaõ bastante para duvidar da estabilidade desta Constituiçaõ.

Os Alliados, tendo reconhecido Bonaparte como legitimo Soberano da França ; mesmo no momento em que estavam tractando com elle sobre condiçoens de paz, não hesitam em sancionar, com sua acquiescencia pelo menos, o poder do Senado em depôr Bonaparte da Soberania ; e estaraõ as pessoas, que permitem este acto ao Senado, dispostas a conceder, que esse Senado póde tambem depôr o successor de Bonaparte ?

O Senado arroga a si o direito de pôr e dispôr do Soberano reconhecido; e dahi extorque-se de Bonaparte a renuncia não só da Corõa de França mas tambem a da Italia. Ora, ainda que o Senado Francez tenha o direito de dispôr do throno da França ; d'onde lhe vem a authoridade de se intrometter com o reyno de Italia ?

Por outra parte, se este Senado olha para Bonaparte como usurpador, e chama ao throno da França a Luiz XVIII. como legitimo successor dos antigos reys da França ; que direito tem de impôr condiçoens ao novo Soberano, e de lhe prescrever uma Constituiçaõ, desconhecida por seus antepassados, e não approvada pelos povos, nem por alguma corporaçã de seus representantes ?

Os Senadores arrogãram a si o direito não só de depôr o Soberano, de chamar outro, de impôr a este uma Constituiçaõ ; mas até se creãram a si mesmos Legisladores hereditarios ; decretãram para si mesmos honras, rendimentos, e prerogativas: ora ; d'onde lhes viãram esses poderes ?

Esta massa de confusoes, não he logo senã um chaos revolucionario, longe de ser o final da revoluçaõ ; e portanto não póde ser permanente.

A nossa opiniaõ se confirma mais olhando para os nomes das pessoas, que figuram nesta nova scena. Achamos em aççaõ Tailleyrand, Sieyes, Cambaceres, Fouchet, &c. &c. ; aquelles mesmos homens, que formãram a Assembleia Nacional ; que inventãram a Constituiçaõ pela qual a Pessoa do Rey éra inviolavel, que não obstante isto votaram pela morte do Rey Luiz XVI ; que sustentaram o Di-

rectorio, que o deitáram abaixo, que reconhecêram Bonaparte Imperador, que receberam delle titulos, que o depuzêram ; que conservaram ainda depois delle deposto os titulos que elle lhes deo ; que se nomeáram finalmente a si mesmos Legisladores hereditarios ; E podemos nós julgar permanente o novo Governo, composto destas pessoas ?

Neste mesmo N.º do nosso Jornal, em que publicamos esta nova Constituição, que chamam perpetua, e que se diz ter finalizado a revolução ; neste mesmo jornal publicamos duas alterações consideraveis desta chamada perpetua, e final Constituição : uma he a suspensão da liberdade da imprensa, e outra a annihilação do Governo provisional, antes de ter chegado á França o Rey que deve admittir a Constituição. Não he logo possivel que possamos, com taes documentos diante de nós, lisongearmo-nos de que tal Constituição sêja o final da Revolução Franceza.

Ha porém ainda outras considerações de maior pezo, que nos fazem duvidar de que ésta accommodação sêja final. A revolução, que se chama da França, he em nossa opiniaõ uma revolução da Europa ; e consiste na disconveniencia das ideas do'nosso seculo, sobre Governo, e sobre politica, com os estabelicimentos, que devem a sua origem aos governos feudaes, introduzidos pelas naçoens barbaras, que se estabelecêram nas ruinas do Imperio Romano. Bonaparte, tentando apoderar-se da Monarchia total da Europa, imaginou o projecto de annihilar as sciencia do seculo presente, por meio da instituiçãõ que denominou Universidade Imperial. Os nossos Leytores acharãõ no nosso Jornal, Vol. I. p. 117, uma sufficiente noticia deste estabelicimento, para conhecer as vistas de Bonaparte a respeito das sciencias, e neste mesmo N.º. a p. 533, no extracto que fizemos da obra de Chateaubriand verá o Leytor, que Bonaparte levou o seu projecto chimerico ao ponto de mandar fazer novas ediçoens de authores antigos omittindo todas as passagens, que éram directa ou indirectamente contrarias ao despotismo ; a ver se assim extirpava todas as noçoens modernas de governo regular : esforços vãõs ; e que Bonaparte não poderia mais realizar, do que se mandasse tapar aos Francezes, e a toda a Europa, a luz do Sol.

He verdade, que nem mesmo os peiores Godoyamos da nossa idade ; que são dos mais afferrados defensores do despotismo, nunca tentaram pôr semelhantes barreiras aos progressos dos conhecimentos humanos ; mas não pode haver duvida, que o eloque das opinioens modernas com os estabelicimentos feudaes, são a causa originaria da revolução, que durante os 25 annos passados tem causado tanta confusão na Europa.

Então perguntaremos nós aos que dizem, que o restabelecimento dos Bourbons em França he o final, e ultimo periodo da presente revolução, e se este acontecimento concilia a differença entre as ideas de Governo actuaes, e os systemas introduzidos nos tempos feudaes?

Se o Senado da França fosse composto de bons patriotas, amigos das reformas uteis, e não de tumultos revolucionarios; se os ministros de Luiz XVIII. se deissassem de pensar no restabelecimento do que elles chamam antigos direitos; poderia esperar-se uma accommodação permanente. O tempo mostrará até que ponto isto se verificará.

Baste por agora isto, quanto aos interesses geraes dos Governos da França e da Europa, em quanto diz respeito ao estado actual de civilização, e ideas modernas. Passemos ao que importa aos interesses dos Estados individualmente.

Deixamos a cima transcripta a proclamação do Principe Christiano em Norwega, pela qual se vê, que os Norwegas estão resolvidos a não se submitterem ao Governo de Suecia; e ali observamos sobre isto o que nos pareceo fazer ao caso; no entanto o Principe da Coroa de Suecia, que tinha vindo a Paris, para avistar-se com os Soberanos Alliados, voltou ja, dirigindo-se á Norwega, para a fazer submitter por meio da força: sem duvida appellará para os Soberanos Alliados, e exigirá delles, que executem a garantia, que lhe prometteram daquelles Estados e qual será o seu comportamento neste caso?

Fez-se tambem um tractado de paz e alliança com Murat, que éra de facto Rey de Napoles; e consintiraõ os Alliados que se despoje a familia reynante em Sicilia do throno de Napoles, o qual perdeu pela unica razão de ser fiel a estes mesmos Alliados?

A esquadra, que se acha no Scheldt, foi feita pelos Francezes, porém muita parte dos materiaes, e o paiz em que se acha, pertence agora ao Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos; e como se decidirá a questãõ, a qual das Potencias pertence esta esquadra?

A organizaçãõ do Imperio de Alemanha foi radicalmente destruida, em alguns casos o restabelecimento he quasi impossivel, como pôr exemplo, na secularizaçãõ dos Principados Ecclesiasticos; quem dará nova Constituiçãõ á Alemanha; e quaes seraõ as compensaçoens?

A Italia, conforme todas as regras da saã politica, deveria formar um so Estado; que seria então assaz poderoso, para servir de equilibrio, entre a França e a Alemanha; mas conviraõ nisto estas Potencias; e os pequenos Principes, que all possuem terras, conviraõ em as deixar, sem equivalentes mui proveitosos?

A Hespanha formou nova Constituição na ausencia de seu Rey; este será mesmo obrigado a jurar a sua observancia, antes de entrar no exercicio dos poderes da Soberania. Se a Constituição tem partidistas, os seus inimigos não deixam de ser numerosos; e na verdade ella contem defeitos mui essenciaes; Far-se-hão as alteraçoes sem disturbio, e com a tranquillidade, e moderação, que assegurem a continuação da paz?

A restituição das colonias que a Inglaterra tomou á França e á Hollanda durante a guerra, e outros muitos pontos de menor importancia, não deixaráo tambem de entrar em discussão.

São estas ponderosas considerações, pelo que respeita o exterior da França, as que nos fazem temer, que se não possam remediar tão facilmente, como a maior parte da gente suppõem, os males que foram consequencias da Revolução Franceza.

Familia dos Bourbons.

S. M. El Rey de França Luiz XVIII. entrou em Londres aos 21 de Abril, vindo do lugar de seu retiro em Hartwell: foi recebido pela Corte, e pelo povo, com todas as demonstraçoens de respeito, e de alegria, que se podem imaginar, aos 22 jantou com S. A. R. o Principe Regente, e toda a Familia Real; e recebeu então a Ordem da Jarreteira. Aos 22 sahio de Londres para França, e o Principe Regente o foi acompanhar até Dover.

Luiz XVIII. he irmao do desgraçado Luiz XVI; e casou com uma Princeza de Saboya, de quem não teve filhos. O Conde de Artois, he o segundo Irmao a quem se dá o titulo de Monsieur, e se acha actualmente em Paris, Tenente-general do Reyno. O Duque de Angouleme he filho de Monsieur, e casado com a filha unica de Luiz XVI; não tem successão. Estes são os individuos existentes do ramo dos Capetos. Ao ramo de Conde pertencia o Duque de Enguien, e o actual Principe de Condé. Do ramo de Orleans; existe o Duque de Orleans, primeiro filho do que morreo guilhotinado, tendo assumido o nome de Egalité; e o segundo filho que he o Duque de Berry.

Bonaparte.

Este perverso individuo, que tão atrozes crimes cometteo no Mundo, que sacrificou tantas vidas á sua insaciavel ambição; que fez a miseria de tantos milhares de familias; alcança por fim, como castigo de tantos crimes, um asylo e retiro seguro, uma pensão consideravel, e o que mais he o titulo de Imperador, na ilha de Elba;

para onde partio ja, escoltado por um corpo de tropas, commandadas pelo General Lefebre Desnouettes.

Luiz XVI. não so não cometteo os crimes, que Bonaparte tem perpetrado ; mas nem se quer foi delles accusado, pelos seus mais sanguinarios inimigos ; e no entanto acabou a vida n'um cadafalso, e Bonaparte vai gozar de um azylo honroso ! Mais ainda ; fosse qual fosse o crime allegado contra Luiz XVI. a sua familia era innocente ; e no entanto foi perseguida, e vagamunda ; ate que não teve outro azylo senão na generosa Inglaterra ; d'onde pode agora provir esta generosidade dos Alliados a favor de um infame tal como Bonaparte ?

São-nos occultos os motivos politicos, que obrigáram as Potencias Alliadas a tractar Bonaparte com similhante brandura ; mas se as regras de moral que apren demos são verdadeiras, se a consideração do justo e do injusto he uma norma das acçoens dos homens, dictada pela razão, emanada da dividade ; o contraste entre o tractamento que recebo a familia dos Bourbons, e o que se faz agora a Bonaparte, não pode dar-nos senão a idea da mais indisciplpavel injustiça.

Nem nos digam que he castigo sufficiente entregar Bonaparte aos seus remorsos ; assaz tem esse malvado demonstrado, que possui uma consciencia calejada, a quem os remorsos não incommodam.

As ultimas noticias da França representam-nos a Jeronimo, e José Bonaparte á frente de alguns desertores, salteadores, e poucos soldados, continuando uma guerra de pilhagem, e mettendo á contribuição as pequenas povoaçoens, juncto a Orleans, que não tinham força para lhe resistir ; depois de Bonaparte ter sido deposto, e dado a sua resignação ; por consequencia sem que aquelles dous individuos tenham mais direito de fazer a guerra do que os piratas, e salteadores de estrada ; e ainda assim he a favor da familia dos Bonapartes, que se estipulam pensoens, e um retiro. Similhante modo de proceder, que confunde a virtude com o crime ; he verdadeiramente vergonhoso á humanidade.

Este modo de proceder das outras naçoens, naturalmente nos induz a fazer um devido elogio ao Principe Regente de Portugal. Pequeno como he o seu reyno, limitadas como são as suas rendas ; embaraçados como tem estado os seus negocios, foi o ultimo que reconheceo Bonaparte ; retirou-se para o Brazil, para não lhe obedecer ; tractou sempre com respeito a Familia dos Bourbons, e conservou-lhe sempre uma pensão proporcionadamente mui grande, considerando a limitação dos rendimentos de Portugal. Os Portuguezes, portanto, no

meio de tantos males, podem gabar-se da constancia de seu Soberano, e da consequencia de seus principios.

Os Alliados porém, com um absurdo inexplicavel, fizéram com Bonaparte um tractado assignado no dia 11 de Abril; quando elle resignou a Corôa no dia 6. Ao menos nestas inconsequencias não tem cahido o pequeno Portugal. Foi em virtude daquelle tractado, que Bonaparte ficou com a ilha d'Elba, uma pensão, e o titulo de Imperador.

HESPAÑHA.

As ultimas noticias da Hespanha não nos referem ainda a chegada de Fernando VII. a Madrid; porém annunciam authenticamente a sua entrada no Reyno; e que fóra a seu encontro uma deputação da Regencia, para o receber na forma do decreto das Cortes.

As noticias particulares annunciam a existencia de partidos politicos na Hespanha, uns contra, e outros a favor da Constituição. Designam-se estes partidos pelos nomes de *Liberal* e *Servil*. Estes partidos originam-se nos defeitos da mesma Constituição. A nobreza não tem nas Cortes a influencia que lhe he devida nos governos Monarchicos; a nação tem escolhido para seus representantes grande numero de ecclesiasticos, talvez por não achar facilmente em outras classes sufficiente numero de pessoas instruidas; ou porque estava até agora acostumada a olhar para os ecclesiasticos como para os unicos homens de instrucção. Este estado de cousas não póde continuar por longo tempo; e ou o Soberano, aproveitando-se das divisoes dos partidos os hade abater a ambos e fazer-se absoluto; ou se ha de modelar de novo a Constituição, á força de commoçoens ou sem ellas.

A expectação da chegada d'El Rey, e o choque dos partidos, tem quasi como esquecida a questão das colonias, aonde a guerra civil vai sempre lavrando; e por consequencia ganhando terreno as ideas de independencia. He notavel que o Governo da Hespanha tenha olhado com tanta indifferença, para um objecto, que he de interesse essencial á Monarchia.

INGLATERRA.

O Governo Inglez tem visto coroar a sua perseverança com o mais completo bom successo. Esta nação nunca reconhece o intruso Imperador dos Francezes; e chegou o momento de não ser ja mais necessario reconhecêllo. Os Inglezes tem feito nesta guerra sacrificios considerabilissimos; porém estabeleceram á custa delles o character nacional ao ponto de que será preciso passarem-se seculos de desgraças, antes que a reputação adquirida nesta guerra se possa destruir.

A disputa entre a Inglaterra e os Estados Unidos tem durado mais tempo do que éra de esperar; e a paz da Europa absolutamente remove o pretexto da guerra, que éram os direitos dos neutraes. Com a paz geral acaba taõ bem a questaõ de neutralidade; questaõ que nos fomos sempre de opiniaõ, que se devia decidir nos gabinetes, e não no campo de batalha. No entanto os Negociadores Americanos ja estaõ em Cothemburgo, aonde esperam os que se nomeárem da parte da Inglaterra.

As rendas publicas tiradas do Fundo Consolidado no quartel que finalizou aos 5 do corrente, foi de 9:692.000 libras esterlinas, excedendo o mesmo rendimento no quartel correspondente do anno passado, em 266.000 libras. As despezas fõram de 9:120.000, que excedem as correlativas do anno passado no mesmo periodo em 678.000 libras. O tributo sobre a propriedade experimentou no mesmo quartel um augmento de 439.000 libras; posto que as taxas de guerra soffrêram uma diminuição no todo de quasi 390.000. O papel Sellado rendeo perto de 40.000 libras; porém os direitos de alfandega e excisa produziram menos 44.000 libras, no mesmo periodo. O tributo sobre a propriedade produzio no anno que acabou aos 5 de Abril, mais de 14.000 libras; que excede o anno precedente em perto de 1:500,000.

PORTUGAL.

Inquisidor Geral.

Entre as novidades, que chegaram de Portugal neste mez, achamos uma, que nos excitou a fazer varias considerações, e a reflectir sobre as suas consequencias.

O facto he, que quando as tropas Alliadas, commandadas pelo General Beresford entraram em Bourdeaux, acháram ali o Inquisidor Geral juncto com outros Portuguezes, que foram de Portugal á França pedir um rey a Bonaparte, assim como, diz a fabuba, que as

raãs pediram um rey a Jupiter, que lhes deo para as governar um pedacinho do páo podre.

Tomamos por seguro, que todos esses Senhores, que foram pedir um rey a Napoleaõ Bonaparte, ou como agora descobriram os Francezes Nicolao Bonaparte, todos os que assignáram a petição de pedir um rey ao Nicolao, ou Napoleaõ, todos os que tivéram parte directa ou indirecta naquella petição, agora haõ de dizer, que foram obrigados a isso, succumbiram á força, e o que fizéram, por mais máo que pareça, foi feito contra sua vontade. Esta justificação será falsa a respeito de uns, e verdadeira a respeito de outros; e segundo a justiça, he preciso considerar os motivos, para averiguar o gráo de imputação, que merece a acção que se reputa criminosa. Estes motivos do individuo, conhecem-se pelas antecedencias ao facto, pelas circumstancias concurrentes, e ainda por declaraçoens, ou actos subsequentes, como sabem todos os juriconsultos criminalistas. Nós nos limitaremos aqui á consideração de um dos individuos, que he o o Inquisidor Geral, e deixamos á prudencia S. A. R., quando chegar a Lisboa, o fazer um acto de clemencia, declarando absolvidos a todos os implicados, ou praticar um acto de justiça, mandando processallos a todos, recompensando depois os que se acharem innocentes, pelos incommodos, que tiverem soffrido, e castigando os culpados com as penas da ley, ou mitigando-lhas, ou perdoando-lhas, como em seu poder he.

Portanto, não entrando na questãõ da criminalidade dos individuos todos, nem ainda mesmo deste em particular, o Inquisidor Geral, consideraremos sòmente a sua qualidade publica, e o lugar que elle occupava de Inquisidor Geral. Como individuo, particular, fazemos deste homem uma idea pessima; fanatico, vingativo, avaro, intrigante, possuía todas as qualidades que o faziam digno chefe de tal instituição, Porém supponhamos que nos enganamos nisto; (e o Leytor conjecturará, que quem escreve este paragrapho tem alguma razaõ para o conhecer) e supponhamos, que o Inquisidor Geral era homem, pelo menos, negativamente bom, isto he que não tinha grandes vicios; e assim o consideraremos na sua occupação de extirpador das heresias; e veremos no exemplo deste Inquisidor, quanto os Reys de Portugal se tem enganado em sua politica, julgando que a Inquisição podia ser util ao Governo.

Segundo os principios do Christianismo, he ponto que não admite disputa, que tal Inquisição nunca devêra existir; porque sustentar á força de ferro e fogo uma religião, cujos principios são os mais doces

e brandos que se podem imaginar, e em que seu divino Mestre mandou expressamente que se não usasse da força, he absurdo tão grosseiro, que não admite sequer lugar de disputa. A questaõ he somente, até que ponto a Inquisiçaõ, como um engenho da Politica, pode ser util ao Estado; a sua inutilidade, e mesmo sua perniciosidade, he o que nos parece mostrar-se no caso deste Inquisidor Geral.

Convem aqui lembrar, antes de mencionar o mal que este Inquisidor Geral fez ao Soberano e Naçaõ Portugueza; o importante facto de que foi um Inquisidor Geral, quem conspirou no plano para assassinar D. João IV.; extinguir a Casa de Bragança; e entregar outra vez o Reyno a El Rey de Castella.

Convem mais lembrar, que esse tal Inquisidor, se valeo do segredo da Inquisiçaõ, para continuar a sua correspondencia, com os demais conspirados; que se esperançou na influencia de sua graduaçaõ ecclesiastica, para accomodar o povo; porque o plano éra sahir elle, e o Arcebisço com suas cruces alçadas, e com a imagem de Christo crucificado pregar ao povo, que approvasse o assassinato d'El Rey. Tambem se valeo dos Judeos convertidos que chamam Christaõs novos, dando-lhes esperanza de melhor tractamento pela Inquisiçaõ. De maneira que, com a imagem do crucifixo se sahia em procissaõ, no Auto da Fé; pregando que por Jesuz Christo se deviam queimar as pessoas, que não criam na religiaõ ao modo e vontade dos Inquisidores: com a mesma imagem do crucifixo, se devia sahir em procissaõ, pregando, que se devia approvar o parricido d'El Rey, e de um rey escolhido pelos povos, e que fazia a felicidade da naçaõ; com a mesma capa de pureza da religiaõ se convidáram os christaõs novos, a entrar na conjuraçaõ; e lhe promettiam favores, em materias que esses mesmos hypocritas chamaram indispensaveis de consciencia.

Isto lembrado, pelo muito que faz ao nosso caso; vejamos o bem que essa Inquisiçaõ fez ao Estado, ou ao Soberano, no momento de aperto, em que os máos politicos e machiavelistas assentam, que ésta tenebrosa instituiçaõ póde ser util.

O Inquisidor Geral, em Lisboa, fez uma proclamaçaõ com o nome de pastoral, a qual nós não achamos na nossa collecçaõ, e como he papel importante o publicaremos por extenso no N.º seguinte; Nesta pastoral o Inquisidor Geral com a velhacaria propria da pessoa, e do character; alegou que o falecido Patriarcha de Lisboa, tinha ja seguido os mesmos principios de recommendar obediencia aos Francezes.

A esperteza do Inquisidor Geral consistia em poder désta arte justi-

ficar o seu comportamento com ambos os partidos ; porque aos Francezes allegava, que tinha citado a pastoral do Patriarcha, a fim de fazer mais poderosa a sua recommendaçãõ, firmada e apoiada na importante authoridade do Patriarcha ; ao Governo Portuguez allegaria, no caso que o chamassem a dar contas, que não tinha feito mais do que seguir o exemplo do Patriarcha ; que tinha citado mui expressamente, para mostrar que não obrava senãõ constrangido pela necessidade do momento. Temos logo que na occasiãõ de aperto, quando este Inquisidor podia servir ao Principe, segundo as noçoens erradas dos Machiavelistas, que querem fazer da Inquisiçãõ engenho politico ; no momento em que a ausencia do Principe faria necessario o animar e fortalecer os povos em sua fidelidade ao Soberano ; he nesse momento que Inquisidor Geral se vale da authoridade, que o seu lugar lhe ministra, para recommendar a obediencia aos inimigos da Patria ; e aceita a commissaõ de ir pedir um rey ao inimigo de seu Soberano, ao flágello da Europa.

Oh ! mas o Inquisidor Geral fez isto contra sua vontade. Bem, e entãõ de que serve dar authoridade, contemplaçãõ, influencia, e riquezas, a um homem, que no momento de infelicidade desampara o seu rey, por fraqueza como elle diz, e alem disso, mette na balança contraria o pezo, que teriam as suas admoestaçoens a favor do Soberano legitimo.

Qualquer pessoa do povo pode muito bem justificar-se em ter obedecido aos Francezes, alegando com a sua insignificancia : mas um homem, cujo lugar, cujas riquezas, cuja influencia, lhe são conferidos, segundo affirmam os taes Machiavelistas, para fortalecer o Governo, não basta que seja passivo, he preciso que tome uma parte activa em contrariar o inimigo, e sustentar a authoridade legitima de seu Soberano ; do contrario de que serviria esperdiçar honras e riquezas em um individuo, que na occasiãõ da necessidade encolhe os hombros, e se faz indifferente como qualquer da plebe ?

Porém aqui ha mais ; este homem, que devia expôr-se por seu Soberano, e não ficar indifferente, tomou partido contra elle ; usou da influencia que esse Soberano lhe tinha dado, a favor de seus inimigos, e contra o Estado. Depois deste exemplo, diga alguem que o Soberano possa contar com o apoio de tal Inquisiçãõ.

Talvez nos queiram desculpar a instituiçãõ da Inquisiçãõ, neste caso, attribuindo isto ao character do individuo. Nos precavemos ja isto, citando o caso de outro Inquisidor Geral, que conspirou contra a vida do Rey, e tal Rey como éra D. João IV. ; e com effeito somos

de opiniaõ, que todo o Inquisidor Geral obrará da mesma maneira ; e servirá ao Rey, somente em quanto lhe não fizer mais conta servir a outrem ; e porque : Porque só um hypocrita, e homem de mau character pôde aceitar e servir um lugar, em que está por força obrando contra a sua consciencia. Nem nos digam, que talvez o Inquisidor Geral cuida que obra segundo a sua consciencia, fomentando a carniceiria e fogueiras, contra as pessoas de persuasã differente da sua ; porque pelos mesmos principios, e practica dos Inquisidores se pode demonstrar, que a sua consciencia tal lhe não dicta.

Por exemplo. Dizem os Inquisidores, que pelos Canones da Igreja, elles como ecclíasticos não pôdem intervir em sentenças de morte, e nos casos dos reos de heresia, não são elles, mas os juizes seculares os que dão a sentença ; os Inquisidores pelo contrario oram a favor do reo. Se isto não he a mais refinada hypocrisia, não ha no mundo tal cousa chamada hypocrisia ; porque os Inquisidores, prendem os reos, declaram-nos culpados de heresia, entregam-nos ao braço secular, como taes, com a certeza de que vão a morrer queimados ; vem a execução de sentença de suas janellas: comem nesse dia um banquete com seus amigos ; e pretendem que cumprem com os deveres de ecclíasticos, em não fazer derramar sangue !

Temos o caso do outro hypocrita, que disse, não tinha alma de matar um caõ, que lhe furtára um pedaço de paõ ; mas que por todo o castigo lhe chamaria um nome. Esse nome foi sahir á rua, e gritar que o caõ estava danado ; com o que amotinou-se toda a gente a apredejar o caõ até que o matáram ; mas o hypocrita neste caso não fez senão chamar-lhe um nome.

Daqui se deve concluir, que sendo geraes os principios de hypocrisia, que dirigem as açcoens dos Inquisidores, he de esperar de todos elles as mesmas maldades.

Quanto ao individuo de que se tracta, o seu pessimo comportamento he bem sabido a respeito da Soberana, a quem elle quiz fazer um caso de Consciencia, que devia perdoar aos parentes do mesmo Inquisidor, que foram condemnados por crimes de lesa majestade, por haverem conspirado contra a vida d'El Rey D. José. Do individuo, portanto, não se podia esperar outra cousa ; porém o que se deve ter em vista, he, que os politicos aprendam daqui, que o poder e apoio principal dos reys deve consistir no amor de seus vassallos ; e não estribar-se em taes instituiçoens, que alem de serem injustas de sua natureza, falham sempre no momento em que poderiam servir.

Encanamento do Tejo.

Temos lido por mais de uma vez, em alguns impressos Portuguezes, que deve servir de elogio á Regencia de Lisboa, o ter cuidado do encanamento do Tejo, de que se tracta agora. Passamos por este negocio sem mais advertencia, mas a sua repetição vem puchar-nos pela lingua.

Muitas vezes acontece, que o proveito de um individuo, he igualmente util ao publico; mas he justo demascarar esta hypocrisia politica, pela qual os empregados publicos nos querem fazer engulir, que tem em vista somente o serviço do Soberano, quando na realidade estaõ sob capa promovendo só o seu interesse particular.

Esta gavação do encanamento do Tejo, não he mais nem menos senão a continuação do projecto do falecido D. Rodrigo, de limpar a valla de Alpiacere, ou Alpiaça, projecto, que se annunciou com a pomposidade do costume, de que era um canal, que fora ja aberto no tempo dos Romanos, &c., &c.

Sabidas as contas tudo não he senão um melhoramento para uma quinta que tem ali naquelle lugar a familia dos Roevides. Temos, outra que tal com a denuncia da quinta de Pancas, que fez o Principal Souza, que alegou para apparecer no character de denunciante, que o fazia simplesmente para que a Corôa não perdesse as rendas que eram suas; como se não soubesse todo o mundo, que a elle como denunciante lhe vinha a caber aquelle rendimento por sua vida.

Agora tambem, fazendo bulha com o encanamento de Tejo, temos a abertura de vala de Alpiacere; e por consequencia o grande melhoramento da quinta dos Roevides; mas nisto não se falla, basta que se annuncie mui pomposamente, que se tracta do *Encanamento do Tejo, em beneficio dos Povos.*

CONRESPONDENCIA.

*Carta ao Redactor, sobre a Superioridade das Tropas
Portuguezas.*

SENHOR REDACTOR DO CORREIO BRAZILIENSE! A imparcialidade com que V. M. falla em todas a materias, e de todas as naçoens, ainda mesmo Ingleza, na qual achou um abrigo, eo amor da verdade, que brilha constantemente no seu Jornal, desde a sua publicaçãõ, tem produzido nos seus leitores bem diversas sensaçõens; naquelles, que formãõ o pequeno circulo dos homens sensatos, e de probidade, uma particular estimaçãõ, e interesse pela sua pessoa, e nos *Godoyanos*, e seus apologistas um terror, e dezejo de vingança, que elles não podem encubrir: felizmente V. M. está fõra do alcance das suas garras, e tem constancia, e fortaleza bastante para seguir a glorioza vereda de illustrar os povos com o claraõ da verdade, sempre proveitoza aquem a ouve, ainda que as mais das vezes prejudicial aquem a diz. Longe do berço em que nasci, retirado na Ilha da Palma, uma das Canarias, para não prezenciar as desgraças da minha patria, tenho lido com enthusiasmo o seu interessante Jornal, e nelle o justo louvor dado ás tropas Portuguezas e desentranhado das suas mesmas reflexõens o conhecimento da sua superioridade decisiva sobre as Inglezas: isto he tão evidente para os que sabem ler com reflexãõ os papeis publicos, e que tem seguido com criterio as operaçõens dos exercitos em Portugal, e na Hespanha, desde a sua revoluçãõ, que seria escuzada esta demonstraçãõ; com tudo vou apresentar-lhe, na fiel narrativa de todas as batalhas na Peninsula, um testemunho irrefragavel desta verdade, para que chegando á respeitavel prezença dos illustres membros do Parlamento Britannico elles façãõ mais justiça ás tropas Portuguezas, e tenham a generosidade, quando falarem nellas de lhe darem a primazia sobre as da sua propria naçãõ, porque indisputavelmente a tem merecido. Seja-me permitido correr rapidamente o véo do esquecimento, ao brilhante quadro da Historia Portugueza daquelle tempo, em que as duas naçoens sempre rivaes, a penas figuravaõ no Mundo, pelas guerras civis, com que se dislaceravaõ, pelos assassinatos, e pelas atrocidades, bem semelhantes as da presente desgraçadissima época: nelle todos veraõ ainda hoje consagrar-se ao immortal Infante D. Henrique os cultos, que lhe saõ devidos, por ser o regenerador das artes, e sciencias na Europa: todos olharãõ com admiraçãõ, e respeito para a sua Academia de Sagres, donde sahiraõ os novos Argonautas a descubrir a Africa, Asia, e America: finalmente todos conheccraõ

que os discipulos do tão illustre Mestre, foraõ os primeiros, que emprehenderaõ a passagem do Cabo das Tormentas, descobrindo regioens até ali desconhecidas. Nesses tempos affortunados o valor Portuguez atroava o Universo, e inflamava o coração de todos os seus habitantes: a sua gloria ja não podia ter augmento. A prematura, e desastroza morte do Senhor Rey D. Sebastiaõ nas abrazadoras campinas da Africa, foi retrogadar os seus rapidos voõs; * Portugal perdeu a sua independencia, e foi ja entaõ sentenciado vergonhosamente pelos seus Governadores a ser uma Provincia de Hespanha. A revolução de 4640 restituo o throno, a quem legitimamente pertencia, e o valor Portuguez soube sustentar a coroa na cabeça do seu Monarca, que a transmittio aos seus descendentes. A paz subsequente a esta guerra de 28 annos afrouxou a nossa disciplina, sem extinguir o valor nacional; e uma mal entendida politica conservou os nossos militares na ociozidade, e insubordinação; e os postos superiores do exercito foraõ dados aos Grandes, eo merecimento pessoal ficou esbulhado do devido premio das suas fadigas, e sciencia militar. A espantosa revolução da França, fomentada pela ambição, e vingança estrangeira, e domestica, fazendo estremecer todos os thronos da Europa, com a morte do melhor dos Francezes, o infeliz Luiz XVI., produziu passados quazi dezoito annos a retirada de S. A. R. dos seus Estados de Portugal para os do novo Mundo; frustrando com tão acertada deliberação os perfidos intentos de um exercito invazor debaixo das ordens do General Junot; a errada politica deste Chefe Militar fez reviver nos Portuguezes os desejos da sua liberdade, e estimulados com o exemplo da Hespanha, quebraraõ os ferros da escravidão Franceza, proclamando com geral entusiasmo a sua independencia, e a Soberania da Serenissima Casa de Bragança. Esta época venturoza, mas sempre memoravel, tanto pela indiscreta ouzadia dos póvos, como pelos delirios, e perversidade dos seus Governantes, fêz renascer outra vez o heroismo nacional, e os desejos de recuperar aquella gloria, há tantos annos desmaiada na Africa, e que a mesquinha politica, ou incapacidade da maior parte dos Conselheiros da nossa Dynastia, tinha deixado em profundo lethargo. Uma Junta instalada no Porto em nome de S. A. R. chama em socorro a sua alliada a Gran Bretanha; esta nação generosa manda

* Não foi esta a unica causa da decadencia de Portugal, houveraõ outras; sendo a principal a ereção do Infame Tribunal da Inquisição no Reynado do Senhor D. Joaõ III.; desde entaõ os homens de letras e o verdadeiro merecimento foraõ perseguidos, e a razão quazi sempre agrilhoada nos carceros do Santo Officio, e por consequencia transtornados os vastos projectos d' Academia de Sagres do Grande Infante D. Henrique.

imediatamente um exercito debaixo das ordens de Sir Arthur Wellesley, que desembarcando junto a Figueira alcançou os primeiros troféos na Roliça, dezalojando daquella montanha o General Francez Delaborde. A 21 de Agosto bate completamente o General Junot no Vimeiro: já mil equinhentos Portuguezes, e um corpo d'artilleria accompanhaõ o seu exercito; e talvez ao seu commandante Diogo Guterres se devesse a victoria, naõ só pela boa direcção de seu fogo, como por conhecer, e indicar ao General d' Artilheria Ingleza o estratagemas do inimigo. O resultado desta gloriosa batalha foi a Convenção do Cintra;* a inauguração do antigo Governo de S. A. R.; e a sahida do exercito Francez de Portugal. Em quanto a tropa Portugueza se vai reorganizando, e adquirindo, debaixo do commando do Marechal Beresford, a disciplina, que lhe faltava, para vir a ser o modelo das da Europa, e a melhor do Mundo. O General Inglez Sir Joaõ Moore he completamente batido em Lugo aos 16 de Janeiro, de 1809, pelo

* Esta convenção foi logo illudida por aquelles mesmos, que acabavaõ de assignala, e nos artigos mais politicos e convenientes a Portugal: o General Dalrymple restabelecendo o Governo de S. A. R. infringio-a immediatamente, excluindo d'elle Pedro de Mello Breyner, o Principal Castro, e o Conde de S. Payo: estes Fidalgos eraõ os mais instruidos do Governo; e os dois ultimos talvez os demais honra, e probidade do Reyno, porem todos elles mais inimigos dos Francezes, do que os contemplados pelo General Inglez: este foi taõbem illudido pela ambição de Marechal de Campo Bernardim Freire de Andrade, e do seu Quartel-mestre General, que aspiravaõ a entrar na Administracão da Suprema Authoridade; e por isso tiveraõ a indignidade de naõ lembrar a restituicão da tropa Portugueza, que marchou para França, quando se tratava da dita Convenção, nem a vinda da Deputacão dos Fidalgos; insinuando aleivozamente aos Generaes Inglezes, que o povo naõ gostava dos tres excluidos, por suspeitos de adheção aos Francezes, persuadindo-se que assim facilitariaõ a sua eleiçãõ: enganaraõ-se porque este manejo naõ escapou ao mais immoral dos Governadores D. Francisco Xavier de Noronha, e para o desconcertar influio para nomeaçãõ do Marquez das Minas, e do Bispo do Porto, que elle suppunha manejaria segundo a sua vontade. Os Generaes Inglezes; naõ conhecendo a baixa intriga, nem as vistas ambiciozas dos Chefes do exercito Portuguez, quebrantaraõ o que tinham convencionado com o General Francez; e desta falta de execuçãõ em alguns artigos deste bem concebido Tractado, dimanou a ochlocracia, e consequentemente as desgraças, e perseguiçoens, que opprimiraõ os habitantes de Portugal.

Marechal Soult, ferido o Tenente-general Baird, e o resto deste exercito das tropas mais escolhidas da Inglaterra obrigado a embarcar na Corunha com tanta precipitaçãõ, que até não tiverãõ tempo de levar com sigo o General de Divisaõ Quesnel com todo o seu Estado Maior, dois Coroneis, e o Corregedor Mor Taboureau ; que ali tinhaõ sido levados pelo General Hespanhol D. Domingos Belestre. As gazetas daquelle tempo tiveram a imprudencia de comparar esta fugida com a memoravel retirada do General Moreau da Boheunia, porem ellas só enganaraõ os credulos, e ignorantes na arte da Guerra. Todo o Portugal vio nessa mesma occasiaõ o terror panico, que se infundio, com uma tal noticia, em alguns regimentos Inglezes, que marchavaõ para a Hespanha, e o desacordo, e debandada em que entraraõ em Cidade Rodrigo, e Castello Branco, cometendo os maiores excessos na sua fugida, contra aquelles mesmos póvos, que hiaõ defender. Foi entãõ, que os Inglezes residentes em Portugal, tuõbem viraõ a valorosa rapidez, com que o Tenente-general Antonio Jozé de Miranda Henriquez marchou de Thomar com o pequeno exercito, que tinha debaixo das suas ordens, em auxilio daquellas tropas, mostrando-lhe assim o valor Portuguez, para que o imitassem, e nunca fugissem, sem saber do que fugiaõ. Este mesmo Marechal Soult, que tinha derrotado, e morto o mais acreditado General da Inglaterra, commandando somente tropas veteranas de sua naçaõ, tendo entrado triunfante na Cidade do Porto, vê se obrigado a sahir della, e he batido na passagem do Douro aos 12 de Março, de 1809, e nos dias seguintes pelos Portuguezes, e Inglezes, commandados por Sir Arthur Wellesley. Já o vencedor de Lugo tinha visto paralizada a sua gloria, antes da retirada do Porto, por um General Portuguez, Silveira, á frente de Ordenanças, Milicias, e o resto dos Regimentos de Chaves, e Bragança, defender pelo espaço de 18 dias a ponte de Amarante, contra as tropas Francezas ás ordens do General Loison ; mostrando já naquelle tempo, que era taõ capaz de commandar, como os experimentados Generaes Inglezes. A ponte forçada finalmente a 2 de Mayo a custa de muitos Officiaes Francezes, de distincçaõ mortos, e por effeito das " Sappees Volantes" obrigou o General Silveira a retirar-se em ordem para os *Padroens d' Teixeira* na margem esquerda do Douro, aonde permaneceu até a chegada do Marechal Beresford, com o qual, avançando retornou a ponte, e seguiu só com o seu corpo o caminho de Chaves no alcance dos Francezes. Não posso deixar de fazer aqui uma mençaõ honroza dos conhecimentos militares do Major Verissimo ; o voto deste valorozo Official era de marchar sobre Salamonde, e Ruivaens, para tomar a direita do Marechal Soult, porem Beresford fez seguir a estrada de Chaves, perdendo assim dois dias de marcha ; e quando este corpo chegou a Montalegre, foi no mesmo dia, em que sahiram os France-

zes; verificando-se, que se fosse adoptado o parecer do dito Major, ter-se-hia tomado a direita ao inimigo: este Official foi depois victima da sua franqueza e soffreu por saber mais da Geographia do paiz, que o seu General. Sir A. Wellesley não foi tão bem succedido em Talavera nos dias 27 e 28 de Julho, de 1809, em que tinha debaixo das suas ordens somente tropas Inglezas, unidas á Hespanholas, commandadas pelo General Cuesta; aquelle General batido pelo Marechal Victor, foi obrigado a retirar-se para Badajoz, deixando seis mil doentes á discricião do inimigo. Pede a verdade, que eu faça justiça ao valor dos Soldados Inglezes nesta acção, assim como tão bem á cavallaria Hespanhola, que tanto concorreu para a salvação do exercito Britannico. Já no Bussaco aos 27 de Setembro, de 1810, Lord Wellington commanda Portuguezes, e ali recupera a gloria perdida em Talavera. O Principe de Esseling; denominado o Anjo da Victoria, não hé completamente batido naquella acção, pela retirada das tropas alliadas ás linhas que defendião Lisboa. Todo o exercito ficou pasmado de ordem tão ivesperada; e os Portuguezes desgostozos da desconfiança, ou demaziada prudencia do seu General; e os militares da Europa ainda hoje não podéraõ conceber a razão porque um exercito de mais de settenta e dois mil combatentes, maõ quiz decedir uma acção contra quarenta mil Francezes, cançados de marchas, e sem a competente artilheria.*

Em quanto o Principe d' Essling devastava a Estremadura; os Portuguezes debaixo das ordens do Coronel Trant tomavaõ Coimbra mostrando assim a Lord Wellington, que podia contar com o seu valor, e sahir das linhas para combater o inimigo. Quasi nesse mesmo tempo o General Inglez Sir T. Graham, e o General Hespanhol Lapenha saõ vencidos em Barroza aos 5 de Março, de 1811, pelo Duque de Belluno; e os Inglezes se tiraõ a Ilha de Leaõ. O General Lapenha os salvou de uma derrota total, como consta da sua justificação, e Conselho de Guerra impresso em Cadiz. Lord Wellington, perseguindo o exercito do Principe d' Esseling, que abandonava a Estremadura Portugueza, depois de o ter encurrulado por mais de cinco mezes dentro das linhas de Lisboa, mostra em Fuente d' Honor aos 3 de Mayo, de 1811, que pôde atacar affoitamente ao exercito Francez, sempre que tiver debaixo do seu commando tropas Portuguezas. Na batalha d' Albuera aos 16 de Mayo, de 1811, se verifica melhor esta verdade: o exercito alliado das tres naçoens debaixo das ordens do Marechal Beresford, e de D. Joaquim Blake resistem, ao impetuoso ataque do Duque de Dalmacia, conservaõ o campo da batalha, e obrigam este General a retirar-se, deixando-o

* Morning Chronicle, 21, 23, e 24 de Outubro, de 1811.

alastrado dos seus soldados mortos. Em Fuente Grinaldi aos 27 de Setembro, de 1811, Lord Wellington adquire novos loiros, commandando Portuguezes, Inglezes, e Hespanhoes, e fez ver ao Duque de Ragusa, que elle hé invencivel, quando no seu exercito tremulaõ bandeiras Portuguezas. Naõ podia dizer outro tanto o General Slade commandando Inglezes, e Hespanhoes, porque em Valença de las Torres aos 11 de Junho, de 1812, foi vencido pelo General Francez L' Allemand. O Marquez de Torres Vedras commandando os bravos Portuguezes, e Hespanhões ganha novos loiros na batalha de Salamanca aos 22 de Julho, de 1812, e derrota completamente o Duque de Ragusa. Pouco depois o General Maitland com Inglezes e um corpo de tropas Hespanholas, superior as dos Francezes hé batido em Murcia por Suchet. Este General vence com a mesma facilidade a Sir J. Murray em Bivar, no mez de Abril, de 1813. Dois mezes depois, aos 21 de Junho do mesmo anno, o Duque da Victoria immortaliza-se a si, e as tropas Portuguezas na memoravel batalha da Victoria, em que derrotou decizivamente o exercito Francez debaixo das ordens do Rey Jozé, e do Marechal Jordan. A fortuna, que acompanha o Marlborough dos nossos dias, dezampara todos os Generaes Inglezes, que naõ commandam Portuguezes. A primeira expedição da Catalunha de Inglezes, e Hespanhoes, conduzida por Sir J. Murray, e desembarcada a 3 de Junho foi malograda e este General vencido pelo Duque de Albufera a 13, 15, 16, e 17 de Junho tornou a embarcar com grande perda, deixando a maior parte da sua artilheria, e fugindo sem ver o inimigo, chegou a Alicante no dia 24. A segunda expedição commandada por Lord Bentinck teve o mesmo desgraçado successo: o exercito Anglo-Hespanhol avançou nos principios de Setembro, porem foi successivamente batido pelo Duque d' Albufera em Ordal, Villa Franca, Arbos, La-Vendrell, Cambrill, e Hospital; e a 22 re-embarcou para a Cecilia, deixando o commando ao General Clinton, que ainda naõ reparou os desastres acontecidos ao seu antecessor. Que seria da liberdade da Peninsula, se o Marlborough moderno naõ tivesse Portuguezes no seu exercito. Estes, juntamente com Inglezes, tinhaõ já, aos 12 de Janeiro, de 1812, escalado, á sua vista, Cidade Rodrigo. O assalto da direita foi dado pelas tropas Portuguezas, e o Batalhaõ 20 de Caçadores, e 5 de linha se cubrião de gloria nesta acção. Badajoz teve a mesma sorte a 5 de Abril do mesmo anno: o Marquez de Torres Vedras presenciou a bravura do Regimento Portuguez 15 de linha, e 8 de Caçadores, que tomáram de assalto o Castello, e que se distinguiraõ sobre todas as outras tropas. S. Sebastiaõ naõ pode resistir a tanto heroismo, cahio no poder dos alliados ás 11 horas da noute do dia 1.º de Setembro, de 1813: as tropas Portuguezas fizeiraõ quasi tudo; e os regimentos 3, 13, e 15 de linha, 5, e 8 de Caçadores, que ali se

achavam, mereceram os elogios dos seus Generaes, e a admiração dos seus mesmos inimigos. Tenho succintamente referido todos os successos militares acontecidos na Peninsula, extrahidos com imparcialidade de todas as gazetas daquelle tempo; deixando no esquecimento as repetidas desgraças dos exercitos Britannicos na França, e Hollanda, desde o principio da Revolução Franceza; agora sô me resta fazer umas breves reflexoens, para evidenciar, que os Portuguezes saõ os que mais tem concorrido para livrar da escravidão a Peninsula, e talvez a Europa e que as tropas desta nação saõ presentemente superiores ás Inglezas, e Hespanholas.

He taõ manifesta esta verdade, que pela narraçãõ das batalhas, vemos os mesmos Generaes Inglezes vencidos pelos Francezes, sempre que não commandaõ Portuguezes, e constantemente victoriosos, quando nos seus exercitos apparecem as suas bandeiras, e por consequencia os Generaes devedores da sua fortuna, e gloria unicamente ao valor das tropas Portuguezes. A Europa vio com susto, e magoa a derrota de Moore em Lugo; desmaiar-se a gloria de Wellesley em Talavera; batido vergonhosamente Murray em Murcia, e Catalunha, e perdidos os loiros adquiridos na campanha de Março, Abril, Mayo, e Junho em Portugal, na gloriosa passagem do Douro, que elle conduzio pela parte de Avintes; e alegra-se ao mesmo tempo, de ver Graham vencido em Barrosa, distinguir-se á frente dos Portuguezes nas Campanhas de 1811, 1812, e 1813, e cubrir-se de tropheos, e de gloria. De mais, não escapa á vista penetrante do observador militar, que a esquerda das operaçoens bellicas na Hespanha, tendo sido confiada a Portuguezes, estes se acham quasi a um anno no territorio Francez defrente de Baoyna, e que a direita composta de Inglezes, com uma successiva alteraçãõ de Generaes, como Wittingham, Maitland, Murray, Bentinck, e Clinton, junta com Hespanhoes, nada tem feito, porque deixaõ estar os Francezes quasi nas mesmas posiçoens, que occupavaõ em 1808; e se estes fazem algum movimento retrogado, hê motivado pelo adiantamento da esquerda, aonde há tropas Portuguezas, as quais repelindo os continuos ataques do Duque de Dalmacia, estimulaõ com o seu exemplo o exercito da direita, a desalojar daquelle fertil Provincia o inimigo commum, e a fazer-se digno daquelles elogios, que só o orgulho, e a inveja perteude roubar ao valor, disciplina, e modestia das tropas Portuguezas. Não he o meu intento, quando faço justiça aos meus Compatriotas, deixar de tributar o devido louvor ao enthusiasmo, e coragem das tropas Hespanholas, e Inglezas; nem tenho o arrojo de denigrir a reputaçãõ dos seus peritos, e valorosos Generaes: a todos elles consagro a minha admiraçãõ, e respeito, a uns, pela sua bravura nos combates, **pela sua constancia no meio dos perigos, e pela gloriosa porfia em conservar a sua independencia**; aos outros por introduzirem a dis-

ciplina no exercito Portuguez, por desenvolverem o brio nacional, e por darem ás nossas tropas a occasiaõ demonstrarem a sua superioridade sobre todas as da Europa; devendo ser particularizado entre estes o Marquez de Campo Mayor, pelo seu constante disvello em promover a subordinaçaõ, ensinando primeiro a obedecer, para serem capazes de commandar. Felizmente já temos Generaes, e Officiaes taõ bons, ou melhores, que os seus mestres; e se elles naõ tem feito luzir a sua superioridade das mesma forma, que as tropas, que commandaõ, hé, porque a maior parte dos postos do Estado Maior dos regimentos estaõ preenchidos por Inglezes; plano este conveniente á disciplina no principio, mas hoje desnecessario, e até desairozo ao brio nacional. Bravos Portuguezes do exercito, que piza as margens do Adour, illustres Camaradas, libertadores da Peninsula, recebei os applauzos de um Militar já velho, que naõ podendo ajudar-vos com a espada, vos tem seguido, mesmo de longe, por entre os combates. e os perigos, participando igualmente da vossa gloria; recebei este testemunho, que vos consagra aminha amizade, e estimaçaõ, e ficai certos, que, se a inveja vos privar de todo louvor, que mereceis, a minha penna fará com que a posteridade vos restitua, o que a ingratiçaõ, e orgulho vos roubou na Geraçaõ presente. Os fins aque me porpuz nesta carta, estam assaz preenchidos; queira pois V. M. imprimilla no seu excellente Jornal; nelle as verdades acham sempre um lugar, e no seu author os mais efficazes desejos de as espalhar pelo Mundo, a bem da instrucçaõ publica, e da humanidade opprimida; se desagradar a franqueza da sua lingoagem, tenham paciencia, outro tanto me succede, quando a vejo profanada no Sanctuario da liberdade, e leio nas gazetas Inglezas, attribuir-se toda a gloria ao exercito Britannico; vendo taõbem entre uma naçaõ illustre, e generosa, que a impostura, e a calumnia triunfa o mais das vezes da innocencia, e da verdade.

Sou com a mais particular estima, e affeiçaõ,

De V. M^{cc}.

Attento Venerador, a constante amigo,

UM PORTUGUEZ.

Ilha da Palma, 3 de Janeiro, de 1814.

